



Caderno

Seminal
Digital



ISSN 1806-9142
Qualis "B2" na tabela CAPES

Saderno Seminal

 **Dialogarts**
PUBLICAÇÕES

1994 – 2013
19 anos de produção



Caderno Seminal Digital – Vol. 19 – Nº 19 – (Jan-Jun/2013). Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013. — Volume Especial

ISSN 1806-9142

Semestral

1. Linguística Aplicada – Periódicos. 2. Linguagem – Periódicos. 3. Literatura - Periódicos. I.

Titulo: Caderno Seminal Digital. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

CONSELHO CONSULTIVO

André Valente (UERJ / FACHA)
Aira Suzana Ribeiro Martins (CPII)
Claudio Cezar Henriques (UERJ / UNESA)
Claudio Manoel de Carvalho Correia (UFAM)
Darcilia Marindir Pinto Simões (UERJ/CNPq)
Denilson Pereira de Matos (UFPB)
Flavio Garcia (UERJ / UNISUAM)
Jose Luís Jobim (UERJ / UFF)
Magnólia B. B. do Nascimento (UFF)
Maria Geralda de Miranda (UNISUAM / UNESA)
Maria Suzett Biembengut Santade (FMPFM E FIMI-SP)
Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ)
Regina Michelli (UERJ / UNISUAM)
Rui Ramos (Universidade do Minho, Portugal)
Sílvia Ribeiro da Silva (UFG)
Vilson José Leffa (UCPel-RS)

EDITORA

Darcilia Simões

COEDITOR

Flavio Garcia

ASSESSOR EXECUTIVO

Claudio Cezar Henriques

DIAGRAMAÇÃO

Darcilia Simões

PROJETO DE CAPA

Carlos Henrique Braga Brandão
(colaborador)

LOGOTIPO

Gisela Abad

Contato:

caderno.seminal@gmail.com

publicacoes.dialogarts@gmail.com

Equipe de Designers: Igor Cesar Rosa da Silva (Proatec IV); Guilhermy Lodi (Proatec III); Carlos Henrique B. Brandão, Marcos Rocha Vieira e Diego de Vilela Marinho (voluntários)

Equipe de revisão e preparação de textos: Darlene A. Moreira, Elisa Gomes Bento, Érica de Freitas Góes, Érika Ramos Marques, Isabela Eduardo Cruz, Tuane Silva Mattos, Jessica Juliana Silva Bezerra

Conselho Consultivo *ad hoc*

Aira Suzana Ribeiro Martins	Colégio Pedro II
Ana Cristina dos Santos Malfacini	UniFOA
André Nemi Conforte	UERJ
Claudia Moura da Rocha	Faculdade de São Bento
Claudio Artur O. Rei	UNESA
Cláudio Luiz Abreu Fonseca	UFMT
Claudio Manuel de Carvalho Correia	UFAM
Danúsia Torres dos Santos	UFRJ
Denilson Pereira de Matos	UFPB
Denise Salim Santos	UERJ
Eliana Meneses de Melo	UMC
Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin	UFC
Flávio de Aguiar Barbosa	UERJ
Helena Topa Valentim	U. Nova de Lisboa
Kátia Regina Rebello da Costa	CEFET
Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista	UNICAMP
Lucia Deborah de Araújo	UERJ/UNESA/CP II
Mari Noeli Kiehl Iapechino	UFRPE
Maria Aparecida Barbosa	USP
Maria do Socorro Silva Aragão	UFPB/UFC
Maria Suzett Biembengut Santade	FIMI, FPFM
Marlene Fortuna	UNICAMP
Sílvio Ribeiro da Silva	UFG
Sônia Maria Cândido da Silva	UFPB
Tania Granja Shepherd	UERJ
Vera Costa Pereira Bomfim	Faculdade de São Bento
Wanilda Lima Vidal de Lacerda	UFPB



PALAVRAS DO EDITOR

Eis que é dado à luz um volume especial do **Caderno Seminal Digital**. Trata-se de volume **temático** que reúne artigos relevantes sobre **Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Toponímia**. São relatos de estudos e pesquisas concluídas ou em desenvolvimento, que se debruçam sobre temas de natureza linguística e pedagógica, trazendo à discussão uma variedade de questões que há muito povoam as salas de aula e as academias.

A iniciativa das **Publicações Dialogarts** é embalada pelo espírito extensionista, cuja meta é abrir as portas da academia e levar, aos mais diversos rincões, a produção de ciência, subsidiada por órgãos públicos e privados, portanto com a obrigação de ser mostrada ao grande público e, possivelmente, servir-lhe de base para redimensionamento de suas práticas ou de inspiração para novas invenções.

A criação dos volumes temáticos do **Caderno Seminal Digital** vem responder a demanda de submissões decorrentes de encontros acadêmicos no Brasil e no estrangeiro. Esclarecemos, ainda, que o conteúdo técnico-científico dos artigos, bem como sua expressão linguística, é de inteira responsabilidade dos autores.

Seguindo o objetivo de nosso projeto editorial, buscamos reunir textos de qualidade e autoridade acadêmica que possam dar suporte ao ensino na graduação e na pós-graduação, consolidando o tripé em que devem assentar-se as Universidades:

Ensino, Pesquisa e Extensão.

Darcília Simões

UERJ/CNPq/SELEPROT





Saderno Seminal



APRESENTAÇÃO

Como produto da 15ª edição do MINIENAPOL de Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Toponímia e Tradução ocorrido em 10 e 11 de dezembro de 2012, temos a honra de apresentar os artigos que foram objeto das comunicações dos participantes de mais este evento, na revista online, DIALOGARTS, coordenada pela Profª. Drª. Darcília

Simões, da UERJ. Como tradicionalmente acontece na FFLCH da USP, foram vários os domínios dos Estudos da Linguagem abordados nas comunicações, e aqui apresentamos uma seleção dos trabalhos, focalizando pesquisas nas áreas de Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Léxico e Literatura, Toponímia, Discurso, Linguística de Córpus e Tradução. Contamos ainda com a colaboração da Profª Drª Maria Margarida de Andrade, que convidada a proferir uma conferência, prontamente, enviou seu texto “Relações entre dialética e recorte cultural” para publicação. Aproveitamos para agradecer a todos os participantes e também à professora Darcília Simões, que gentilmente tornou possível essa publicação.

Maria Aparecida Barbosa

Julho, 2013.



SUMÁRIO

A BAHIA DE JORGE AMADO E AS DOS TRADUTORES LITERÁRIOS: ENCONTROS E DESENCONTOS.	8
André Luiz Ming Garcia & Érica Santos Soares de Freitas	
COMPONENTES CULTURAIS EM LÉXICO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS .29	
Eliana Meneses de MELO (UMC/GRUPPU)	29
OS CRUZAMENTOS VOCABULARES E OS SUFIXOS.....	49
Nilsa Areán-García (USP)	49
A DIALÉTICA ENTRE OS EXTREMOS: DA TERMINOLOGIA À ETNOTERMINOLOGIA	70
Vanice Ribeiro Dias LATORRE	70
A IMPORTÂNCIA DAS FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS NA ELABORAÇÃO DO ATLAS TOPONÍMICO DO ESTADO DE MATO GROSSO.....	95
Maria Aparecida de Carvalho (USP)	95
AS MUITAS TRADUÇÕES DE JEKYLL E HYDE EM PORTUGUÊS	115
Ana Julia Perrotti Garcia	115
PRODUÇÃO DE UM DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO MULTILÍNGUE DE <i>AGENCIAMENTO DE VIAGENS E TURISMO</i> : DISCUSSÃO ACERCA DO TERMO <i>AGÊNCIA</i>	138
Maria Aparecida Barbosa & Claudia Maria Astorino	



PROPOSTA DE ELABORAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO BILÍNGUE DE TERMOS SIMPLES, EXPRESSÕES FIXAS E SEMIFIXAS DA ÁREA DE SENSORIAMENTO REMOTO	161
Diva Cardoso de Camargo & Dalila dos Santos Hasmann	
RELAÇÕES ENTRE DIALÉTICA E RECORTE CULTURAL	181
Maria Margarida de Andrade (UPMackenzie)	
“RETIRADA” – CANTANDO A VIDA NO SERTÃO	194
Darcilia M. P. SIMÕES & M ^a Suzett BIEMBENGUT SANTADE	
PERFIL DOS AUTORES	215

A BAHIA DE JORGE AMADO E AS DOS TRADUTORES LITERÁRIOS: ENCONTROS E DESENCONTROS.

JORGE AMADO'S BAHIA AND THAT OF THE LITERARY TRANSLATORS: ENCOUNTERS
AND MISENCOUNTERS

André Luiz Ming Garcia (USP/CAPES)
Érica Santos Soares de Freitas (USP/CAPES)

Resumo: O objetivo deste trabalho é, com base em uma análise das traduções ao espanhol peninsular e ao catalão de *Gabriela, cravo e canela* (Amado), discutir o papel do tradutor literário e sua responsabilidade social. O tradutor desempenha o papel de um mediador cultural (KATAN, 1996) e realizador do que chamamos de vórtex intercultural, i.e. , uma janela aberta pela tradução que estabelece uma ponte de observação de aspectos da cultura do “outro”. Observar-se-ão, pelas análises feitas, as escolhas dos tradutores, diante das dificuldades geradas pela intensa presença de culturemas (VEERMER, *apud* MARTÍNEZ, 2001) no texto origem, pois corresponderam a diferentes normas e, em uma variedade de casos, contribuíram com a manutenção e a expansão de preconceitos acerca de aspectos da cultura baiana (e brasileira), pouco conhecidos na Espanha.

Palavras-chave: Tradutologia; Estudos Interculturais; *Gabriela, cravo e canela*; mediação intercultural; alteridade.

Abstract: The aim of this work is, based on an analysis of the translations into Spanish and Catalan of *Gabriela, Clove and Cinnamon* (Amado), to discuss the role of the literary translator and his social responsibility. The translator plays the role of a cultural mediator (KATAN, 1996) and director of what we call intercultural

vortex, i.e., an open window for the translation establishing a bridge for observation of aspects of the culture of "the other." It shall be observed, by the analyzes made, that the choices of the translators, given the difficulties caused by the intense presence of intense culturemes (VERMEER, *apud* MARTÍNEZ, 2001) in the source text correspond to different standards, and in a variety of cases, contributed with the maintenance and expansion of prejudices about aspects of the culture of Bahia (and Brazil), which are little known in Spain.

Keywords: Cultural studies; Literary translation; *Gabriela, cravo e canela*; intercultural mediation; alterity.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se no âmbito da tradutologia, especificamente nos estudos acerca da tradução literária e dos estudos interculturais. Seu objetivo geral é abordar as relações entre as escolhas do tradutor, a fim de que este resolva conflitos relativos à tradução de referentes culturais e à representação geral da cultura traduzida no seio da cultura do texto-meta.

Neste caso, dedicar-nos-emos, especificamente, a algumas traduções espanholas ao castelhano e ao catalão, de *Gabriela, cravo e canela* (*Gabriela, clavo y canela, e Gabriela, clau y canyella*, respectivamente), de Jorge Amado, com vista a analisarmos a resolução de dificuldades oriundas na tradução de referentes culturais pertencentes à gastronomia locais existentes nesse texto. Observaremos, ainda, as

pronunciadas diferenças entre esses referentes e a cultura europeia, em geral, que tornam seu processo de tradução uma tarefa bastante árdua.

Com base em conceitos advindos da semiótica, partimos do pressuposto de que a tradução consiste de uma aproximação quase paralela de uma expansão semiótica de duas culturas diferentes; porém, ao se tratar de um novo texto estruturado em outra língua, embora com uma subversão da função semiótica tradicional dos signos que o compões, permite uma breve proximidade à cultura do “outro”, e se oferece como uma janela através da qual se pode espreitar elementos da outra cultura, janela que chamaremos “vórtex intercultural”. O número e os tipos de camadas interpoladas entre o vórtex e o objeto intercultural determinarão o valor e a forma de representação recebida pela cultura traduzida na língua e cultura-meta.

Nossa proposta não consiste em realizar, ao longo deste texto, uma análise exaustiva de todas as ocorrências dos referentes existentes, pois não é o escopo deste trabalho. Nossa intenção é observar alguns exemplos considerados mais significativos, cuja verificação possibilitará o cumprimento de nossos objetivos. Pretendemos chamar a atenção do leitor para a relação de reiteração de preconceitos populares e pré-existentes em uma cultura, por meio da tradução irradiante de tais preconceitos. Demonstraremos que, ao mesmo tempo em que a obra literária (e sua tradução) pode refletir a imagem

que dentro de uma cultura faz-se da “outra”, funciona, ademais, como fonte de informação ou desinformação e resolução ou estabelecimento de estereótipos relacionados com essa outra cultura. No caso da brasileira (mais especificamente da baiana), retratada nos textos de Jorge Amado, tal análise demonstra-se muito relevante, ao se tratar de uma cultura sul-americana, sobre a qual chegam à Europa informações por vezes parciais, distorcidas e impregnadas de fortes estereótipos (MENDES, 2004).

Ao mesmo tempo em que debateremos o papel do mediador cultural e sua responsabilidade social, que em determinadas traduções circulantes da Espanha das obras mencionadas, não apenas prejudicam e diminuem o nível geral de informação acerca das culturas brasileira e sul-americanas, mas também reforçam preconceitos e deturpações de manifestações culturais desse subcontinente.

Na primeira parte, exporemos os fundamentos teóricos que nos permitiram proceder, na segunda parte, à análise crítica das traduções dos textos analisados e do conteúdo ideológico implícito de determinadas escolhas dos tradutores. Para tal, utilizaremos um *corpus* de culturemas recortados das traduções, a fim de compará-lo com o texto original de Amado. Ao final, apresentaremos nossas considerações e sugestões.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quero falar da descoberta que o eu
faz do outro. O assunto é imenso.

Tzvetan Todorov

Toda área de conhecimento consiste, *a priori*, numa área de desconhecimento; o paradoxo é explicado se distinguirmos as pessoas não especializadas das especialistas no assunto. Em relação aos estudos linguísticos, tradutológicos e interculturais, a mesma contradição surge bastante pronunciada, visto que o falante é habilitado a falar sua língua materna e, por meio dela, manipula a linguagem; caso esteja capacitado a falar duas ou mais línguas, além da linguagem observará distinções entre culturas, visto que domina os atos de traduzir e decodificar.

Para muitos, a linguagem em si, a atividade tradutora ou as relações transculturais são realidades quase indiscutíveis, das quais todos somos mestres, contudo podemos nos deter, de momento, às considerações de Carbonell (1997), a respeito do fenômeno tradutológico:

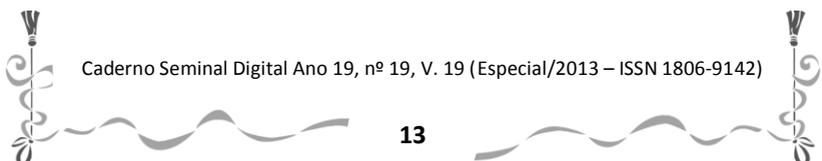
Tradicionalmente se ha considerado la traducción como una actividad mimética. Aunque la traducción lingüística, relacionada con la cuestión tan trillada de la equivalencia, parece aspirar a una redefinición del significado de un texto en el otro, a la reconstrucción de un contexto lingüístico y semántico equivalente, de hecho aquella trasciende la circularidad cerrada de la mera imitación



hacia la abertura y expansión de la esfera cultural.
(Carbonell, *Ibíd*em, p.147)

O reconhecimento da atividade tradutora como “puente creado desde nuestra propia cultura y con nuestros propios materiales [que] comparte las mismas estrategias de representación con las que se pinta la ‘otra cultura’” (CARBONELL, *Ibidem*) passou a ser, desde o último século, o enfoque principal, segundo o qual se analisa a tradução, e cada vez mais se lhe confere um papel destacado nos estudos interculturais e xenológicos.

A tradução é, portanto, uma troca de informações e de manifestações culturais e linguísticas entre diferentes comunidades, que promove o enriquecimento e ampliação do horizonte cultural de ambas, devido a expor elementos de uma determinada cultura aos membros de outra. Para que isso ocorra, sempre há necessidade de adaptação dos referentes culturais que a obra original contenha, a fim de que o tradutor possa realizar a transposição desses referentes. Entretanto, há também implicações ideológicas das decisões que acompanham esse processo e o tradutor será o responsável pela cultura com que se deparará ao ler o texto em sua língua. Dessa forma, é grande a responsabilidade desse profissional, dada sua prática envolver a valorização da cultura e de aspectos seus aos olhos dos membros de outra comunidade.



De acordo com Saussure (2000), os signos regem-se pelo princípio da linearidade: o encadeamento linear e sintagmático permite a construção de frases e textos. Peirce (1931-1935) também aponta esse princípio, definindo o homem como um signo; a vida, uma sucessão de signos; e a semiose, ou ação dos signos, é o funcionamento gerador de significados.

Cada sistema linguístico é um conjunto de signos ativos em constante expansão, que se desenvolvem, encadeiam-se e implicam de acordo com as condições próprias daquele sistema e da cultura que reflete e na qual se desenvolve; entretanto, os intercâmbios de informação intrínsecos à práxis tradutora põem dois sistemas linguístico-culturais em contato e, salvaguardadas suas diferenças, permitem que se relacionem, enriqueçam-se e, em dados momentos, expandam-se por caminhos “quase” paralelos.

Carbonell (*Ibidem*) indica que tradicionalmente a tradução é considerada uma atividade mimética; contudo, parece-nos que essa ação é muito mais que isso, pois aspira a uma redefinição de significado de um texto no outro, a uma reconstrução de um contexto linguístico y semântico equivalente.

Os conceitos desenvolvidos por Gamader e Jausch no centro dos estudos da recepção de textos literários e adaptados ao contexto dos estudos interculturais por Golden

(2003), para mais adiante relacioná-los à temática da tradução. Os teóricos alemães

proposen el concepte d'un **horitzó** cultural que és comú a totes les persones que formen part del mateix grup sociocultural al mateix lloc en el mateix moment històric. Totes aquestes persones comparteixen referències del món material i del món sociocultural. Perquè comparteixen les mateixes referències, participen en la **intertextualitat** dels textos o de les altres manifestacions culturals (...) i en la **intersubjectivitat** de la comprensió dels textos o de les altres manifestacions culturals. (...) El concepte de la intersubjectivitat suggereix que hi ha moltes referències culturals que tothom del mateix grup sociocultural comparteix. (...) Què passa quan aquesta persona vol comprendre una cultura diferent? (...) Ha d'acostar-se a l'altre món. (...) És un procés diferent, (...) un procés conscient. (...). Aquest procés canvia la persona que l'empren. Deixa de ser una persona tancada dins l'horitzó i dins el cercle hermenèutic de la seva pròpia cultura i, sense convertir-se del tot en persona totalment asimilada a l'altra cultura, comença a habitar un nou espai entre les dues cultures en contacte (Ibidem, p. 5-6).

Não são poucas as questões que suscitam as aplicações desses conceitos no campo da tradução. O tradutor, em teoria, é uma pessoa que atravessou um processo de “hibridização” cultural, de abertura direcionada a um novo círculo hermenêutico, que habitam um espaço de intersecção entre duas ou mais esferas culturais.

E os leitores de um texto traduzido? Trata-se, na maior parte, de pessoas que dependem da ajuda do tradutor para que lhes construa uma janela a fim de lhes permitir visualizarem manifestações culturais de outra comunidade linguística, de outra realidade cultural, com suas tradições, costumes, valores, história, dinâmicas sociais e, por que não, ideologias, aqui compreendidas como valores, conceitos, crenças e condicionamentos culturais compartilhados por determinados grupos. Por esse motivo, podemos afirmar que o tradutor detém grande responsabilidade, por representar aos membros de sua cultura elementos da cultura alheia, muitas vezes desconhecidos e, indubitavelmente, diversos dos seus.

Os estudos da tradução dos elementos culturais tomaram força a partir das contribuições de Nida (1945), que estabelece uma divisão de âmbitos culturais, a fim de classificar tais elementos, a saber: a) o âmbito ecológico, b) a cultura material; c) a cultura social; d) a cultura religiosa; e) a cultura linguística (especificidades fonológicas, morfológicas, sintáticas e léxicas de cada língua). Newmark (1988) adaptou a proposta de Nida e apresenta as categorias de classificação do que denomina “palavras culturais estrangeiras” como sendo: a) ecologia; b) cultura material (produtos e objetos); c) cultura social (trabalho e lazer); d) costumes, ideias e organização; e) hábitos e gestos.

Por sua vez, Vlahov y Florin (1979, *apud* MARTÍNEZ, 2001), introduzem o termo “*realia*” para se referirem a elementos textuais que marcam referências à cultura e às histórias locais, subdividindo-as nas categorias: a) geográficos e etnográficos; b) mitológicos e folclóricos; c) objetos cotidianos; d) sociais e históricos. Vermeer recupera o conceito de *culturema* previamente criado por Oksaar (cf. Martínez, *Ibidem*), que define como “*un fenómeno social de la cultura x que es entendido como relevante por los miembros de esa cultura, y que comparado con un fenómeno correspondiente de la cultura y, resulta ser percibido como específico de la cultura x*” (*Ibidem*).

Consideramos os elementos culturais (*culturemas*) como chave de recriação de um texto em outra língua e cultura, e origem da maior parte das dificuldades enfrentadas por um tradutor no momento de compor esse novo texto. São múltiplas as possibilidades de adaptação, tradução e equivalência desses elementos no seio de uma cultura, e a existência de diferentes traduções do mesmo texto a uma mesma língua estrangeira, as quais apontam o papel desempenhado pelas escolhas do tradutor no momento de proceder a essa representação cultural e de seus elementos e manifestações próprios dos membros de outra. Essas escolhas também se determinam pela ética (ou falta de), pelos posicionamentos políticos e pelas impressões pessoais acerca de ambas as culturas.

3. OS PERFIS DA BAHIA ELEITA

De acordo com Martínez (2001, p. 3), “las obras literarias son un parámetro indicativo de la imagen que la cultura receptora tiene de la cultura a la que pertenece el texto original”. Para ela, a metodologia empregada pelo tradutor, muitas vezes pretende desenvolver

una equivalencia formal, una equivalencia orientada a los receptores meta, una versión exotizante...) seguido en la traducción se adopta dependiendo de un entramado de circunstancias y propósitos que rodean al texto (la modalidad de la traducción, la finalidad de la traducción, las características del receptor meta, etc.), y es uno de los filtros mediante los que se genera la proyección de esa imagen. (Ibidem)

No caso de se propor a reescrever textos literários brasileiros em línguas espanholas neolatinas, como o castelhano e o catalão, o tradutor assume uma notável responsabilidade, visto que se aventura na reconstrução de uma realidade sociocultural e histórica, paradoxalmente próxima e afastada da de seu leitor, em textos em que abundam referentes e/ou elementos culturais sustentados por um sistema diverso de crenças, organização social, situação geográfica, costumes etc.

Mendes (2004), com base em sua experiência como docente de língua portuguesa, cultura brasileira e tradução na Universidad Autónoma de Barcelona, pondera que

por lo general, los alumnos que empiezan la licenciatura y que optan por el portugués como segunda lengua extranjera suelen tener un conocimiento muy escaso y muchas veces tienen muchos estereotipos de los países de lengua oficial portuguesa. Sobre Brasil tienen la imagen típica de “país de fútbol, carnaval y violencia” que se transmite en Europa por los medios de comunicación de masas, (...) es de gran importancia sensibilizar al alumno para que pueda adquirir una visión más completa y realista de la cultura brasileña así como capacitarlo para que entienda, asimile e interiorice la lengua portuguesa dentro de un contexto cultural, adquiriendo los conocimientos básicos imprescindibles para la actividad del traductor del portugués en distintos tipos de textos. (Ibidem)

Percebemos, nesses comentários, que o desconhecimento ou a desinformação sobre a cultura brasileira afeta também pessoas interessadas nela, como os alunos universitários de língua portuguesa e cultura brasileira apontados pela professora. Pode-se supor, portanto, sem equívocos, que um leitor estrangeiro em potencial de uma obra de literatura brasileira, de estilo regionalista e impregnada de referências culturais, como as de Jorge Amado, é inicialmente um interessado nessa cultura, alguém que decidiu se aventurar na descoberta do outro para experimentar as fases de experiência com alteridade.

Ao recompor um texto de Jorge Amado, o tradutor vê-se diante de inúmeras dificuldades, por encontrar em suas obras uma imensa proliferação de referências culturais próprias do Nordeste brasileiro (e, mais especificamente, do estado da Bahia), em grande parte desconhecidas do próprio

público brasileiro oriundo de outras regiões e totalmente alheias à cultura europeia, em geral.

O escopo de nosso trabalho, portanto, corresponde a uma análise de dois tipos de elementos culturais geradores de uma considerável dificuldade ao seu tradutor: referências à gastronomia. Essa escolha deve-se ao fato de que as formas de manifestação da religiosidade na Bahia caracterizam-se por um composto heteróclito de empréstimos de símbolos advindos, principalmente, da cultura africana. No caso da culinária típica da região (muitas vezes considerada exótica), há muitos empréstimos africanos, ingredientes regionais e preparos distintos, diversos deles possuindo um étimo cultural relacionado, ao mesmo tempo, a dois universos culturais (brasileiro e africanos), com alguns pratos eleitos para serem ofertados a divindades. Dessa forma, a arte e a técnica de cozinhar pode ser bastante estereotipada, simplificada e negligenciada, com equívocos que remetem o leitor a imagens completamente distorcidas.

Vejamos alguns itens analisados nas obras em questão, indicadas a seguir:

Obra A: Castelhana - Amado, Jorge. Gabriela, clavo y canela. Trad. Haudée Jofré Barroso. Barcelona: Seix Barral, 1985. (Gabriela, clavo y canela. Trad. Hayde Joffre Barroso. Madrid: Unidate Editorial, 1999).

Obra B: Castelhana - Amado, Jorge. Gabriela, clavo y canela: crónica de una ciudad de interior. Trad. Dante Hermo. Barcelona: El Aleph, 2002.

Obra C: Catalão - Amado, Jorge. Gabriela, clau i canyella: Crònica d'Una Ciutat de l'Interior. Trad. Anna Alsina Keith. Barcelona: Edicions 62, 1997.

3.1 Culturemas analisados

Com referência ao âmbito gastronômico, ao se traduzirem os nomes dos pratos *mingau*, *cuscuz* e *bolos de tapioca*, os resultados observados foram, respectivamente:

OBRA A: (AMADO, 1985, p. 40): são mantidas as formas *mingau* y *cuscuz* entre aspas. O terceiro prato foi traduzido como bolinhos de tapioca. Para mingau, o tradutor não ofereceu nenhuma explicação, mas poderia ter indicado, ainda que em nota de rodapé, o equivalente espanhol *papilla*, que funcionaria com muita precisão nesse caso. Em nota de rodapé, explicou a natureza do cuscuz baiano, a fim de diferenciá-lo do marroquino (conhecido na Espanha). Observamos uma provável adaptação indevida no caso do bolinho de tapioca, visto que o equivalente espanhol de bolo é, de fato, *bizcocho* ou *pastel*.

OBRA B: Na outra tradução (Amado, 2002, p. 31), os bolos de tapioca surgem como tortas de tapioca, ou seja, bastante impreciso. O termo cuscuz não está traduzido e nem

possui explicação, o que provoca, com certeza, associação totalmente equivocada com o *cous-cous* marroquino. Em relação ao mingau, o tradutor optou manter a palavra e incluir uma nota explicativa do significado, que coincide com o equivalente espanhol *papilla*.

OBRA C: Na tradução catalã (Amado 1997, p. 34) o mingau está traduzido como *farineta*, forma equivalente e apropriada para representar o prato. Entretanto, o tradutor optou por manter a forma idêntica para cuscuz, o que pode gerar, como na Obra B, equívoco com o prato. Ainda, surgem as boletes de tapioca, o que nos faz pensar quão confuso pode ser, imageticamente, para o leitor, visto que “bolinhas” podem se referir a qualquer tipo de bola; se o leitor não sabe que tapioca é uma comida, provavelmente nem imaginará a possibilidade de esse sintagma aludir a um prato típico brasileiro.

Para os termos acarajés, abarás, bolinhos de mandioca e puba, e frigideiras de siri mole, a confusão tradutológica foi maior, devido a serem pratos tipicamente brasileiros, específicos da Bahia, com referências, inclusive, a espécies de vegetal e animal não existentes na Europa.

OBRA A: En Amado (1985, p. 49-50), o tradutor optou por manter entre aspas as expressões brasileiras e incluir um glossário para definir esses referentes culturais. A definição de acarajé como “papilla de poroto cocinado, frita en aceite de ‘dendê’”, é imprecisa, visto que se trata de um tipo de

croquete (croqueta) ou bolinho frito (bollitos) e não uma papilla (mingau). Além disso, introduz outra dúvida ao leitor, ao se referir ao azeite de dendê sem explicar que se trata de um óleo extraído de uma espécie de palmeira.

A definição de abará está como “plato muy similar al ‘acarajé’, solamente que la masa está adobada con pimienta y condimentos” está equivocada, pois a distinção entre abará e acarajé é por este ser frito e apimentado e aquele, cozido e sem pimenta. Segundo Houaiss (2001), abará é uma “porção de feijão-fradinho descascado e moído, temperada com sal, cebola, azeite de dendê e camarão seco, e cozida em banho-maria ou vapor, depois de enrolada em folha verde de bananeira” e acarajé é um “bolinho de feijão-fradinho descascado, moído, temperado com sal e cebola ralada, muito bem batido antes de ser frito no azeite de dendê, e servido com molho de pimenta-malagueta, camarões secos, vatapá, tomate e pimentão”.

Para os termos bolinhos de mandioca e puba: não há explicação. A definição de siri é altamente enganosa: “*nombre común a varias especies de crustáceos*”, visto que este animal é de uma espécie muito definida e específica de crustáceo. Poderia ter sido comparado a um pequeno caranguejo; uma aproximação não tão precisa, porém mais esclarecedora. Faltou, ainda, indicar a curiosidade do prato, frito e feito com o siri jovem.

OBRA B: Em Amado (2002, p. 62), o tradutor solucionou sua tradução do mesmo modo que o da obra A, mantendo as palavras brasileiras intocadas, sublinhadas, incluindo explicações posteriores, as quais, nesse caso, aproximam-se ao significado dos nomes dos pratos.

OBRA C: Na versão catalã (Amado 1997, p. 66), o tradutor optou por manter em português e sublinhados os referentes acarajés e abarás. As explicações estão um pouco confusas e distorcidas, mas incluem um dado cultural: a origem dos pratos:

a) acarajés: *fulles de plàtan farcides amb pasta de mongetes. Duu moltes espècies picants. Plat de la cuïna afrobrasileira* (folhas de bananeira recheadas com pasta de feijão. Contém um monte de especiarias picantes. Prato da culinária Afro-brasileira¹). A imagem projetada em sua explicação remete a algo completamente diferente de um bolinho frito; em seu desdobramento, indica que o acarajé, inclusive, é uma comida envolta por uma folha de bananeira.

b) abarás: *boletes de pasta de mongeta fregides en oli de palmera. Plat típic de la cuïna afrobrasileira* (bolinhos de pasta de feijão, fritas em óleo de palmeira. Prato típico da cozinha afro-brasileira²). Ainda que o tradutor tenha tentado

¹ Tradução nossa.

² Tradução nossa.

buscar a origem dos pratos, equivocou-se ao informar que o abará é frito.

Para as expressões bolinhos de mandioca e puba, frigideiras de siri mole, o tradutor tentou buscar equivalentes no catalão, porém sem sucesso: respectivamente, boletes de mandioca fermentada e *peixets fregits*.

Os exemplos mostram que, não obstante as exceções, faltou a esses tradutores um maior rigor durante a investigação dos significados reais dos referentes. Em muitos casos, não se trata de termos conhecidos nas culturas espanhola e catalã; por esta razão, deveriam estar explicados por meio de uma pesquisa feita sobre a cultura brasileira, precisamente a da culinária baiana. A maior parte dos dados consta em dicionários monolíngues de português; a internet permite localizar com grande facilidade, hoje em dia, páginas confiáveis sobre culinária e cultura gastronômica, inclusive com imagens dos pratos mencionados, importantes para a compreensão do contexto da obra analisada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em grande parte dos exemplos, sobretudo na tradução castelhana de 1985/1999, as explicações não oferecem ao leitor informações precisas acerca dos referentes culturais e, em alguns casos, conduzem a ideias completamente equivocadas.

A tradução pode ser, como visto, um grande problema que acarreta mal-entendidos e descaracterização do aspecto cultural de qualquer comunidade. Desse modo, percebemos a falta de critérios adequados para que a obra fosse traduzida com propriedade, a fim de transpor para aquelas línguas todo o ambiente cultural em que se insere.

Cabe ao tradutor, portanto, atuar como ponte de comunicação entre diferentes culturas ao disseminar conhecimento real, sem reforçar prejuízos e dificuldades de convivência geradas por deturpações nos conceitos de identidade, autoimagem e imagem dentro do outro (KRISTEVA, 1994).

Há, ainda, marcas ideológicas implícitas que apresentam explicações e falsos equivalentes, carregados de prejuízos e influenciados por uma visão estereotipada da culinária afro-brasileira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amado, J. (1985). *Gabriela, clavo y canela*. Trad. Haudée Jofré Barroso. Barcelona: Seix Barral.

_____. (1997). *Gabriela, clau i canyella*. Trad. Anna Alsina Keith. Barcelona: Edicions 62.

_____. (1999). *Gabriela, clavo y canela*. Trad. Hayde Joffre Barroso. Madrid: Unidade Editorial.

_____. (2002). *Gabriela, clavo y canela; crónica de una ciudad de*



interior. Trad. Dante Hermo. Barcelona: El Aleph.

Carbonell, O. (1997). *Traducir al otro*. Toledo: Escuela de Traductores de Toledo.

Golden, S. (2003). Un model·l teòric del procés de la interculturalitat: els estudis interculturals. *Benvinguts! Identitat Nacional i Diversitat Cultural: El repte de la immigració als països catalans*, Barcelona: Fundació Congrés de Cultura Catalana, p. 1-17.

Houaiss, A. & Villar, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Katan, D. (1996). The translator as cultural mediator. *Programma Sociologia Internazionale, Sezione Relazione Internazionali*, Cuaderno n. 96-2, Gorizia: Istituto di Sociologia Internazionale.

Kristeva, J. (1994). *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco.

Martínez, L. M. (2001). *Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas árabe-español*. Tesis doctoral, Universitat Autònoma de Barcelona en Bellaterra.

Newmark, P. (1988). *Manual de traducción*. Trad. C. V. Moya. Madrid: Akal.

Nida, E. A. (1945). Linguistics and ethnology in translation problems en Word 1. In: Rey, A. (org.). *La Lexicologie*. Vol. II. Paris: Klincksieck.

Peirce, C. S. (1931-1935). *Collected papers*, 8 vols. Cambridge: Harvard University Press.

Mendes, R. M. (2004). *La traducción de las marcas culturales: la Bahía de Jorge Amado en español y catalán*



(trad. Laia Beltrán). Bellaterra: UAB.

Saussure, F. (2000). *Curso de linguística general*. Trad. Mauro Armiño. Madrid: Akal.

Todorov, T. (1993). *A conquista da América; a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes.

COMPONENTES CULTURAIS EM LÉXICO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

CULTURAL COMPONENTS IN LEXICO OF PUBLIC POLICES

Eliana Meneses de MELO (UMC/GRUPPU³)

Resumo: Avalia as relações axiológicas frente aos componentes discursivos que envolvem políticas públicas. Avalia as concepções sociais manifestadas em expressões voltadas à inclusão social. O estudo foi realizado a partir de corpus constituído por textos jornalísticos em diálogo com a temática *políticas públicas*. A análise teve como eixo condutor os componentes estáticos e dinâmicos dos traços de sentido.

Palavras-chave: Discursos, Semiótica, Políticas Públicas, Dignidade Humana.

Abstract: Evaluates relationships axiological against discursive components involving public policy. Assesses the social conceptions expressed in expressions aimed at social inclusion. The study was conducted from corpus consisting of newspaper texts in dialogue with the public policy issue. The analysis was conductor axis components of the static and dynamic features of meaning.

Keywords: Speeches, Semiotics, Public Policy, Human Dignity.

³demelo@uol.com.br

APRESENTAÇÃO

Tendo como objeto de interesse as linguagens sobre as quais se manifestam os agentes dos diferentes segmentos culturais e sociais, este estudo foi concebido a partir das problemáticas sobre as quais se edificam os discursos que manifestam políticas públicas. A concepção inicial para nortear o percurso de pesquisa teve como entendimento que políticas públicas devem ser configuradas como um universo de discurso com características diferentes do que classicamente se define como discurso político.

De maneira geral, próprio do discurso político esta a retórica, os elementos de persuasão cuja intencionalidade se inscreve no “levar o outro a um querer”. Um poder que se manifesta no campo do sujeito institucionalizado ou que queira se legitimar a partir da adesão de outro sujeito. No caso da concepção de políticas públicas como discurso o que se sobrepõem são as estratégias e as operações que expressem decisões políticas. Neste caso, é perceptível um “propor-ação: um fazer”. O sujeito, em conformidade com o contexto, já não visa a sedução e sim a eficácia em dar materialidade às demandas sociais.

Secchi (2010), estabelecendo diferenças entre os termos políticas e políticas públicas, afirma que *políticas públicas tratam do conteúdo concreto e do conteúdo simbólico de decisões políticas, e do processo e atuação dessas decisões*. É justamente a existência de um conteúdo simbólico que

torna possível a tipificação de políticas públicas como um universo de discurso e não um apêndice do discurso político. Ainda em conformidade de Secchi:

Uma política pública é uma orientação à atividade ou à passividade de alguém; as atividades ou passividades decorrentes dessa orientação também fazem parte da política pública; uma política possui dois elementos fundamentais: intencionalidade pública e resposta a um problema público, em outras palavras, a razão para o estabelecimento de uma política pública é o tratamento ou a resolução de um problema entendido como coletivamente relevante (SECCHI: 2010, p. 2).

Em diálogo com a definição apresentada, a *intencionalidade pública e resposta a um problema público* pressupõem a realização de leitura das diferentes dimensões sociais, troca simbólica entre os agentes. Elas emergem da criação, planejamento e materialidade no fazer, tudo em conformidade com a visão de mundo dos agentes. Trata-se de um discurso marcado pela interdiscursividade e por uma base axiológica variável na medida em que se sustenta e alimenta uma semiótica híbrida, complexa.

Nota-se que, neste contexto, a linguagem verbal conduz projetos, discussões e uma série de produções discursivas por onde se faz a circulação das problemáticas sociais bem como das diferentes posturas dos vários atores de tal forma que a palavra sinaliza o patrimônio cultural das forças atuantes nos discursos, quer seja na configuração

isolado do universo vocabular, quer seja na dinâmica contextual das palavras.

Outro procedimento foi delimitar o eixo temático, uma vez que as demandas sociais, nutrientes das políticas públicas, são originárias de várias áreas, saúde, educação, moradia, segurança, transporte, entre outras. Escolheu-se aspectos dos discursos das políticas públicas que se criam e se manifestam a partir das dimensões urbanas e que refletem as desigualdades sociais e as relações contraditórias da tolerância e inclusão social, especificamente o seguimento adjetivado como ‘população de rua’

Em que medida o léxico destinado ao morador de rua recebe e reflete signos da interdiscursividade social? Em termos conceção espacial, a rua é lugar de trânsito dos sujeitos da cidadania estabelecida, ao mesmo tempo é o espaço que contempla o discurso dos sujeitos em *situação de rua* para os quais o espaço destinado ao transitar se configura como habitação.

Para material de análise elegeu-se dois seguimentos: matérias jornalísticas publicadas pela *Folha de S. Paulo*, em fevereiro de 2012, e a discussão proposta no documento *Política Nacional para a Inclusão Social da População em Situação de Rua - Governo Federal: 2008*. Reside na heterogeneidade e nos componentes semânticos da cultura para inclusão o fio condutor da pesquisa.

Os discursos das Políticas Públicas respaldados na oficialidade política e social de suas mediações refletem valores culturais para o cotidiano das vivências da cidadania no tocante à inclusão social? Na concepção de leitura e análise, o discurso jornalístico assume o papel de narrador do cotidiano, o discurso das políticas públicas como manifestação legítima da busca da justiça social e cidadania e qualidade de vida.

O percurso teórico escolhido para o estudo se fundamenta na Interdisciplinaridade, na semiótica, nos estudos do léxico e nos estudos voltados aos discursos sociais.

I – DO LÉXICO AO DISCURSO

Inequívoco é o elo entre léxico e cultura. Por diferentes trajetórias, o século XX trouxe a tona muitas reflexões e bases conceituais que apontaram para este elo que, nos tempos contemporâneos já se tornaram clássicos. Apenas em caráter exemplificativos, cita-se os trabalhos de Sapir, Whorf, Pottier, Harris, Benveniste, entre outros.

Pensar o léxico na dimensão social e cultural da língua significa, em primeira instância, ter em mente o trabalho coletivo que está presente no léxico de qualquer realidade linguística. Fruto da criação social, o léxico é uma propriedade da comunidade que, através dele, cria, recria e atualiza valores, manifestando-os no conjunto de suas múltiplas produções discursivas.

Maria Aparecida Barbosa (1978), em sintonia com o trabalho de C. Teodoro Pais, *o homem só conhece o universo natural através dos códigos por ele mesmo estruturados*. Tendo como referência esses sistemas de significação, a sociedade humana cria outro universo que passa a ser a base do que entende por mundo real. Ação de criação se modela em conformidade com a semiótica natural. O processo faz chegar ao universo referencial, antropocultural, primeiro nível da semiótica humana:

Nessa diversidade de visões de mundo, nessas diferentes estruturas semiológicas, há uma constante; o processo de que se servem as diferentes culturas para a elaboração de seus códigos e para a estruturação de seus universos, processos que podem se analisados na mesma metalinguagem. (BARBOSA: 1978, p.22)

Nestes termos, os dados contidos em um universo antropocultural são tratados por sistemas de significação criados pelo homem e apenas neles é que podem se esgotar. Sendo assim, o que se vivencia em termos da história da humanidade é a ampliação dos universos de linguagem, dos sistemas por onde circulam, pluralidade de sentidos e diversidades culturais. O léxico passeia por entre os múltiplos discursos sociais e estéticos remotivado, expressando novos traços de sentido.

Assim sendo, os trabalhos sobre linguagem e os múltiplos discursos demandaram reflexões em torno de questões relacionadas às dinâmicas das produções discursos

na emanção do percurso semiótico para além da produção do sentido. A significação é a referência a uma dada realidade, na dialética entre o olhar e sentir da comunidade criadora. É através de articulações interna e externa aos diferentes textos que se apreende o sentido possível.

O sentido produzido nas comunicações está envolto à sintaxe pela qual circulam atores de um discurso no contexto da enunciação. Esses sujeitos trazem aos cenários discursivos a memória das experiências vivenciadas, revestidas dos traços de cultura. Elas aparecem nas dinâmicas da linguagem através do encadeamento de certos elementos que na enunciação expressam marcas de espaço, tempo e dos sujeitos que se situam na enunciação. Cada discurso contém determinantes para a sua leitura, diretamente implicados aos seus estatutos discursivos e ao conjunto de signos em torno dos quais se constituem.

Quando se mergulha nas dimensões dos signos, símbolos e nas diferentes linguagens, encontra-se uma gama enorme de percursos revestidos por signos em múltiplas significações. São as linguagens em criação e recriação a percorrerem os espaços do contraditório. Verbo e imagens se associam em torno de suas variadas formas de expressão, fato que permite lembrar-se da interdisciplinaridade, sempre presente nos atos investigativos sobre os discursos, produção e circulação de sentidos.

Discursos são espaços importantes para o pesquisador quando este nutre seus interesses investigativos nas confluências das práticas sociais. As linguagens expressas na comunicação humana das práticas cotidianas são elaboradas por marcas de diversidades em signos e símbolos, compondo significações. Dos recortes poéticos que alimentam sentidos e almas, às produções das ciências e tecnologias, linguagens expressam as narrativas criadas, reinventadas, materializando objetos, formas e os contraditórios da vivência civilizatória humana.

Percursos espessos em variedade de conteúdos, os discursos sociais são aberturas para as realidades de diferentes modos da vida humana. Reflexo e reflexões de diálogos e de suas vozes, por eles ecoam objetividades e subjetividades do ser em vida que se lança, que se perde e que se edifica. Tensões, confrontos e conflitos a serem lidos, analisados, desmanchados pelo pesquisador. Talvez seja por estes fatores que os trabalhos investigativos sobre os discursos sempre apontarem para as trilhas da produção do conhecimento instigando ações interdisciplinaridade.

A tradição dos estudos linguísticos e das linguagens humanas, ainda que focadas em um único recorte, sempre assinalam nos seus resultados a existência do outro. Tome-se, por exemplo, estudo descritivo dos componentes linguísticos: os sons vistos pelos pontos de articulação, pelos variantes

socioculturais, pelas interferências acústicas, pelos traços de sentido e contexto de ocorrência, entre outros.

Ter como intencionalidade de pesquisa as emanações discursivas, os caminhos advindos das várias correntes investigativas são entremeados pela pluralidade de conceitos que se tornam ferramentas destinadas a desvendar as redes de significações pelas quais se concretizam os diálogos de diferentes discursos, bem como os que são gerados nas relações de heterogeneidade cultural e nas leituras revelam a pluralidade cultural dos sujeitos.

Assim, conceber o mundo em termos de configuração semiótica, pressupõe existência plural de discursos recortados e interligados pela ação das diferentes experiências e dos atores que dão forma aos discursos sociais em sistemas abertos e dinâmicos, sempre gerando novos sentidos e possíveis interpretações. Elas atualizam e mantêm os processos dinâmicos criados no próprio âmbito das múltiplas vivências sociais (MELO, 2008, p.13)

A rede de sentidos que forma a base deste trabalho advém de emanações discursivas do Poder e de poder. Trata-se, nos termos propostos por Foucault, de trama semântica construída das tensões entre micro e macro estruturas. Sobre os sistemas semióticos, as tensões estão presentes em discursos verbais, afloradas na escolha lexical e discursos presentes na rua (espaço de trânsito de signos) (FOUCAULT, 2000, p. 1966).

Todo sistema semiótico é constituído por diversidade de significações, seu funcionamento está pautado pelo princípio de ordem desigual. Ele convoca outros sistemas e seus subsistemas, (FONSECA, 2003 p, 261). *As mensagens que em um sistema se vasam representam a resultante de uma mais ou menos forte interação que se trava entre ele e os outros sistemas.* Lugar da ocorrência da heterogeneidade.

Em decorrência, discursos apontam para a diversidade entre sujeitos, seja na construção ou apropriação de sentidos. Neste caso, a lembrança da polifonia bakhtiniana nos moldes de Ducrot merece destaque, como assinala Martins:

O sentido do enunciado consiste assim numa descrição da enunciação, o que quer dizer que, numa confrontação de várias vozes que se sobrepõem ou se respondem umas às outras. É verdade que o responsável pelo enunciado (o locutor) é único, e que olhadas as coisas apenas a este nível, o enunciado é um monólogo. No entanto, a m nível mais profundo, o locutor do enunciado põe em cena, no seu monólogo, um diálogo entre vozes mais elementares, a que chama enunciadores. (MARTINS, L. M: 2002, p.95).

No caso do *corpus* em análise, os enunciadores são sujeitos coletivos de discursos sociais que se manifestam e que só ganham existência na medida em que geram novos discursos. A temática sobre o ser humano habitante da rua demonstra haver vários discursos que necessariamente emprestam a outros normas de funcionamento, significações

e, em termos pragmáticos, bases argumentativas para novos discursos, justamente por residir na finalidade social sua razão primeira de ser.

Cada discurso tem marcas dos sujeitos que os produzem. Sendo assim, objetividades e subjetividades estão presentes na medida em que diferentes agentes atuam como leitores e reprodutores desses discursos, mesmo sendo eles alimentados por determinações coletivas. Estamos falando de uma objetividade discursiva que passa pelo olhar subjetivo do outro sobre o sentido. Justamente pela análise semiótica visa-se tornar perceptível aquilo que possa estar presente no plano das intencionalidades.

Em conformidade com as intenções do estudo, procurou-se a tipificação do morador de rua. Identificar os traços de sentidos utilizados pelos discursos oficiais voltados a esse segmento social. O Discurso Jornalístico foi compreendido como o espaço do narrador do cotidiano, enunciador de cenas que revestem os acontecimentos do dia a dia em anomalias, chamando nossa atenção e motivando ou nutrindo outros discursos.

Por representar um sistema culturalmente organizado, o discurso jornalístico se torna mais eficaz na medida em que sua produção discursiva não seja constituída de sentidos únicos para fatos únicos. Para sua manutenção, é mais fácil quando os eventos, nos diferentes universos de discursos com os quais dialoga, correspondam aos tipos funcionais dos

modelos lógicos semânticos. *A tarefa do jornalismo não é reproduzir a realidade e sim organizá-la, classificá-la e interpretá-la* (VOLLI, 2007,p.257).

2- DISCURSOS E SENTIDOS: NÃO INCLUSÃO E A NEGAÇÃO DO OUTRO

O discurso jornalístico se caracteriza como o lugar do olhar que se permite ver e dialogar com os diversos sujeitos discursivos que por ele (ou nele) se manifestam, direta ou indiretamente. Definido o jornal como documento de pesquisa, o próximo passo foi definir o eixo narrativo sobre o qual se definiria a seleção de matérias. A escolha recaiu sobre matérias cuja utilização do termo *moradores de rua* fosse manifestada na sintaxe de superfície.

Quem são os moradores de rua no cotidiano midiático? A resposta: atores que, ao mesmo tempo que são sujeitos na matéria jornalística, se constituem em objetivos da perversidade de agentes de atos de violência em Brasília e em Recife. Associadas ao mês de fevereiro de 2012, na Folha de S. Paulo, edição *on-line*.

Em *dois moradores de rua são mortos a tiros no Distrito Federal de Brasília* narra episódio sobre dois moradores mortos nos arredores de Brasília, em Taguatinga, com tiros na cabeça. Diz ainda que duas semanas antes do ocorrido, sete homens incendiaram dois mendigos em Santa Maria, outra cidade satélite de Brasília Um deles teve 63% do

corpo queimado e morreu no dia seguinte. O outro teve queimaduras em 22% do corpo e continuava internado em estado grave. Segundo o polícia, *o mandante, dono de uma marcenaria, pagou R\$ 100 para que os demais dessem "um susto" nos moradores de rua, cuja presença prejudicava o comércio.*

No episódio narrado em *Morador de rua é atacado e tem 45% do corpo queimado em Recife*, um morador de rua, com 31 anos de idade foi atacado por duas pessoas que atearam fogo em seu corpo, enquanto a vítima dormia. *Os policiais disseram que o crime pode ter sido cometido por um casal também morador de rua.* Alguém entregou para a polícia uma garrafa contendo álcool, provavelmente utilizada para a prática do crime.

A leitura inicial revela a existência de um cenário onde sobressai a violência, comum aos espaços urbanos e às periferias dos grandes centros, Sendo comum, seria apenas mais um fato entre tantos que denotam a banalização da vida humana. As duas matérias apontam para um resultado importante: morador de rua aparece no discurso jornalístico, no período estudado, como objeto da violência, marcada por dois campos distintos: violência como higienização por agentes contratados e violência entre pares.

Uma sondagem inicial sobre o eixo condutor ***morador de rua*** faz com que sejam identificados alguns marcadores lexicais: a rua como morada. “casa ou lugar onde se habita;

período em que permanece domiciliado; endereço; morador: que mora ou habita.” No caso em análise, o contexto de ocorrência *morador de rua reforça* o sentido de haver uma categoria humana em nossa sociedade que tem como endereço a rua:

Dois **moradores de rua** foram mortos ontem de manhã em, cidade satélite de Brasília (1ºdiscurso)

Um **morador de rua**, de 31 anos, sofreu queimaduras após ser atacado por duas pessoas que atearam fogo no seu corpo no Recife. (2ºdiscurso)

O contexto de ocorrência apresenta um campo semântico que expressa uma valia em termos de sentido, um indicativo que presume em termos sociais o entendimento de que em nossa sociedade, há aqueles que tem na rua sua residência . Observa-se uma categorização, uma tipificação em termos de cidadania. Ao mesmo tempo, haver a aceitação do termo, presumida pelo uso e ocorrência, evidencia que a terminologia é compreendida e fazendo parte de muitos discursos em circulação no cotidiano, não apenas do discurso jornalístico, no eixo, portanto, da normalidade.

Aspecto diferente se observa na escrita pública onde há outra configuração semântica: *população em situação de rua*. Neste caso, a expressão pressupõe um número de brasileiros que está em situação de rua, sem moradia, sem residência. As ações das políticas públicas são pensadas para a eliminação de uma anomia, permitindo entender que *morador*

de rua está fora da aceitação para a vida cidadã, gerando, em decorrência, a Elaboração da Política Nacional de Inclusão Social da **População em Situação de Rua**, (Decreto s/nº, de 25/10/2006).

Nota-se que a normalidade aprendida pelo uso da expressão *morador de rua* manifestada no discurso jornalístico está carregada de uma aceitação e compreensão aparente. O *morador de rua* não é nomeado, é apenas “um” indefinido morador que foi queimado, tão incômodo ao enunciador do cotidiano jornalístico como à sociedade em sua totalidade. Tão inoportuna sua existência que motiva a *Política Nacional de Inclusão Social em Situação de Rua*.

A contradição está assinalada na forma pela qual se busca eliminar o incômodo. Um seguimento opta pelas práticas democráticas, gerando Políticas Públicas, assumindo papéis de sujeitos capazes de engendram ações transformadoras para a sociedade. A escolha pelo caminho oficial é modalizada pelo poder-dever- fazer.

Por outro lado, aqueles que seguem um caminho marcado pela intolerância. Negam haver um ser humano morador de rua, queimando-o, matando-o. Além de não reconhecerem no outro a cidadania, também não se reconhecem como cidadão do Estado de Direito e democrático. O desrespeito à vida vem acompanhado pelo não respeito à sociedade. São agentes excluídos da civilização

que tem suas ações marcadas pelo não poder- saber cidadania.

População em situação de rua simboliza sentidos do termo exclusão: expulsão, desenraizamento e privação. Na tipificação do sujeito, discurso público traz a seguinte fala:

(...) pode-se dizer que o fenômeno população em situação de rua vincula-se à estrutura da sociedade capitalista e possui uma multiplicidade de fatores de natureza imediata que o determinam. Na contemporaneidade, constitui uma expressão radical da questão social, localiza-se nos grandes centros urbanos, sendo que as pessoas por ele atingidas são estigmatizadas e enfrentam o preconceito como marca do grau de dignidade e valor moral atribuído pela sociedade. (Silva, 2006, p.95)

No eixo do contraditório, reconhecer essa população e sua condição de não pertencimento, que essas pessoas *são estigmatizadas e enfrentam o preconceito como marca do grau de dignidade e valor moral atribuído pela sociedade*, além de revelar que não é para haver pessoas sem lar, sem habitação, aceitar certa naturalidade do fenômeno. Em síntese o morador de rua é frágil, descoberto, exposto à violência nos vários traços de sentido que configuram o vocábulo.

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado faz parte de um projeto de pesquisa que tem em seus objetivos buscar elementos que permitam trazer subsídios para uma maior compreensão sobre as políticas públicas de inclusão social, principalmente aquelas destinadas às cidades e seus habitantes e que perpassam questões em torno da qualidade de vida. Quais são os valores embutidos nos processos de recepção por parte do habitante cidadão das problemáticas coletivas e dos encaminhamentos para demandas tão específicas.

No caso da população em situação de rua, ou do morador de rua, foi possível perceber que, ainda que em estudos iniciais, a violência e a axiologia ligada não podem ser compreendidas apenas dentro dos cenários urbanos da sociedade brasileira. Encontra-se a presença do habitante de rua em várias cidades do planeta. Neste caso, a situação econômica e os valores presentes nas políticas públicas produzem ações com maior ou menor eficácia para a questão.

Os fragmentos discursivos analisados revelaram a existência de um outro componente de sentido atuando como agente motivador: o medo. A sociedade contemporânea busca a semelhança e tem medo do diferente. Tolerância é palavra chamada para o cotidiano pela necessidade de aceitação das diferentes de gênero, religião, regionais, preferências esportivas e nacionalidade.

A população em condição de rua elabora sua memória de vida em trânsito. Mora onde todos transitam, ilhada no movimento que joga o não ser, não pertencer. Marca da não limpeza social, prova das diferenças e injustiças sociais e dos roteiros do consumo. Em oposição, homens formados pela sociedade do consumo, da aparência, das necessidades da posse dos objetos materiais na constituição de identidades.

Os moradores dos grandes condomínios espalhados pelas cidades buscam o distanciamento do que lhe representa o medo da perda da posse, das marcas da violência, da feiura da pobreza. O medo do outro, o medo de perder sua condição social, o medo motivado pelo estranhamento do outro que faz romper a identidade como o humano que mora na rua.

A rua assinala o contexto de ocorrência de um discurso de poder na medida em que as políticas públicas são realizadas com base em valores democráticos, negados, por princípio, pelos estes sujeitos que assumem um discurso de poder não verbalizado. Para eles o espaço da rua é de circulação da higiene dos signos e símbolos de consumo. Com em um ritual, queimam o humano não visível.

Bauman (2009) aborda a questão do medo do estranho na sociedade contemporânea contrapondo a modernidade sólida à modernidade líquida. Esta última, ao retirar a ideia de permanência e revelar a não estabilidade das relações de trabalho e da posse do capital, fortalece o individualismo e a

defesa do que lhe é local. A solidariedade é trocada pela competição e os indivíduos manifestam um sentimento de abandono,

Talvez seja possível entender as ações de violência aqui apresentadas como parte de um sentimento de negação do estranho. De certa forma, os aspectos dinâmico e estático implícitos em *situação* e *morador* de rua evidenciam que nossa sociedade tem como valor a melhora de qualidade de vida para todos e que a violência não é um bem coletivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. P. Língua e Discurso: contribuição aos estudos semânticos-sintáticos. São Paulo: GLOBAL, 1978.

BAUMAN, Z. Confiança e Medo na Cidade. Rio de Janeiro; ZAHAR, 2009.

FOUCAULT, M. Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Trad. Elisa Monteiro. São Paulo: Forense Universitária, 2000.

FEDERAL. Política Para Inclusão da População em Situação de Rua. Brasília, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Disponível em: <http://www.mds.gov.br>

MARTINS, Moisés L. A linguagem, A Verdade e o Poder. Ensaio de Semiótica Social. Coimbra: Fundação CALOUSTE GULBENKIAN /MISTÉRIO DA CIÊNCIA E FONSECA, J. Heterogeneidade na Língua e no Discurso. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2626.pdf>

MELO, E. M; PRADOS, Rosália M. Netto; GARCIA, Wilton. Linguagens, Tecnologias e Culturas: discursos contemporâneos. São Paulo: Factash Editora, 2008.

SECCHI, Leonardo. Políticas Públicas. Conceitos, Esquemas de Análise, Casos Práticos. São Paulo: CENGAGE Learning, 2010.

SILVA, Maria Lopes. Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno de População de Rua no Brasil – 1995-2005-2006. Dissertação Mestrado. Universidade de Brasília – Disponível em: <http://WWW.bce.unb.br/>

VOLLI, U. Manual de semiótica. Trad. Silvia Debetto. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

OS CRUZAMENTOS VOCABULARES E OS SUFIXOS⁴

LEXICAL BLENDING AND SUFFIXES

Nilsa Areán-García (USP⁵)

Sob a pele das palavras há cifras e
códigos

(Carlos Drummond de Andrade)

Resumo: Neste artigo analisa-se, na língua portuguesa, a relação entre *cruzamentos vocabulares* e o que aqui denominamos: *cruzamentos entre sufixos*. Para tanto, estuda-se o uso de *asterístico* no lugar de *asterisco*, em *corpus* do *Google Books*, concluindo que o processo denominado cruzamento, não ocorre apenas entre palavras, mas também entre outras unidades lexicais, tais como sufixos.

Palavras-chave: Cruzamentos vocabulares; cruzamentos entre sufixos; língua portuguesa.

Abstract: In this paper we analyze, in Portuguese Language, the relationship between *lexical blending* and what we denominate here: *suffixal blending*. Therefore, we study the using of *asterístico* instead of *asterisco* in the *Google Books corpus*, concluding that the process called *blending* occurs not only between words, but also

⁴ Agradeço à Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa pela oportunidade e encorajamento em apresentar, durante o XV MiniEnapol, o trabalho que culminou neste texto.

⁵ Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. nilsa.arean@gmail.com

between other lexical units, such as suffixes.

Keywords: Lexical blending; suffixal blending; Portuguese Language.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o fenômeno chamado de cruzamento vocabular, se dá quando a palavra é formada pela união morfofonológica, entre duas ou mais unidades lexicais, motivada pelo resultado semântico e seu âmbito de uso. De modo semelhante, existe o fenômeno, que aqui chamaremos de cruzamento entre sufixos, baseado na similaridade fonética, no sentido semântico, na frequência e no âmbito de uso. Assim, a partir das noções de cruzamento vocabular e da teoria do reconhecimento de padrões, neste trabalho, apresenta-se uma análise na língua portuguesa, a título de ilustração, da palavra *asterístico* do ponto de vista do uso do sufixo *-ístico(a)* em detrimento de *-isco(a)*. Para tanto, utiliza-se como *corpus* as ocorrências mais antigas da palavra *asterístico* encontradas em *Google Books*. Deste modo, observa-se que os sufixos podem carregar conteúdos semânticos, como ainda traços indicativos dos gêneros textuais em que se inserem, época de atuação, entre outros traços culturais designativos.

CRUZAMENTO VOCABULAR

É sabido que, na fala popular podemos encontrar com grande produtividade, o que os gramáticos costumam chamar

de “erros” por se desviarem da norma culta da língua, mas que estão envolvidos como constituintes nos processos de aquisição de palavras no idioma materno. Muitas vezes, a aprendizagem e criação de novas palavras pelo falante se dá, como no caso de uma criança que está aprendendo a falar, por meio da escuta e repetição pela fala, passando pelos estágios de associação, interpretação semântica, correção e/ou adaptação. Neste sentido, podemos considerar que palavras como *jaboticaba* e *boeiro* ocorrem popularmente no processo de hipercorreção do falante ao trocar *u* por *o*, associado, a exemplo da norma culta, com a ocorrência de *o* em *botijão* e *poeira*.

Há, ainda, o fenômeno chamado, entre outros nomes, de cruzamento vocabular ou cruzamento lexical, mesclas, amálgama, palavras-valise, palavras *portmanteau*, *blends*, mesclagens lexicais etc., na reprodução de palavras pelo falante. Cujas ocorrências, segundo Cardoso (2010, p. 215), se dá quando a palavra é formada pela união morfofonológica, entre, no mínimo, duas unidades lexicais, impulsionada e motivada pelo resultado semântico e seu âmbito de uso. Por exemplo, quando uma parte da palavra se assemelha a outra foneticamente e sua conotação semântica pode ser próxima. Neste caso, que é muito produtivo no português, embora pouco estudado no âmbito da formação de palavras, encontramos exemplos como: “bilhete de *entrega*ção ônibus e metrô”; no qual o falante pode associar, entre outras

possibilidades semânticas, *entregar* ao ato de entregar o bilhete no transporte coletivo, ou de o transporte *entregá-lo* em seu destino. Fato é que, neste caso, *entregar* está mais próximo semanticamente do contexto do falante que *integrar*, fazendo-lhe mais sentido.

Analogamente, ocorre com a ameixa *reubennel*⁶, cujo nome científico é *Prunus salicina Lindl.* Esta variedade é cultivada na África do Sul, pelo menos desde os anos 1970, e de lá foi trazida à região sul do Brasil, onde se tornou conforme Kluge, Bilhalva e Cantillano (1996), uma das variedades mais bem adaptadas às nossas condições climáticas, principalmente no estado do Paraná a partir dos anos 1990, proporcionando grande rentabilidade e fácil comercialização ao agricultor. Dessa forma, conjectura-se que facilmente esta variedade chegou às feiras, quitandas, mercados, sacolões etc., daí às mesas brasileiras, e com sua grande popularidade passou a ser conhecida pelo nome *rubi-mel*. Se por um lado, o vocábulo *reubennel*, que possivelmente seja o sobrenome da família cultivadora da espécie e importado da África do Sul para o Brasil, não faz sentido por si só para a maioria dos falantes da língua portuguesa. Por outro, a palavra *rubi-mel* é foneticamente próxima da original *reubennel* e semanticamente mais coerente no contexto para o falante, já que *rubi* lembra a coloração vermelha da fruta e *mel* é associado ao paladar desejado. Uma vez mais, o nome

⁶ Agradeço ao Prof. Dr. Claudio Gorodski por este exemplo.

utilizado pelo falante lhe é muito mais próximo de sua realidade.

Dessa maneira, o falante ouve a palavra e no momento de reproduzi-la fará a correção e/ou adaptação de forma que se torne mais adequada à sua interpretação semântica e ao seu contexto, como também, quando for o caso, à sua variante fonética.

Dessa forma, não obstante o cruzamento vocabular tenha sido pouco estudado e seja atribuído, segundo alguns especialistas da língua, a problemas na escolarização ou ainda à ignorância do falante, pode-se notar que o fenômeno ocorre nas mais variadas camadas sociais e, conforme os exemplos ilustrados anteriormente, pode ser analisado. Assim,

Embora considerado um processo de formação de palavras “marginal”, as mesclas têm sua função e podem ser sistematizadas e estudadas como um processo. Sua principal função, ao se manifestarem no discurso concretamente realizado, é mostrar que o enunciador é capaz de revelar seus conceitos internalizados e os efeitos de sentido que pretende apresentar, por meio da criação lexical. (CARDOSO, 2010, p. 221).

ANÁLISE DOS CRUZAMENTOS VOCABULARES

Segundo Macedo (2005, p. 19), quando o falante produz uma palavra, esta produção quer ser ouvida, compreendida, respondida e quer, por sua vez, ser rebatida; questionar e ser novamente respondida, pois conforme as

teorias bakhtinianas, uma só palavra pode formar um enunciado, parte de um discurso, que está sempre marcado ideologicamente pela mediação de signos linguísticos. Deste modo, no processo de formação de palavras, estas estão sendo sempre carregadas de significações históricas, sociais, ideológicas, que se alteram com um ou outro morfema na sua construção. A título de ilustração, dizer *pianista* ou *pianeiro*, com apenas a troca de um sufixo, altera toda a carga semântica da palavra e até mesmo o contexto que está por traz de cada enunciado. Observa-se, então, que os enunciados são produzidos de forma consciente e, por serem fenômenos dialógicos, implicam a produção de *contrapalavras* vinculadas às palavras do outro, assim se refletem mutuamente por meio de um processo de compreensão e, portanto, não existem por si só, ou isoladamente.

Assim, podemos conjecturar que a formação de palavras pelo falante é um processo dialógico com o outro, e nessa formação entra em cena o discurso, bem como o desejo de compreensão e, muitas vezes, aceitação pelo interlocutor. Neste sentido, os falantes produzem palavras diferentes em diferentes contextos, em diferentes âmbitos e gêneros do discurso. Portanto, cada etapa da aprendizagem e da produção de palavras pelo falante pode ser analisada, pois ocorrem dentro de um contexto específico e visando a um objetivo concreto.

Em contrapartida, ao estudar a formação de palavras, sabemos que:

Da competência lexical do usuário de uma língua fazem parte tanto a capacidade de formar e entender palavras novas como a de atribuir estrutura às palavras já integrantes do léxico. Podemos, portanto, admitir um inter-relacionamento entre as regras de formação de palavras e as regras de análise da estrutura das palavras. Essa interação se confirma quando acontecem formações novas. (SANDMANN, 1991, p. 44-45).

Isto significa que há algumas etapas interligadas no processo de formação de palavras para o falante de uma língua: numa primeira fase, o falante entende as palavras novas e equivale a formação de paráfrases que explicam o seu entendimento; numa segunda fase, o falante reconhece os elementos envolvidos no processo de formação de uma palavra nova, que equivale ao reconhecimento das regras de formação de palavras; numa terceira fase, o falante produz palavras novas aplicando o mesmo processo reconhecido na segunda etapa, que equivale a aplicação das regras de formação de palavras. A terceira fase desse processo, isto é, a aplicação das regras e a produção efetiva de palavras novas irá indicar a produtividade da regra de formação de palavras. Assim, de acordo com Aronoff (1976, p. 62) e Sandmann (1991, p. 62-64) existe uma estreita e importante relação entre coerência semântica e produtividade na formação de vocábulos.

Tomando como exemplo a palavra *conhecidência*, usada ao invés de *coincidência* no contexto de encontro ao acaso entre duas ou mais pessoas conhecidas, utilizando as fases descritas anteriormente no processo de formação de palavras e tendo-as adaptado ao reconhecimento de padrões pelo falante, conseguimos esquematizar, *grosso modo*, o processo de aprendizagem e reprodução de uma palavra em cinco fases que estão descritas a seguir, partindo da palavra *coincidência* e terminando na produção da palavra *conhecidência*, a título ilustrativo.

Assim, considera-se que a primeira fase do processo é o primeiro contato do falante com a palavra, seja um contato oral ou escrito. Suponhamos, então, que dois colegas de trabalho se deparem, ao acaso, em uma feira livre. Um deles dirá que é uma *coincidência* tal encontro. O outro terá o seu primeiro contato com a palavra ao ouvi-la.

Inicia-se, então, a segunda fase do processo que é a internalização da palavra, ou seja, o reconhecimento da palavra como nova, dentro do contexto específico de um encontro ao acaso entre conhecidos. Neste dado momento, o falante percebe que *coincidência* não pertence ao seu vocabulário interno de palavras e, portanto, é uma palavra nova que precisa ser aprendida.

Sabemos que o cérebro humano apresenta uma capacidade de processar informações novas por meio de analogias e similaridades com as informações que já conhece

e sobre as quais apresenta um bom domínio. Ou seja, o ser humano procura aprender o desconhecido por meio de aproximações ao que já lhe é conhecido. Esta é, então, a terceira fase do processo, ou seja, a busca e o reconhecimento de padrões conhecidos próximos ao da palavra desconhecida. No exemplo, a palavra *coincidência*, não pertence ao vocabulário do falante ou lhe apresenta pouca frequência de uso, o mesmo ocorre com *coincidir* e com *incidir*, que pouco ou nada lhe significam no contexto em que se depara no momento. No entanto o falante reconhece o sufixo *-ência*, pela sua presença em demais palavras de seu vocabulário interno. Assim, continuando a busca por similaridades fonéticas e semânticas em seu vocabulário interno, o falante encontra a palavra *conhecidos*, que lhe é bastante frequente e faz algum sentido semântico, já que o contexto é um encontro ao acaso entre *conhecidos*. Desse modo, é como se o falante reservasse a palavra *conhecidos* e o sufixo *-ência*, dentro de seus padrões reconhecidos.

Chegamos, agora, a quarta fase do processo que é o reprocessamento da palavra, na qual o falante reestrutura a palavra a partir dos padrões reconhecidos na fase anterior, criando uma nova palavra. Seguindo o exemplo, o processo ocorre como se o falante criasse uma paráfrase sua e interna da palavra *conhecidência*, com a palavra *conhecidos* e o sufixo *-ência*.

A quinta fase é a reprodução e uso da palavra aprendida e reestruturada em seu contexto. Por exemplo, o falante responde ao seu colega dizendo-lhe que foi realmente uma *conhecidência*. E a partir de então usará a palavra *conhecidência* no contexto específico que designa encontro ao acaso entre conhecidos.

Assim, se por um lado, o processo de aprendizagem e produção de uma palavra está inserido em um discurso e, portanto, é um processo dialógico que por sua vez faz parte de um contexto e apresenta um gênero. Por outro lado, também é função do inventário individual do falante, da frequência de uso de das palavras em determinados contextos, dos padrões estabelecidos pela sociedade para a comunicação em um dado registro, entre outros fatores.

OCORRÊNCIAS DE ASTERÍSTICO AO INVÉS DE ASTERISCO

É sabido que a palavra *asterisco* é a derivação da palavra *aster*, de origem grega que designa ‘estrela’, com o sufixo *-ico(a)* de valor diminutivo, significando ‘estrelinha’ ou ‘pequena estrela’. Entretanto, embora *asterisco* signifique etimologicamente ‘estrelinha’, atualmente a palavra não está associada a qualquer estrela pequena, mas, segundo o dicionário Houaiss (2001), unicamente ao sinal gráfico em forma de estrela * formalmente usado na escrita, em geral, para indicar uma chamada de nota ou para assinalar supressão, dúvida ou outra convenção previamente

estabelecida, como em linguística que indica que a forma é agramatical ou em filologia que indica um vocábulo hipotético; registra também o ponto defeituoso de um original na cópia de documentos.

Por outro lado, segundo Viaro (1998), a palavra *asterístico* encontrada na fala brasileira, ao invés de *asterisco*, é uma analogia proveniente da influência das palavras formadas com *-ístico(a)*, como por exemplo, *característico* e *artístico*, dentre outras frequentes na língua.

Feita uma breve pesquisa em *Google Books*, notou-se que, embora a palavra *asterístico* não seja encontrada em dicionários normativos, é possível encontrar várias ocorrências dela, na forma escrita. Nos exemplos descritos a seguir, apresenta-se a primeira ocorrência da palavra *asterístico* (destacada em itálico para efeitos didáticos) encontrada na forma escrita em cada língua ou variante linguística.

No português do Brasil, apresenta-se o primeiro exemplo, extraído de *Annaes do Parlamento Brasileiro. Camara dos Srs Deputados*, volume 4, partes 1-3, Rio de Janeiro, 1860, página 172: “Sessão em 11 de junho de 1860. [...] deste anno, no qual estao especificadas as datas mais notaveis da vida de cada official, e indicados com um *asterístico* os que têm habilidades praticas, bem como expressamente se diz quaes os que possuem as habilitações...”

No português europeu, apresenta-se o segundo exemplo, extraído de *Arquivo dos Açores*, volume 12, edições 67-72, 1892, página 6: “Na Tolha de 1730 levam um asterístico (*) todas as verbas que nao se encontram na folha de 1634 facilitando assim a comparação. Todos os ordenados d'esta folha (excepto os ecclesiasticos) sofreram desconto de 4 e 112 por cento.”

No português angolano, apresenta-se o terceiro exemplo, extraído de *Boletim do Instituto de Angola*, edição 26, 1966, página 91: “Tal como fizemos nessas páginas, procuraremos não nos afastar do texto apresentado à cadeira de 'Estruturas Sócio-Culturais Portuguesas', salvo na actualização de mapas e um ou outro caso que assinalámos com um asterístico.”.

Em língua espanhola, apresenta-se o quarto exemplo, extraído de *Principios Elementales de Física y Astronomía. Para uso de los que no han frecuentado las aulas, ni estudiado matemáticas. Por Don Santiago de Alvarado y de la Peña, Notario de los reinos y del ilustre colegio de Madrid, 1829*, página VIII do prólogo: “... como se verá por las citas que hago de ellos al pie, señalando con *asterísticos* quanto he copiado literalmente de los espanholes.”

Em língua italiana, apresenta-se o quinto exemplo, extraído de uma nota do editor em edição escolar-didática de *La divina commedia*, volume 3 de Dante Alighieri, 1828, página

477: “... segnando coll'*asteristico* quelli che nessuno studioso di Dante dovrebbe negligere.”

Em língua francesa, apresenta-se o sexto exemplo, extraído de *Traité de Mécanique Céleste par P. S. Pierre Simon Laplace (Marquis de)*, J. B. M. Duprat (Paris), em 1802, página 278: “Pour les distinguer, j'ai marqué d'une *astéristique*, celles que Mason a déterminées parla comparaison des observations de Bradley, et qui toutes ont été déterminées de nouveau par Burg, au moyen d'un très-grand nombre d' observation...”

Em latim científico, apresenta-se o sétimo exemplo, extraído de *Le Médecin Naturaliste* escrito pelo médico francês Jean-Emmanuel Gilbert, publicado em Lyon, em 1799, página 336: “Quæ *asteristico* notantur, à nobis?, in herbario nostro conservantur...”

Analisando os exemplos pode-se verificar, então, que no português a ocorrência grafada da palavra *asterístico* não se restringe apenas à variante brasileira da língua, ocorrendo também no português europeu e no de Angola. Podemos notar, ainda, que sua ocorrência não é exclusiva da língua portuguesa, pois a encontramos também no castelhano, na língua italiana, na francesa e mesmo no latim científico.

Observa-se nos exemplos que a palavra *asterístico* ocorre majoritariamente no âmbito acadêmico e técnico-científico, e é escrita por autores cultos desde o século XIX nas línguas românicas supracitadas e desde finais do século XVIII

no latim científico. É notório que, ainda que não pertença à norma culta, esta é uma palavra reproduzida por falantes cultos e em âmbitos acadêmicos ou, pelo menos, em contextos de alta formalidade. Assim, o âmbito de inscrição do fenômeno não é regional, mas é um âmbito marcado pela formalidade e pelos discursos no gênero acadêmico e técnico-científico.

O âmbito de uso da palavra pode ser justificado em parte pela própria designação dela, ou seja, sinal gráfico em forma de estrela * formalmente usado na escrita, e reforçado pelo sufixo *-ístico(a)*, cuja utilização frequentemente ocorre no âmbito formal, e, portanto, em discursos pertencentes ao gênero acadêmico e técnico-científico, segundo Areán-García (2012, p. 228-229).

Também o seu período de utilização, a partir do século XIX nas línguas exemplificadas, segundo Areán-García (2012, p. 194-197), se justifica pelo período em que o sufixo *-ístico(a)* começa a mostrar relevância, ocorrendo na formação de palavras.

Assim, o fenômeno observado é bem mais amplo do que inicialmente se poderia imaginar e não é apenas fruto regional de uma variante do português brasileiro, procedente apenas de uma analogia proveniente da influência de palavras formadas com o sufixo *-ístico(a)*. Tampouco é algo procedente de problemas de escolarização ou de um processo de hipercorreção, uma vez que ocorre entre falantes cultos.

ANÁLISE DO CRUZAMENTO ENTRE SUFIÇOS

Na análise das ocorrências da palavra *asterístico* ao invés de *asterisco*, do ponto de vista morfológico, evidencia-se o uso do sufixo *-ístico(a)* em detrimento de *-isco(a)*. De modo similar aos cruzamentos vocabulares, mostra-se, neste exemplo, um cruzamento não entre vocábulos, mas entre sufixos: *-isco(a)* e *-ístico(a)*.

Assim, retomando a palavra *asterisco*, nota-se que sua formação se dá com a base culta *aster* derivada com o sufixo *-isco(a)*, cuja função é formar diminutivos. Ao se usar *asterístico* ao invés de *asterisco*, parece haver uma arbitrariedade quanto à função morfemática no uso do sufixo *-ístico(a)*, que é formador de adjetivos relacionais. Vamos, então, tentar entender a motivação do falante ao fazer uso de *-ístico(a)* em detrimento de *-isco(a)*, uma vez que não é funcional, pois *asterístico* é um substantivo, e, portanto, tampouco se mostra como motivação semântica, conforme se coloca nos cruzamentos vocabulares.

Inicialmente, observando o sufixo *-isco(a)*, pode-se dizer que é de origem grega e sua função é a diminutiva com relação à base da palavra. Apresenta pouca produtividade nas línguas românicas, em geral, e pouquíssima frequência de uso. Apesar de ser de origem culta, os vocábulos com ele formados, em sua maioria, inserem-se no âmbito popular de uso. No Dicionário Houaiss (2001), encontramos apenas onze palavras com ele formadas: *abacisco*, *asterisco*, *borrisco*,

chuisco, galisco, ladrisco, lambisco, namorisco, pedrisco, penisco e petisco; das quais apenas *abacisco* e *asterisco* não são de uso popular.

Daí, podemos entender que, no primeiro contato do falante com a palavra *asterisco* haja um estranhamento. Considerando-se as fases do aprendizado de uma nova palavra, anteriormente descritas, na primeira fase, o falante se depara com *asterisco*. Na segunda fase, reconhece que *asterisco* é uma palavra nova usada em âmbito douto.

Porém é na terceira fase que ocorre o estranhamento, pois nesta fase o falante reconhece a base culta *aster-* e um sufixo pouco frequente e usado em âmbito popular, *-isco(a)*, causador do estranhamento.

Procurando por similaridades fonéticas e maior frequência de uso, temos o sufixo diminutivo de origem latina *-ico(a)*, que, embora seja muito mais frequente que *-isco(a)*, tampouco é a opção escolhida pelo falante. Infere-se que além de bases e o sufixo serem de origens diferentes, contribui de modo contundente o fato de as palavras diminutivas formadas com *-ico(a)* também, em sua maioria, inserirem-se no âmbito popular de uso.

Portanto, o critério usado pelo falante ao escolher o sufixo *-ístico(a)* leva em conta vários fatores, não apenas a similaridade fonética e a maior frequência de uso, mas

preponderantemente o seu âmbito de uso comparativamente com o sufixo *-isco(a)*.

Assim, o falante, na quarta fase do processo, reestrutura a palavra com o sufixo *-ístico(a)*, criando a palavra *asterístico*, que lhe faz sentido dentro do âmbito douto de uso. E, na quinta fase, o falante reproduz e utiliza a palavra *asterístico*.

Acredita-se também que o signo é modificado pelo contexto em que se inserem o seu significado e seu significante, marcando assim o discurso do falante ao proferir *asterístico*. Ou seja, o contexto do símbolo formal * usado na escrita faz com que o falante esteja ciente que está diante de um âmbito de grande formalidade. Assim, o falante culto utiliza o sufixo *-ístico(a)* pela semelhança fonética, pela sua maior frequência, mas também pela sua atuação nos âmbitos de grande formalidade principalmente em contextos acadêmicos e técnico-científicos. Dessa maneira, justifica-se, em parte, a formação do cruzamento com um sufixo morfológicamente não esperado, pois deriva adjetivos, mas contextualmente reconhecido e adequado ao gênero do discurso em prática.

No seu processo de discurso, o falante sente-se mais seguro ao marcar a palavra no contexto, pois também é uma forma de ser aceito e, algumas vezes, de se impor dentro de um âmbito douto. Além disso, convém notar que tal fenômeno somente pode ocorrer a partir do século XIX, pois

antes o morfema não mostra produtividade nas línguas românicas, e desta forma, o falante se vale não somente do fato de o sufixo ser culto, tal qual a base o é, mas também o de ser uma inovação na língua.

Por outro lado, seja por reforço da influência das obras em castelhano, italiano, francês e/ou suas traduções, nas quais a palavra *asterístico* também ocorre em âmbitos semelhantes desde o século XIX, convém notar que o uso de *-ístico(a)* na formação desta palavra também aponta para a produtividade do morfema. Assume-se, então, que os falantes reconhecem o morfema, a base culta *aster-* e o seu âmbito de atuação ao produzirem *asterístico*, verbalmente ou de forma escrita, impulsionando, ademais, a importância de *-ístico(a)*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na língua, à semelhança das palavras, seus constituintes apresentam designação semântica e também carregam características tais como a valoração (por exemplo, a pejoratividade), além do gênero em que atuam. Assim, de modo análogo às palavras, os sufixos se transformam formal e semanticamente, se associam entre si, são traduzidos e inseridos por meio de línguas veiculares a línguas naturais, circulam em âmbitos específicos, são decalcados, emprestados e adaptados foneticamente a línguas diferentes da de sua origem e nas quais podem vir a ser produtivos abrangendo novos campos semânticos, formando e ampliando constelações próprias. (AREÁN-GARCÍA, 2012, p. 41).

Seguindo esta linha, alguns fenômenos linguísticos que ocorrem no nível das palavras também podem ser observados no nível de seus componentes, por exemplo no nível dos afixos. Especificamente neste artigo ilustramos o fenômeno conhecido como cruzamento vocabular no nível das palavras e seu equivalente no nível sufixal, que denominamos como cruzamento entre sufixos.

Deste modo, observa-se que os sufixos podem carregar conteúdos semânticos, como ainda traços indicativos dos gêneros textuais em que se inserem, época de atuação, entre outros traços designativos. Portanto, deve-se levar em conta os mais variados fatores, meios e condições que podem interferir no processo de formação de palavras pelo falante, inclusive a aprendizagem e o letramento, conforme sugere Viaro (2011, p. 119).

Sabemos que

A formação de palavras pode ter uma função exclusivamente cognitiva, como categorização. Mas, em termos de comunicação, a palavra se forma também em função do enunciado. Este, por sua vez, tem nas palavras a substância em que se estrutura. Assim, é natural que os processos de formação de palavras tenham ou uma função apenas semântica ou uma função mista, em que se liguem fatores semânticos àqueles relacionados ao enunciado ou à relação falante / enunciado. (BASILIO, 2004, p. 80)

Ou seja, as funções não estão isoladas e exclusivas na formação da palavra diante da comunicação, assim, não há apenas uma função semântica ou morfológica, mas um misto de funções que associa os mais variados fatores ao enunciado e à expressão. Desse modo, embora os estudos estruturalistas e gerativistas procurem deixar de lado a enunciação e o gênero textual contrapondo-se aos estudos de análise do discurso, que por sua vez deixam à margem a análise de formação de palavras e, ambas as linhas ignoram o estudo diacrônico e etimológico; consideramos que aliar diferentes perspectivas na pesquisa de fenômenos da linguagem só traz contribuições positivas, mais abrangentes e inéditas para o melhor entendimento de tais fenômenos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AREÁN-GARCÍA, N. (2012). *Aspectos sincrônicos e diacrônicos do sufixo -ístico(a) no português e no galego*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP.

ARONOFF, M. (1976). *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusetts: MIT.

BASÍLIO, M. (2004). *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.

CARDOSO, E. A. (2010). Cruzamentos lexicais no discurso literário. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 39 (1): p. 214-222, mai. – ago.

HOUAISS, A. (2001). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua*



portuguesa. Versão1. Rio de Janeiro: Objetiva.

MACEDO, M. dos S. (2005) Interações nas práticas de letramento – o uso do livro didático e da metodologia de projetos. São Paulo, SP: Martins Fontes.

SANDMANN, A. J. (1991). Competência lexical. Produtividade, restrições e bloqueio. Curitiba: UFPR.

VIARO, M. E. (2011). *Etimologia*. São Paulo: Contexto.

_____. (1998). Formas analógicas na conjugação verbal do reto-românico. *Anais do Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: Cifefil, v. 1, p. 181-192.

OUTRAS FONTES

GOOGLE. *Google Books*. Disponível em: <<http://books.google.com.br>>. Último acesso em 26 de fevereiro de 2013.

KLUGE, R. A.; BILHALVA, A. B.; CANTILLANO, R. F. F.. (1996) Armazenamento refrigerado de ameixas 'reubennel' (*Prunus salicina* Lindl.): efeitos do estágio de maturação e do polietileno. *Scientia Agricola*, Piracicaba, v. 53, nº 2-3, mai. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-90161996000200006&lng=en&nrm=iso>. Último acesso em 26 de fevereiro de 2013.



A DIALÉTICA ENTRE OS EXTREMOS: DA TERMINOLOGIA À ETNOTERMINOLOGIA

THE DIALECTIC BETWEEN THE EXTREMES: FROM TERMINOLOGY TO ETNO
TERMINOLOGY

Vanice Ribeiro Dias LATORRE

Resumo: Propomo-nos a analisar a unidade mínima de significação da Etnoterminologia, o *vocábulo-termo*, no léxico de *Grande Sertão: Veredas* para compreender como a realidade fenomênica é refletida na axiologia do grupo sociolinguístico cultural do sertanejo dos gerais. Tal processo se dá no percurso gerativo da enunciação e é constituído por conjuntos de semas conceptuais. A análise linguística desvela como as denominações, produto do fazer persuasivo do sujeito enunciator, originam-se nas qualidades conceituais da cognição e são materializadas em traços semânticos específicos, ou nos conceitos de cada unidade lexical, integrando o processo de modalização. Rosa transplantou suas pesquisas linguísticas para seu texto, ao abrigo das denominações, e realçou significantes amalgamados a conceitos portadores de exclusividades semânticas que se erigem na própria especificidade que nomeia os seres. É nessa exclusividade semântica que a fronteira existente entre o vocábulo e o termo das linguagens de especialidades torna-se densa em seu romance e é, nesses limites, que se apresenta o vocábulo-termo no qual o autor encontra a palavra vigorosa, profunda e não desgastada pelo uso impróprio. Verificamos, sobretudo, a partir da análise das palavras escolhidas por nós, a gênese do vocábulo-termo nas especificidades linguísticas regionais que desenham etnicamente a identidade de um grupo. Sabemos que em todas as obras de Rosa se verifica, em maior ou menor

proporção, o uso das virtualidades que o sistema linguístico oferece aos seus falantes, convergindo para o semantismo inusitado do vocábulo-termo roseano na vertente etnoliterária de *Grande Sertão: Veredas*.

Palavras-Chave: Etnoterminologia. Lexicologia. Terminologia. Semântica Cognitiva. Semiótica

Abstract: The linguistic analysis revealed how the denominations, result of the persuasiveness of the announcer subject, originate in the conceptual qualities of cognition and are materialized in specific semantic traits, or in the concepts of each lexical unit, integrating the modalization process. Guimarães Rosa transplanted his linguistic research to his texts, to the protection of denominations, and enhanced the significant ties to concepts bearing semantic exclusivities which build from the specificity that names the beings, result of the knowledge inherited and grouped over generations. It is in this semantic exclusivity that the frontier that exists between word and term of the languages of specialities become dense in his novel, and it is, in those boundaries, that the word-term presents itself, in which the author finds words which are vigorous, profound and not wasted by inappropriate use. We have verified, especially, in the analysis of words chosen by us, the genesis of the word-term in the regional linguistic specificities and which draws ethnically the identity of a group. We are aware that in every of Rosa's work, in a smaller or bigger proportion, we verify the use of the virtuality that the linguistic system offers to its speakers, and the approach of the sociolinguistic aspects, converging to an unused semantics of the word-term in Rosa's *Grande Sertão: Veredas*.

Keywords: Ethno terminology; Lexicology; Cognitive semantics; Semiotics.

INTRODUÇÃO

Toda manifestação linguística encerra a conceptualização de uma cultura que constrói semioticamente suas relações de poder, ideologias, valores e modos de encarar a realidade, que se presentifica em cada palavra, no interior de diferentes universos de discurso. Agrupada a diferentes universos léxicos, a palavra, pode constituir um conjunto de termos específicos ou especializados que no nível de sistema são plurifuncionais, disponíveis para atualização tanto como vocábulo ou termo, dependendo, portanto, de uma norma discursiva ou discurso ocorrência. Assim, o recorte da realidade operado pelo léxico nos múltiplos contextos evidencia a palavra como objeto de estudo de diferentes campos do saber e da experiência da trajetória humana.

Os estudos das ciências do léxico acumularam-se no mesmo ritmo acelerado das descobertas e inovações científicas, e imprimiram à Terminologia uma dinâmica paralela de estudos intensos voltados para os discursos das linguagens de especialidades. Em seu processo de investigação e estudo constantes Maria Aparecida Barbosa percebeu entre o vocábulo, a unidade padrão da língua geral, e o termo, a unidade padrão das linguagens de especialidades, uma unidade léxica que não apenas incorpora os valores e as funções de vocábulo, mas simultaneamente os valores e funções de termo, e que presente nos discursos etnoliterários circunscreve seus limites na subárea da Terminologia.

Os discursos ou textos que permitem compreender e preservar o processo histórico e cultural sustentam-se na tensão dialética entre duas tipologias de discursos: o das linguagens de especialidades de um lado ou os discursos ditos não literários e os literários ou ficcionais de outro.

A zona de intersecção entre os estudos dos universos de discursos literários e os das linguagens de especialidades ou terminologias é ocupada pela Etnoterminologia, que se formaliza como a mais recente das disciplinas das ciências da linguagem. A Etnoterminologia é o campo de estudos que abrange o domínio etnoliterário,

“a literatura oral, literatura popular, literatura de cordel, mitos, lendas, folclore que são preservados, ao longo dos séculos, pela memória coletiva das comunidades e transmitidos de uma geração à outra pelas populações e também os discursos especiais com baixo grau de tecnicidade e cientificidade (PAIS & BARBOSA, 2004, p. 79-100).

Sua unidade de significação amalgama o estatuto de vocábulo e termo simultaneamente, com significado exclusivo, ao mesmo tempo próprio às linguagens de especialidade e literária também. As qualidades inerentes à linguagem de especialidade e à linguagem literária do universo de discurso etnoliterário conferem ao vocábulo-termo, o valor semântico-social e documental do processo histórico de uma cultura (BARBOSA, 2007, p. 441), como nos explica Barbosa: o “vocábulo-termo” reúne “[...] qualidades das línguas

especializadas e da linguagem literária, de maneira a preservar um valor semântico e social, e constituir simultaneamente, documentos do processo histórico e cultural [...]” (Ibidem). É essa unidade mínima de significação, o vocábulo-termo, o objeto da nossa análise.

Os discursos etnoliterários, por sua vez, são percebidos pelos sujeitos como portadores de verdades gerais e universais, e se ocupam dos sistemas de valores (poder-fazer-saber) e sistemas de crenças (poder-fazer-creer) que, por sua vez, determinam pensamentos e condutas (poder-saber-fazer), e formas de ver o mundo e o ser humano (poder-fazer-dever). Verifica-se, facilmente, portanto, que as modalidades nas quais se sustentam interagem com maior complexidade do que nos outros discursos.

As várias modalidades dialeticamente estruturadas no discurso etnoliterário comprovam que esse gênero textual abarca não apenas as características dos discursos literários, no que concerne à sua tipologia, mas também as dos discursos não literários, dentre os quais nos interessa particularmente a Terminologia em suas semelhanças e diferenças com a Etnoterminologia.

Servem-se da Terminologia, enquanto linguagem de especialidade, todos os discursos sociais não literários, a saber, e não exaustivamente os discursos científicos, os discursos jurídicos e políticos, das áreas específicas do saber, como o Direito e a Economia, por exemplo. À língua comum

pertencem os demais universos de discurso, muito embora se interpenetrem interferindo, conforme Pais, uns sobre os outros, “já que um único e mesmo discurso manifestado pode pertencer simultaneamente a mais de um universo de discurso, como, por exemplo, o científico/pedagógico” (PAIS, Rev. Bras. Ling. v.7, n°. 1, p.44).

Tendo sido reconhecido o texto como o habitat natural das terminologias, pois para Cabré “*O habitat natural da unidade terminológica é o texto*”, e com sua proposta de abordagem do termo *in vivo*, fica reconhecido que o termo não é em si mesmo um termo, mas uma unidade léxica que está em função de termo. É relevante, portanto, a compreensão da palavra vinculada ao seu universo de discurso, à expressão particular de um grupo de falantes, que reúne conhecimentos distintos a diferentes áreas técnicas e científicas e seu modo especial de operar o léxico da língua geral, ou seja, em uma linguagem de especialidade. A Etnoterminologia capta o modo de existência das palavras que nem sempre se explicam para aqueles que não pertencem aos domínios que as refletem. Estuda a unidade léxica (vocábulo-termo), que representa um grupo de falantes linguística e socialmente definido, histórica e geograficamente delimitado, grupo este que detém os valores conceptuais próprios de uma realidade e atribui valores semânticos à forma conservadora como vê o mundo, o que exige do interlocutor imersão total nesse grupo social, ao lado do homem que o habita. Ou seja, para usar o vocábulo-termo é preciso conhecer a axiologia do

grupo em que teve origem, do grupo que conceptualizou seus signos-símbolos.

A Etnoterminologia está intimamente associada ao sentido de etnia e etnismo na formação social e cultural de um grupo, e às interferências históricas e geográficas que subordinam o processo de conceptualização dos seus sujeitos. Suas formas para denominar portam valor documental, fruto do contato com a realidade e visão de mundo, da axiologia que permeia suas relações. Enquanto veículo da herança da cultura popular, amalhada ao longo do tempo, refletem valores, usos, costumes, crenças, hábitos de caráter fundamental, porém abstratos, e modulam a maneira de pensar, sentir e viver de um grupo.

A natureza especializada do vocábulo-termo aflora vínculos outros que não o de raça ou limites geográficos, mas preponderantemente das relações sociais de parentesco remoto, o sentimento de pertencimento ao grupo, de fatores culturais como a nacionalidade e as tradições com características de etnicidade, que, como afirmou Saussure, estão na base da unidade linguística, sendo verdadeiramente a unidade essencial, a que chamou de etnismo (SAUSSURE, 1971, p.261).

As especificidades sociais e culturais definíveis como modelo de ação e interação entre membros de um grupo consubstanciam-se em valores apreensíveis em modelos que se refletem na articulação linguística interna, possibilitando-

nos observar nos discursos etnoliterários que os tipos humanos são suportes de grandes temas universais, que se enfrentam dialeticamente nas oposições amor x morte; vida x morte; bem x mal; riqueza x miséria; fidelidade x traição; Deus x demônio; alma x amor; poder x fraqueza. Esses temas estão identificados dentre os temas principais de *Grande Sertão: Veredas*, do conhecimento de todos, que são além do tema sertão, *Deus, diabo e amor*.

É importante também examinarmos a preocupação estética ligada à face literária do discurso etnoliterário em sua singularidade expressiva, alternando-se nas esferas da poesia de rima fácil e da prosa volteada, cantadas tanto pelos poetas populares como pelos contadores mais velhos da família ou do povo.

A FORMAÇÃO DO CONCEITO NOS DISCURSOS ETNOLITERÁRIOS

O percurso gerativo da enunciação de codificação e decodificação é estruturado em momentos, ao longo dos quais é descrito cada nível do seu processo global, cujo produto final é o texto manifestado que sustenta o processo permanente de produção de significação e de unidades léxicas neológicas: ou seja, trata-se de um processo que se dá em ciclos, movimento que atesta a vitalidade linguística com a introdução de unidades lexicais que, como nos ensinou Ieda Maria Alves, *recicla* os elementos disponíveis.

A apreensão da realidade se dá em três níveis: temos no *primeiro nível* a percepção dos fatos reais, dos objetos do mundo: o início desse percurso (percepção biológica e cultural universal filtrada) dá-se na realidade fenomênica em que os fatos naturais estruturáveis e recortes culturais preexistentes (biofatos, sociofatos, psicofatos e manufatos) são percebidos e, uma vez apreendidos pelo homem, convertem-se em substâncias estruturadas em variados recortes semânticos, fonéticos e fonológicos, gerando reflexos culturais, contidos na base lexical da palavra, reveladora da axiologia de um grupo ou de um indivíduo. Tais fatos estão disponíveis no universo natural (semiótica natural) como virtualidades, hipóteses a serem trabalhadas a partir de uma massa amorfa, cuja significação depende da ação humana; no *segundo nível* temos a conceptualização, construção do protótipo: temos o início do processo de conceptualização, pré-linguístico e pré-semiótico, que é a projeção do homem sobre os fatos da natureza que ganham forma (fato formado), a partir da seleção e escolha dos traços que farão parte do fato em si, configurando um conceito. Este processo é elaborado em três estágios que se originam na percepção dos objetos do mundo *in potentia*: das latências, estágio potencial enquanto substância de conteúdo (Hjelmslev) estruturável em traços distintivos semânticos apreensíveis; das saliências, em que as características estruturáveis se destacam na semiótica natural; e das pregnâncias, em que o fato se configura, conforme Pottier, a partir de uma escolha do enunciador individual ou

coletivo, dos traços que produzem o conceito do fato em si. No *terceiro nível* - da semiologização, semiotização - o *conceptus* virtual transforma-se em modelo mental efetivamente produzido, e em *designata*, recortes culturais. Trata-se do processo de elaboração cultural exercido pelo homem (semiótica humana), cuja intervenção gera o universo antropocultural, *conceptus* < - > *designata*. Na semiologização (de acordo com Rastier), as noções ou conjuntos noêmicos, os atributos dos conjuntos noêmicos são convertidos em atributos semânticos pressemióticos, transsemióticos, e de ordenamento dos campos semânticos. Na semiotização o nível cognitivo passa ao semiótico propriamente dito.

“Esses três momentos – da percepção, do início e do fim da conceptualização – constituem, assim, o próprio percurso da cognição entendido como a apreensão e construção de uma “visão de mundo”, formação do fato estruturável, como registra Barbosa, ao estudar as unidades padrão do plano cognitivo e semiótico (BARBOSA, 2001b, p. 33). É a própria construção do conceito nos discursos técnico-científicos, nos discursos literários e nos discursos sociais não literários. Reúne três tipos de traços que constituem um mínimo semântico, ou seja, um núcleo noêmico.

O último momento que nos interessa diante de nossos propósitos, a lexematização ou terminologização, dependendo do universo de discurso, integra o conceito formado ao signo linguístico, momento da denominação.

Entre a cognição e a semiose, etapas da enunciação, o processo de enfatizar seja o conceito *stricto sensu* (subconjunto de traços que servem à conceptualização da semiótica natural), seja o *metaconceptus*, (subconjunto de traços semântico-conceptuais culturais que produzem simultaneamente uma modificação do recorte cultural, própria de uma reconstrução particular do mundo semioticamente construído), seja o *metametaconceptus* (subconjunto de traços modalizadores, manipulatórios, em busca da eficácia discursiva) existe uma relação dialética de presentificação de traços já existentes no sistema, e da incorporação de novos traços. Essas etapas levam em conta as circunstâncias da enunciação e do enunciado, e se constituem em uma escolha do sujeito enunciador. Em cada universo de discurso, dos quais se extraem os traços conceptuais, o processo de engendramento do conceito ao lado de outras marcas são caracterizadores importantes desses discursos.

Conceito/conceptus corresponde, em sentido amplo, a um modelo 'mental'(RASTIER), dialeticamente articulado a um recorte cultural ou designatum. Para Pottier, se constitui em um subconjunto de noemas que, de acordo com Barbosa apresenta “um subconjunto de noemas biofísicos ou ‘universais’, conceito *stricto sensu*; um subconjunto de traços semânticos conceptuais ideológicos, culturais, metaconceito; um subconjunto de traços semânticos conceptuais

ideológicos, intencionais, modalizadores, metametaconceito” (Barbosa, 2001, p. 154).

Esses três subconjuntos contêm noemas característicos, pois os noemas universais garantem a múltipla nomeação; no subconjunto dos noemas ideológicos, culturais, temos os movimentos de redução/ampliação de acordo com aquilo que é importante para cada um e, aos noemas ideológicos corresponde o local de embate.

A Etnoterminologia, nos tênues limites entre a Lexicologia e a Terminologia, ocupa-se do signo linguístico que se refere a um conceito específico dominado por um grupo de falantes que o identifica e denomina no processo de sua explicação no universo referencial. As relações étnicas são documentadas pela língua e a identidade dessas relações é “formada”⁷ em grandezas-signo modelizantes da realidade fenomênica, que podem transformar-se em signos-símbolo. A exclusividade denominativa reveste-se de caráter monorreferencial, que na análise da formação dos semas conceptuais e na caracterização semântico-conceptual do vocábulo-termo poderemos observar com maior clareza.

A abordagem etnoterminológica do léxico de *Grande Sertão: Veredas* procurou encontrar as raízes da cultura que permeia a obra que é associada à herança popular cultivada

⁷ De ‘formar’, termo utilizado por Maria Aparecida Barbosa: trata-se do processo de recortar culturalmente um fato antropológico.

no seio de um grupo social e inter-relacionar língua e sistema de valores (social, linguístico e cultural), a geografia e o tempo de um dos muitos grupos sociais que desenham a nossa identidade, além de procurar contribuir para documentar e compreender analiticamente uma cultura única.

Em *Grande Sertão: Veredas*, a paisagem natural denominada é minuciosamente classificada na exuberância do conjunto dos animais que a povoam, dos pássaros, plantas e árvores que proliferam na geografia dos Campos Gerais. E também na abundância de cidades, lugarejos, rios, chapadas, chapadões e veredas arrolados, quer sejam reais ou gerados pela inventiva de Rosa. As denominações em *Grande Sertão: Veredas* cumprem, ainda, a função de assinalar aspectos da cultura sertaneja do homem do sertão.

A FICHA ETNOTERMINOLÓGICA

O percurso da cognição é analisado em dois campos: o primeiro campo é de análise da natureza dos semas conceptuais formadores do vocábulo-termo (que permitem analisarmos a intenção da manifestação linguística); ao conceituar, interpretamos o modelo mental que organiza os fatos naturais e culturais. O segundo campo é de levantamento dos semas (que nos permite compreender a construção do sentido) considerando, para efeito de comparação entre os universos de discursos da língua geral e

do universo de discurso etnoliterário, os semas distintivos formadores do vocábulo-termo no *corpus*.

Finalmente, no último campo, passamos à definição do vocábulo-termo (expansão do conteúdo conceptual). Ao final de cada ficha procedemos, quando possível, a observações gerais que contextualizam o vocábulo-termo em seus aspectos próprios.

As palavras selecionadas fazem parte da lista de palavras-chave obtidas com o programa *Wordsmith Tools* e caracterizam o tipo humano sertanejo, eivado de misticismo (urucuiano, rastreador); o espaço e acidentes geográficos de feição ímpar (veredas, resfriado); os elementos da natureza que ornem o espaço e a imaginação do geralista (vento), suas crenças resumidas entre o bem e o mal (diabo). São palavras que, portanto, definem a axiologia do grupo e o mundo semioticamente construído por Rosa. Além disso, redefinem o léxico que utilizamos (do leitor-ouvinte), pelo processo de ressemantização da palavra usada na língua geral. São palavras de uso da língua geral que se constituem em signos-símbolos em *Grande Sertão: Veredas*.

FICHA ETNOTERMINOLÓGICA: VOCÁBULO-TERMO: DIABO (DEMO) OCORRÊNCIAS: 38

Significado no dicionário Houaiss: Rubrica: religião, teologia. Segundo a crença de diferentes povos antigos e modernos, espírito ou gênio do mal; anjo mau segundo a

religião cristã, o anjo rebelde (Satanás) que foi expulso do céu e precipitado no abismo (inferno); espírito das trevas; cada um dos anjos rebeldes e malditos como Satanás.

Contextualizações: 1) Bem, o **diabo** regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças – eu digo. Pois não é ditado: “menino – trem do diabo”? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento. p.3. 2) O **diabo** vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem **diabo** nenhum. .p.3; 4) Que o que gasta, vai gastando o **diabo** de dentro da gente, aos pouquinhos, é o razoável sofrer. p.3; 4) depois quando o **diabo** pede se perfaz. p. 19; 5) o **diabo** sai por toda parte lambendo o prato. p.24; 6) E sei que em cada virada de campo, e debaixo de sombra de cada árvore, está dia e noite um **diabo**, que não dá movimento, tomando conta.p.131;7) E o **demo** existe? Só se existe o estilo dele, solto, sem um ente próprio – feito remanchas n’água. A saúde da gente entra no perigo daquilo, feito num calor, num frio. p. 222; 8) Quem entende a espécie do **demo**? Ele não fura: rascrava. Demorar comigo ele podia. E, o que não existe de se ver, tem força completa demais, em certas ocasiões. p. 225.

NATUREZA DOS	Classe de Noemas	Caracterização Semântico- Conceptual	Natureza
-----------------	------------------	--	----------

SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	<i>Conceptus</i>	Ente do mal ou rebelde que foi expulso do céu.	Traços psicossociais
	<i>Metaconceptus</i>	Homem dos avessos, arruinado.	Traços culturais ideológicos
	<i>Metametaconceptus</i>	Remanchas n'água, sem um ente próprio, que não existe de se ver e tem força completa demais em certas ocasiões.	Traços culturais modalizantes intencionais

SEMAS					
ente do mal	homem arruinado	vige dentro do homem	não tem um ente próprio	pede e se perfaz	encontrado em cada virada de campo
	homem dos avessos	não existe solto, por si, cidadão	tem estilo solto	toma conta	encontrado debaixo da sombra da árvore
	de dentro da gente		não existe de se ver	não fura	encontrado de dia e de noite

			tem força completa demais, em certas ocasiões	regula seu estado preto nas criaturas, usos, plantas, águas, terra, vento	encontrado nas remanchas da água
			não dá movimento	rascrava	

Definição do vocábulo-termo **DIABO**: Sem um ente próprio, não existe solto por si só, é dos avessos do homem arruinado, encontrado em cada virada de campo, sombra de árvore, remanchas da água, terra e vento, de dia e de noite, rascrava e tem força completa demais em certas ocasiões.

Observações: De acordo com Arroyo, em várias regiões do Brasil, inclusive no Centro do país, é herança portuguesa a substituição do nome do diabo por outros apelidos: “ não se deve nunca chamá-lo pelo seu verdadeiro nome, para que não ouça e não venha” Arroyo, p.144. Sobre essa crença, o uso de *nomes de rebuço*, Riobaldo indaga: “Então? *Que-Diga?* Doideira. A fantasiação. E, o respeito de dar a ele assim esses nomes de rebuço, é que é mesmo um querer invocar que ele forme forma, com as presenças!” p.2; e ainda: Do demo? Não glosa. Senhor pergunte aos moradores. Em falso receio desfalcam no nome dele – dizem só: *Que-Diga*. Vote! Não... Quem muito se evita, se convive. p. 2. Em Martins encontramos o significado de rascravar: Não dicionarizado. Penetrar fundamente.//Combinação de rascar, ‘lascar’, ‘desbastar’, ‘ferir’, com cravar, ‘fazer penetrar à força’ (N.L.

de Castro).

FICHA ETNOTERMINOLÓGICA VOCÁBULO-TERMO: VEREDA(S) OCORRÊNCIAS: 35

Significado no dicionário Moraes Silva: Caminho estreito e não estrada real. Sentido figurado; O modo de vida, os passos, methodo, ordem; Houaiss: **Regionalismo: Centro-Oeste do Brasil.** caminho estreito, senda, sendeiro. Caminho secundário pelo qual se chega mais rapidamente a um lugar; atalho. Derivação: sentido figurado. orientação de uma vida, de uma ação; rumo, direção, caminho. Campo ou terreno brejoso, situado em encosta, esp. perto de cabeceira de rio, geralmente coberto com vegetação rasteira graminosa. Regionalismo: Brasil. Local úmido e fértil para agricultura. Regionalismo: Minas Gerais, Centro-Oeste do Brasil. na região dos cerrados, curso de água orlado por buritizais.

Contextualizações: 1) Conforme contei ao senhor, quando Otacília comecei a conhecer, nas serras dos gerais, Buritis Altos, nascente de **vereda**, Fazenda Santa Catarina. p.85 ;2) Me deu saudade de algum buritizal, na ida duma **vereda** em capim tem-te que verde, termo da chapada.p132;

3) Aquilo nem era só mata, era até florestas! Montamos direito, no Olho d'Água-das-Outras, andamos, e demos com a primeira **vereda** – dividindo as chapadas –: o *flaflo* de vento agarrado nos buritis, franzido no gradeai de suas folhas altas; e, sassafrázal – como o da alfazema, um cheiro que refresca; e aguadas que molham sempre.p.140; 4) E como cada **vereda**, quando beirávamos, por seu resfriado, acenava para a gente um fino sossego sem notícia – todo buritizal e florestal: ramagem e amar em água.p.140; 5) E lá era que o senhor podia estudar o juízo dos bandos de papagaios. O quanto em toda **vereda** em que se baixava, a gente saudava o buritizal e se bebia estável.p.170; 6) que nem, dos brejos dos *Geráis*, sai uma **vereda** para o nascente e outra para o poente, riachinhos que se apartam de vez, mas correndo, claramente, na sombra de seus buritizais...p.251;7) A **vereda** recruza, reparte o plaino, de esquelha, da cabeceira-do-mato da Mata- Pequena para a casa-de-fazenda, e é alegre verde, mas em curtas curvas, como no sucinto caminhar qualquer cobra faz. E tudo. O resto, céu e campo. p. 252.

NATUREZA DOS SEMAS CONCEPTUAIS FORMADORES	Classe de Noemas	Caracterização Semântico- Conceptual	Natureza
	<i>Conceptus</i>	Lugar entre as chapadas, no interior dos Geráis, com vegetação	Traços biofísicos

		verde, nascente com água potável e aves, onde se encontram fazendas e habitações.	
	<i>Metaconceptus</i>	Local de sombra verde de buritis onde se bebe estável e se pode estudar o juízo dos papagaios.	Traços culturais ideológicos
	<i>Metametaconceptus</i>	“Oásis”	Traços culturais modalizantes intencionais

SEMAS					
paisagem geográfica do Centro-Oeste do Brasil	divide as chapadas	com rios pequenos	com cheiro que refresca	local de descanso	dá sombra
nos Gerais	recruza e reparte o plaino de esguelha	com nascentes nas serras	com papagaios	local onde se encontram fazendas	dá saudade

no termo da chapada	vai da cabeceira da mata para a casa da fazenda	com resfriado	com água potável		
		com capim verde	com alegrante verde		
		com buritizal			
		com matas e florestas			

Definição do vocábulo-termo **VEREDA**: Local de descanso com vegetação e cheiro que refresca, com animais, pássaros e água potável, ornado pelos buritis de alegrante verde, clima ameno, encontrado em meio aos campos gerais desérticos é, para o sertanejo, um “oásis” no meio do sertão.

Observações: “Nas *veredas*, há sempre o buriti. De longe, a gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra água. A vereda é um oásis”. Assim definida por Rosa em sua correspondência com Bizarri, p.16 desta Dissertação.

CONCLUSÃO

A forma diferente de pensar e sentir o mundo, advinda do universo antropocultural, e presentificada no interior do discurso, faz parte da forma linguística particular do grupo que

a convencionou, da forma como cada grupo analisa a substância semântica à sua disposição, o que garante o dinamismo lexical, ao estabelecer novas relações em outros universos, ao enriquecê-los com novos elementos.

O conjunto dos universos semióticos elaborados pelos diferentes códigos – a macrossemiótica de um grupo sócio-linguístico-cultural – constitui a sua “visão de mundo” (BARBOSA, 1996, P. 157). É essa substância virtual que os grupos linguísticos utilizam para formalizar e estruturar seus diferentes códigos que possibilitam a compreensão do mundo e a comunicação.

O vocábulo- termo, unidade mínima de significação da Etnoterminologia, atualizado no discurso etnoliterário, é símbolo dos temas que subjazem na obra de Rosa, em seu plano mítico, o tema vento, por exemplo. E, vimos, simboliza ao mesmo tempo a cultura do Brasil Central. Os entornos discursivos dos vocábulos-termos analisados em nossas fichas permitem-nos situá-los em um patamar elevado de densidade terminológica no que diz respeito à natureza dos conhecimentos herdados que veiculam, se comparados, por exemplo, aos vocábulos-termos da literatura de cordel, porém, de menor densidade terminológica se comparados aos termos da terminologia do Direito ou outras áreas de especialidades.

A realidade do sertão e do homem do sertão é convertida em signos densos de traços importantes que

revelam seu etnismo. Trata-se de documento histórico, que conforme vimos, ensinou Saussure, é capaz de testemunhar. O sertanejo, geralista ou veredeiro se erige no imo da paisagem geográfica única e as relações estabelecidas nos espaços físico, cultural e social são fatores constitutivos da unidade de língua e conceptualização das diferentes denominações.

As palavras usadas pelos sertanejos de Rosa são palavras da língua geral, cuja dupla significação não está ao alcance de quem não seja sertanejo de Rosa.

É nessa exclusividade semântica que a fronteira existente entre o vocábulo e o termo das linguagens de especialidades torna-se densa, palpável, comprovada enfim, se comparada a outros discursos etnoliterários, e é, nesses limites, que se apresenta o vocábulo-termo, no qual o autor encontra a palavra em todo seu vigor, não desgastada pelo uso impróprio. Enfim, o olhar etnoterminológico lança luzes sobre o estudo do termo no discurso etnoliterário, que escapa à Terminologia no campo específico a que sua análise está circunscrita.

Naturalmente o produto da análise etnoterminológica resultará em aplicações de importância prática, como uma melhor compreensão da cultura de grupos idiossincráticos, organizados em um país de imensas proporções territoriais como o nosso. Poderá também servir como documento de estudo antropológico, como fonte de estudo do processo histórico e mítico, ou como instrumento de auxílio na

tradução literária e de, particularmente, contribuir para o ensino da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Aparecida. Enoterminologia e Terminologia Aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Org.). *As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia. Terminologia*. 1ª. ed. Campo Grande MS: , 2007.

_____. *Léxico, Produção e Criatividade*. São Paulo: Editora Plêiade, 1996.

_____. Da formação do Conceptus à Estruturação Semântica Lexical. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v.26, Fortaleza, 2001.

_____. A construção do conceito nos discursos técnico-científicos, nos discursos literários e nos discursos sociais não-literários. In: *Revista Brasileira de Linguística*, v.11, Editora Plêiade, São Paulo, 2001b.

LATORRE, Vanice R. D. *Uma abordagem etnoterminológica de Grande Sertão: Veredas*. Dissertação de Mestrado. FFLCH da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

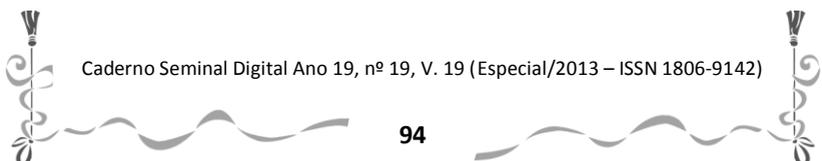
PAIS, Cidmar Teodoro.; BARBOSA, Maria Aparecida. Da análise de aspectos semânticos e lexicais dos discursos etnoliterários à proposição de uma etnoterminologia. *Matraga*, Rio de Janeiro, 2004.

PAIS, Cidmar Teodoro. Aspectos de uma tipologia de discurso.



Revista Brasileira de linguística. São Paulo: Plêiade; SBPC, v.7, nº. 1, p.44.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.



A IMPORTÂNCIA DAS FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS NA ELABORAÇÃO DO ATLAS TOPONÍMICO DO ESTADO DE MATO GROSSO

THE IMPORTANCE OF THE LEXICOGRAPHIC-TOPONYMIC FILES IN THE
ELABORATION OF THE TOPONYMIC ATLAS OF MATO GROSSO STATE

Maria Aparecida de Carvalho (USP)

Resumo: As pesquisas toponímicas realizadas nas mesorregiões: Centro-Sul Mato-grossense e Sudeste Mato-grossense, constituídas por 4.581 topônimos, estabeleceram o início da elaboração do Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso. Os topônimos encontram-se registrados em 39 municípios que compõem 08 microrregiões mato-grossenses: Alto Araguaia, Alto Pantanal, Alto Paraguai, Cuiabá, Primavera do Leste, Rondonópolis Rosário Oeste e Tesouro. O total de topônimos pesquisados evidencia o nível de abrangência da pesquisa. Os levantamentos dos sintagmas toponímicos foram efetuados em mapas e em cartas topográficas, escala 1:100.000. Elaboramos as fichas lexicográfico-toponímicas para montar o banco de dados e este, por sua característica de conservador de dados, possibilita fácil acesso às informações necessárias para subsidiar a pesquisa a ser efetuada. As fichas lexicográfico-toponímicas têm características individuais e, por isso, contêm informações mais detalhadas e específicas de cada acidente físico e de cada acidente antrópico.

Palavras-chave: Topônimo. Sintagma toponímico. Ficha lexicográfico-toponímica.

Abstract: The toponymic researches carried out in the mesoregions: Center-South and Southeast of Mato Grosso, formed by 4.581

toponyms, have established the onset of the elaboration of the Toponymic Atlas in Mato Grosso state. The toponyms are registered in 39 municipalities that are part of the 08 mato-grossense microregions: Alto Araguaia, Alto Pantanal, Alto Paraguai, Cuiabá, Primavera do Leste, Rondonópolis, Rosário Oeste and Tesouro. The total of toponyms researched highlights the level of coverage of this research. The surveys of the toponymic syntagmas were performed in maps and in topographic charts, scale 1:100.000. We elaborated the lexicographic-toponymic files to create data bank which for its characteristic of data preserver, enables easy access to the necessary information to finance the research to be done. The lexicographic-toponymic files have individual characteristics and, because of this, contain more detailed and specific information of each physical accident and of each antropic accident.

Keywords: Toponym. Toponymic Syntagma. Lexicographic-toponymic file.

INTRODUÇÃO

Pretendemos compartilhar um dos modelos das fichas lexicográfico-toponímicas que utilizamos para especificar as principais características dos topônimos registrados nas mesorregiões: Centro-Sul Mato-grossense e Sudeste Mato-grossense.

Conservamos, ao iniciar a pesquisa do doutorado, os mesmos modelos das fichas lexicográfico-toponímicas que foram utilizadas na pesquisa do mestrado, com o objetivo de ampliar o banco de dados e também de manter a

padronização das análises porque consideramos que estas fichas contêm informações que subsidiam a pesquisa toponímica.

Os levantamentos dos sintagmas toponímicos foram efetuados nas cartas topográficas elaboradas pela Diretoria de Serviço Geográfico (DSG) do Ministério do Exército e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e também, nos mapas elaborados pela Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral (SEPLAN – MT) e pela Fundação de Pesquisa Cândido Rondon (FCR).

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA TOPONÍMICA

O estudo dos topônimos de uma determinada região pode constituir, ao mesmo tempo, um registro científico, um resgate e, até mesmo, a preservação da cultura e da memória dos povos que habitaram e que habitam um determinado lugar. No Brasil, existe atualmente um progressivo aumento nas pesquisas toponímicas e esses estudos demonstram a importância da disciplina no contexto acadêmico.

Acreditamos que, as pesquisas pioneiras já realizadas por vários pesquisadores no exterior e em vários estados brasileiros, artigos publicados nesta área por Dauzat, Rostaing, Backheuser, Drumond e Dick, no que concerne às análises dos topônimos, deram suportes necessários às pesquisas toponímicas efetuadas em cada um dos 39 (trinta e nove) municípios mato-grossenses já pesquisados. As pesquisas e os

artigos publicados por Dick, que se expandiram a partir da publicação de sua tese de doutoramento em 1980 e que tiveram prosseguimento nos anos subsequentes, estabeleceram, no Brasil, um marco firme e divisor nesta área. Pode-se considerar que são trabalhos que serviram e servem de base para estudos e pesquisas realizados em vários estados do Brasil.

LEVANTAMENTO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Os levantamentos dos topônimos foram realizados em mapas municipais para alguns municípios e, para os outros, foram em cartas topográficas, todos em escala 1:100.000. Depois efetuamos verificações, nos mapas, com relação aos topônimos para nos certificarmos quanto à grafia, mas também, pelo fato de um mesmo acidente físico encontrar-se registrado em mais de um município. Isto ocorreu não só em relação a rios, que em geral, são acidentes físicos com maior extensão, mas também, em relação a outros como: serras, ribeirões e córregos.

Também nas cartas topográficas foram necessárias verificações, porém, desta vez, confrontamos as cartas topográficas com os mapas dos municípios, muito embora os mapas estivessem em escala maior à das cartas topográficas. Este último procedimento visava reconferir os limites municipais e marcar os acidentes antrópicos de cada município nas cartas topográficas.

Antes de iniciar o levantamento dos sintagmas toponímicos (termo genérico + topônimo), propriamente ditos, quadriculamos os mapas. Estas quadriculas foram marcadas na horizontal por números (de 1... n) e na vertical pelas letras do alfabeto brasileiro. Estas, em geral, nos mapas ficaram com um tamanho médio de 3,5cm². Em alguns mapas houve repetição de letras do alfabeto, devido ao tamanho maior desses mapas. Tomamos essas precauções para que tanto o acidente quanto o topônimo fossem mais facilmente localizados nos respectivos mapas. No que se refere às cartas topográficas, consideramos as quadriculas existentes que foram marcadas da forma acima descrita, cabendo ainda registrar que a cada carta topográfica está designado um número. O número da carta topográfica, em conjunto com as letras e os números das quadriculas, possibilita pronta identificação dos topônimos.

É preciso também destacar que, com os levantamentos realizados nas cartas topográficas, é possível saber quantos e quais topônimos existem por carta topográfica em cada município. Esse procedimento exigiu um tempo maior para a realização do levantamento cartográfico, mas consideramos que possibilitou maior confiabilidade à pesquisa. Outro item preponderante foi o fato de que para trabalhar com a área total da maioria dos municípios pesquisados é necessário reunir várias cartas para cobrir a área municipal total. A esse processo dá-se o nome de articulação de cartas topográficas.

O número de cartas varia de acordo com a extensão territorial do município.

Essas cartas topográficas não trazem, como já mencionamos, os limites municipais demarcados e, além disso, devido aos muitos desmembramentos de áreas municipais para criar novos municípios, foi preciso atualizar os limites dos municípios que fizeram cessão de áreas, portanto, houve necessidade de articulá-las porque algumas cartas contêm áreas de mais de um município. Nesse caso, os limites são traçados a mão, a fim de que os topônimos sejam coletados dentro das áreas limítrofes de cada unidade administrativa municipal e não ocorra a inserção de topônimos de um município em outro.

Após o levantamento dos topônimos, para cada município, foi elaborada uma relação para os acidentes físicos e outra para os antrópicos. A relação contém quatro colunas. Vale ainda ressaltar que, buscando possibilitar a localização precisa de cada topônimo, seja nos mapas ou nas cartas topográficas, ainda foram inseridas notas entre parênteses, na terceira coluna da tabela, logo após cada topônimo. Essas notas adicionais são letra(s) e número(s) de quadrícula(s) quando registrados nos mapas e números de carta topográfica, letra(s) e número(s) de quadrícula(s), quando coletados nas cartas topográficas.

Acreditamos que com este sistema seja possível alcançar um importante objetivo, que é estabelecer uma visão

toponímica global de cada município, por meio dessas relações de topônimos; também é possível saber quais os tipos de acidentes e quantos existem; a quantidade de topônimos por municípios e, se necessário, saber quantos e quais topônimos por tipo de acidente, quais as taxionomias existentes, quais as taxionomias predominantes por município, por microrregião e por mesorregião.

COMPOSIÇÃO DAS MESORREGIÕES MATO-GROSSENSES PESQUISADAS

Os levantamentos dos sintagmas toponímicos, quando da dissertação de mestrado, foram realizados em 10 (dez) mapas e em 56 (cinquenta e seis) cartas topográficas que se referem aos 17 (dezesete) municípios que compõem a mesorregião Centro-Sul Mato-grossense.

MESORREGIÃO CENTRO-SUL MATO-GROSSENSE

Microrregiões			
Alto Pantanal	Alto Paraguai	Cuiabá	Rosário Oeste
Barão de Melgaço	Alto Paraguai	Chapada dos Guimarães	Acorizal
Cáceres	Arenápolis	Cuiabá	Jangada
Curvelândia	Nortelândia	Nossa Senhora do Livramento	Rosário Oeste
Poconé	Nova Marilândia	Santo Antônio de Leverger	
	Santo Afonso	Várzea Grande	

Fonte: IBGE, 2005.

A pesquisa toponímica que desenvolvemos, para a tese de doutorado, contemplou 22 (vinte e dois) municípios da mesorregião Sudeste Mato-grossense. Os levantamentos dos sintagmas toponímicos foram realizados em 42 (quarenta e duas) cartas topográficas e 17 (dezesete) mapas.

MESORREGIÃO SUDESTE MATO-GROSSENSE

Microrregiões			
Alto Araguaia	Primavera do Leste	Rondonópolis	Tesouro
Alto Araguaia	Campo Verde	Dom Aquino	Araguainha
Alto Garças	Primavera do Leste	Itiquira	General Carneiro
Alto Taquari		Jaciara	Guiratinga
		Juscimeira	Pontal do Araguaia
		Pedra Preta	Ponte Branca
		Rondonópolis	Poxoréu
		São José do Povo	Ribeirãozinho
		São Pedro da Cipa	Tesouro
			Torixoréu

Fonte: IBGE. 2010.

Nas duas pesquisas, antes de iniciarmos a análise dos dados, optamos por adotar o procedimento metodológico de preencher a ficha referente a cada sintagma toponímico de cada um dos municípios, sobretudo, porque ela contém os

elementos necessários que, como já dissemos, possibilitam observações mais aprofundadas. Desse modo e a partir desse ponto, foi possível desenvolver a análise dos topônimos por município, também por microrregião e, conseqüentemente, por mesorregião. As fichas estão catalogadas por municípios.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

A etapa final da busca e organização dos dados foi o preenchimento da ficha lexicográfico-toponímica para cada topônimo encontrado. Elaboramos três tipos de fichas: um para os municípios, um para os acidentes físicos e um terceiro tipo de ficha para os demais acidentes antrópicos. Destacamos que é elaborada, quando ocorre uma dupla ou até mesmo, tripla nomeação, ou seja, um mesmo acidente recebe dois ou mais nomes, uma ficha lexicográfico-toponímica para cada topônimo do acidente. Cada uma delas com a classificação taxionômica correspondente devidamente computada no total de topônimos do município correspondente. Foram utilizados três modelos de fichas.

A primeira delas foi a ficha lexicográfico-toponímica de município para registrar informações relativas ao município / cidade. Esse tipo de ficha foi o que apresentou menor quantidade nas duas pesquisas, ou seja, foram 39 (trinta e nove) fichas ao todo.

O segundo modelo de ficha lexicográfico-toponímica foi o de acidente antrópico para registrar informações

relativas a distritos, localidades, povoados, terras indígenas, etc. Esses acidentes antrópicos foram considerados, quer tenham sido criados por lei ou não, desde que constassem nos mapas ou nas cartas topográficas pesquisadas. Este segundo modelo já apresentou um montante mais expressivo. Foram 180 (cento e oitenta) fichas.

O terceiro modelo de ficha lexicográfico-toponímica foi o de acidente físico para registrar as informações pertinentes aos acidentes físicos existentes em cada um dos municípios pesquisados. O somatório foi 4.362 (quatro mil, trezentos e sessenta e duas) fichas.

São, ao todo, 4.581 (quatro mil, quinhentos e oitenta e uma) fichas. Sendo que 2.233 (duas mil, duzentas e trinta e três) fazem parte do acervo da dissertação e 2.348 (duas mil, trezentas e quarenta e oito) do doutorado.

As fichas, em geral, são bastante semelhantes. A ficha lexicográfico-toponímica de acidente antrópico (distritos, vilas, povoados, etc.), é praticamente igual à ficha lexicográfico-toponímica de município. Apenas diferem quanto ao campo 19. Nesta o campo 19 se refere aos limites municipais e tem, portanto, um campo a mais que as outras, ou seja, possui vinte e seis campos.

A ficha lexicográfico-toponímica de acidente físico (baía, córrego, morro, etc.), é praticamente igual à ficha lexicográfico-toponímica de acidente antrópico. Possuem

vinte e cinco campos. A única diferença entre ambas é que no campo 06 de uma constam os vocábulos: acidente humano e na outra constam os vocábulos: acidente físico.

Apresentamos a ficha lexicográfico-toponímica, neste caso específico, a ficha (vazia) para um acidente físico.

CAMPOS DA FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA DE ACIDENTE FÍSICO

Os campos que compõem a ficha lexicográfico-toponímica de acidente físico são os seguintes:

. **Campo 01** - NUMERAÇÃO - deste campo consta o número sequencial do topônimo, conforme se encontra na relação de topônimos do município.

. **Campo 02** - UNIDADE DA FEDERAÇÃO - neste campo registra-se a Unidade Federativa, onde se encontra o topônimo pesquisado, com sua respectiva sigla.

. **Campo 03** - MESORREGIÃO - este campo contém o nome da mesorregião na qual o acidente está inserido.

. **Campo 04** - MICRORREGIÃO - deste campo consta o nome de uma das microrregiões que compõe a mesorregião e na qual se registra o topônimo.

. **Campo 05** - MUNICÍPIO - deste campo consta o nome do município onde se localiza o topônimo.

. **Campo 06** - ACIDENTE FÍSICO OU ACIDENTE HUMANO - deste campo consta o termo genérico (baía, córrego, distrito, vila, etc.) do sintagma toponímico.

. **Campo 07** - TOPÔNIMO - deste campo consta a denominação do acidente físico ou do acidente humano.

. **Campo 08** - VARIANTE GRÁFICA - deste campo consta (se houver) a forma variante do vocábulo que dá nome ao acidente físico ou acidente humano.

. **Campo 09** - TAXIONOMIA - neste campo registra-se a qual campo semântico pertence o topônimo.

. **Campo 10** - ESTRUTURA DO TOPÔNIMO - deste campo consta qual é a estrutura (simples, híbrida ou composta) do topônimo.

. **Campo 11** - ESTRUTURA MORFOLÓGICA - deste campo consta a qual classe de palavras pertence o topônimo e, se apresentar estrutura composta ou derivação, especifica-se como está formado.

. **Campo 12** - ETIMOLOGIA TUPI / BORORO / AFRICANA - registra(m)-se neste campo a(s) acepção(ões) selecionada(s) da unidade lexical que dá nome ao acidente físico ou ao acidente humano e a especificação a qual grupo linguístico ela(s) pertence(m).

. **Campo 13** - FONTE - deste campo consta(m) a fonte da(s) acepção(ões) selecionada(s).

. **Campo 14** - ENTRADA LEXICAL – registra(m)-se neste campo a(s) acepção(ões) que mais se adequar(em) à definição do topônimo, quando retirada(s) de dicionário de língua geral.

. **Campo 15** - FONTE - deste campo consta a fonte (nome do dicionário) da(s) acepção(ões) selecionada(s).

. **Campo 16** - INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS - neste campo registra(m)-se a(s) acepção(ões) da unidade lexical, quando essa(s) acepção(ões) não constar(em) em dicionário(s) de língua geral, dicionário(s) tupi(s), enciclopédia bororo ou vocabulário(s) de língua(s) indígena(s).

. **Campo 17** - FONTE - deste campo consta a fonte pesquisada (dicionário de nomes, enciclopédias, etc.). Para esta pesquisa, no caso de nomes de pessoas, deu-se preferência as definições encontradas no dicionário de M. Güérios. Registra-se, para nomes de entidades cristãs ou pagãs, informação contida em livro e/ou enciclopédia. Para os nomes de santas e de santos foi considerado o livro de Sgarbossa & Giovannini.

. **Campo 18** - CONTEXTO - neste campo registra-se a acepção do topônimo, quando esta não constar em uma das fontes já citadas e tiver sido pesquisada na internet ou colhida em pesquisa de campo.

. **Campo 19** - OBSERVAÇÕES GERAIS - neste campo relacionam-se informações consideradas relevantes para situar o acidente físico ou o acidente humano.

. **Campo 20** - ÓRGÃO EXPEDIDOR - deste campo consta o nome do órgão que elaborou o mapa ou a carta topográfica.

. **Campo 21** - DATA DO MAPA OU DA CARTA TOPOGRÁFICA - deste campo consta o ano em que o mapa ou a carta topográfica foi elaborado(a).

. **Campo 22** - ESCALA DO MAPA OU DA CARTA TOPOGRÁFICA - deste campo consta a escala em que o mapa ou a carta topográfica foi elaborado(a).

. **Campo 23** - PESQUISADORA - deste campo consta o nome da pesquisadora que elaborou e preencheu a ficha.

. **Campo 24** - REVISORA - deste campo consta o nome da pesquisadora que revisou a ficha.

. **Campo 25** - DATA E LOCAL DA COLETA - neste campo registra-se a cidade e a data (mês e ano) do preenchimento da ficha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos asseverar que a delimitação prévia do *corpus* de cada uma das pesquisas foi de primordial importância para um bom desenvolvimento do trabalho. Esse fator possibilitou sequenciar as etapas de coleta, de armazenamento por meio de fichas e de agrupamentos dos topônimos em taxionomias e, em uma etapa subsequente, realizar a pesquisa lexicográfica. O somatório dos topônimos que estão registrados nos mapas e nas cartas topográficas dos 39 (trinta

e nove) municípios que compõem as duas mesorregiões mato-grossense pesquisadas é expressivo e, por isso, demandou criterioso levantamento dos sintagmas toponímicos para que não houvesse necessidade de retornos consecutivos à base de dados, esse fator propiciou conferências reiteradas e atrasos na pesquisa.

Queremos, para concluir, reiterar uma vez mais que consideramos a ficha lexicográfico-toponímica muito importante para desenvolver uma pesquisa toponímica e para montar o banco de dados ao elaborar um Atlas Toponímico de uma microrregião, de uma mesorregião ou de um estado.

Destacamos ainda que quando ocorreu dupla, ou até mesmo, tripla nomeação foi elaborada uma ficha lexicográfico-toponímica para cada topônimo do acidente, com a respectiva classificação taxionômica que foi, devidamente, computada no total de topônimos do município correspondente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Aparecida. Língua e discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos. 4. ed. São Paulo: Plêiade, 1996.

_____. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. v. 22, nº 4. Porto Alegre : Letras de Hoje. PUC-RS. 1987, p. 81-96.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 37. ed. rev. e ampl. 14ª reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

DE CARVALHO, Maria Aparecida. Toponímia da Mesorregião Centro-Sul Mato-grossense – Contribuições para o Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. Contribuições para o Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso - Mesorregião Sudeste Mato-Grossense. 2010. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas Toponímico do Brasil. Estudo de Caso: o Projeto ATESP. In: Acta Semiótica et Linguística. v. 6, São Paulo : SBPL e Plêiade, 1996. p. 27-44.

_____. Toponímia e Antroponímia no Brasil - Coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SACCONI, L. A. Nossa Gramática – Teoria 15. ed. São Paulo: Atual, 1992.



ANEXOS

A - Ficha lexicográfico-toponímica de acidente físico

Nº	Unidade da Federação:	da Mesorregião:	Microrregião:	Município:
----	-----------------------	-----------------	---------------	------------

Acidente físico:	Topônimo:	Variante gráfica:	Taxionomia:
------------------	-----------	-------------------	-------------

Estrutura do topônimo:	Estrutura morfológica:
------------------------	------------------------

Etimologia indígena ou africana:	Fonte:
----------------------------------	--------

Entrada lexical:	Fonte:
------------------	--------



Informações enciclopédicas:

Fonte:

Contexto:

Observações gerais:

Órgão expedidor:

Data
do
mapa:

Escala do mapa:

Pesquisadora:

Revisora:

Local e data da coleta:

A 1 - Ficha lexicográfico-toponímica de acidente físico

Nº 1	Unidade da Federação: Mato Grosso - MT	Mesorregião: Sudeste Mato-grossense	Microrregião: Tesouro	Município: Guiratinga
---------	---	--	--------------------------	--------------------------

Acidente físico: córrego do	Topônimo: Moleque (M11, M12)	Variante Gráfica: ∅	Taxionomia: etnotopônimo
--------------------------------	---------------------------------	------------------------	-----------------------------

Estrutura do topônimo: simples	Estrutura gramatical: substantivo comum
-----------------------------------	--

Etimologia africana: moleque s.m. (a1716 cf. RB) 1 menino novo, de raça negra ou mista 2 B garoto de pouca idade 3 B menino criado à solta; menino de rua 4 B garoto travesso	Fonte: Houaiss
--	-------------------

Entrada lexical: ∅	Fonte: ∅
-----------------------	-------------

Informações enciclopédicas:

∅

Fonte:

∅

Contexto

∅

Observações gerais:

Deságua no córrego Barreiro.

Órgão Expedidor:

Fundação de Pesquisas Cândido Rondon
(FCR)

Data

mapa:
1990

do

Escala

mapa:

1:100.000

do

Pesquisadora:

Maria Aparecida de Carvalho

Revisora:

DICK

Local e data da coleta:

Cuiabá, novembro / 2008

AS MUITAS TRADUÇÕES DE JEKYLL E HYDE EM PORTUGUÊS

JEKYLL & HYDE IN PORTUGUESE: ITS MANY TRANSLATIONS

Ana Julia Perrotti Garcia

Resumo: Desde 1886, ano da primeira publicação do original em inglês, o conto *The strange case of Dr Jekyll and Mr Hyde*, do escritor escocês Robert Louis Stevenson já foi publicado em língua portuguesa mais de 70 vezes (sem contar reimpressões, atualizações e reedições, apenas novos textos). A Livraria Minerva de Portugal publicou em 1933 a obra já com o título de *O médico e o monstro*. No Brasil, a primeira publicação de que temos notícia até este momento da pesquisa é da Livraria do Globo, em sua Revista Mensal de Literatura, de 1938. Além disso, o texto inspirou a realização de diversos filmes para cinema e televisão, peças de teatro e musicais. Em mais de 120 anos de existência, o conto escrito por Stevenson passou por muitas adaptações, com publicações na forma de livro, revista, fotonovela e quadrinhos. Este estudo procura fazer um levantamento das traduções e adaptações da obra publicadas em língua portuguesa que sejam representativas de alguns assim chamados “fenômenos” editoriais, procurando refletir sobre as justificativas e desdobramentos de cada um deles.

Palavras-chave: Tradução. Stevenson. O médico e o monstro. Adaptação.

Abstract: Since 1886, the year of first publication of the original in English, the short story *The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, by the Scottish writer Robert Louis Stevenson has been published in the Portuguese language more than 70 times (not considering reprints, updates and reproductions, only new volumes). In 1933

Livraria Minerva published in Portugal the book with the title “O médico e o monstro”. In Brazil, the first publication until date is from Livraria do Globo, in its Revista Mensal de Literatura, in 1938. In addition, the text inspired several TV and movie films, theater plays and musicals. In more than 120 years of existence, the short story written by Stevenson underwent many adaptations, being published as book, magazine, photo story and comics. The aim of this study is to make a survey of the translations and adaptations of the text published in Portuguese that are representative of some so-called "phenomena" editorials, trying to reflect on the justifications and implications of each of them.

Keywords: Translation. Stevenson. Dr. Jekyll and Mr. Hyde. Adaptation.

O AUTOR

O escritor Robert Louis Stevenson (RLS) nasce em 13 de novembro de 1850 em Edimburgo, Escócia. Com saúde debilitada, leva uma vida de reclusão, passando grande parte do tempo acamado. Nos últimos anos de sua vida, dedica-se a viajar para as ilhas caribenhas, procurando um clima mais quente, que possa ajudá-lo a preservar-se de sua condição pulmonar (CALLOW, 2001). Morre aos 44 anos de idade, em 1894, na cidade de Vailima, na ilha Samoa. Tido na atualidade como um escritor versátil, com escrita apurada e reconhecida nos meios acadêmicos da Europa, Stevenson é hoje redescoberto por estudiosos do mundo todo, que o classificam entre os melhores escritores de língua inglesa. Há

inclusive quem afirme que, se tivesse tido mais tempo para produzir, o escritor escocês certamente estaria ao lado dos grandes nomes da literatura inglesa de todos os tempos (JONES JR, 2003)

A OBRA

Considerada como a narrativa mais sofisticada das obras de Robert Louis Stevenson (SAPOSNIK, 1971), *The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* é também a mais popular de suas histórias. A escolha do texto para ser objeto desta pesquisa deu-se principalmente por notar que a história do médico bondoso que se tornava um monstro assassino ao beber uma poção era muito conhecida do público brasileiro. Entretanto, a maioria das pessoas não se recorda sequer de ter lido o livro; pouquíssimas sabem dizer o nome de mais algum personagem além, é claro, de Jekyll e Hyde; e muitas alegam “conhecer” a história a partir de filme(s) assistido(s) no cinema ou na televisão.

Desde que foi publicado pela primeira vez, o pequeno conto de R.L. Stevenson, que na maioria das edições não chega a 100 páginas, vem despertando fascínio em todo o mundo. Os personagens centrais da trama, o pacato Dr. Jekyll e o diabólico Sr. Hyde, são utilizados como personagens renovados, como objeto de adaptação e como fonte de inspiração para obras literárias, cinematográficas, teatrais,

televisivas e até mesmo para produtos de higiene, alimentos, prestação de serviços, entre outros.

Publicado originalmente em 1886, vendeu 40.000 cópias nos primeiros seis meses, só na Inglaterra. Talvez a primeira publicação em língua portuguesa seja a da Livraria Minerva, de Portugal, cuja primeira edição data de 1933. Com o título de *O médico e o monstro*, a tradução é do escritor e jornalista A. Victor Machado. No Brasil, a primeira tradução de que temos notícia é de 1938. Publicada na *Revista Mensal de Literatura "A Novela"* da Livraria do Globo, com tradução de Orlando Maia. Nesse exemplar, o texto de Stevenson não foi sequer citado na capa - que dá ênfase à publicação de *O diabo no colégio* de Sintair e Steeman.

Ao estudar as diversas traduções e adaptações do texto que podem ser encontradas ainda hoje nas livrarias e sebos do Brasil, da Europa e dos Estados Unidos, é possível perceber algumas peculiaridades, que neste texto chamaremos, a título ilustrativo, de “fenômenos”, já que poucos deles ocorrem com outras obras, e raramente ocorrerão todos simultaneamente com alguma outra publicação, como ocorre no caso do texto estudado.

FENÔMENOS EDITORIAIS

As traduções de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* publicadas em português impressionam, antes de tudo, pela quantidade (78, levantadas até o momento) e pela criatividade das editoras ao

tratar o texto de Stevenson. Entretanto, à medida que analisamos a listagem, é possível observar outras curiosidades que tornam ainda mais peculiares essas publicações. A seguir, abordaremos em mais detalhes algumas dessas curiosidades e particularidades das diversas edições de *O médico e o monstro* publicadas em língua portuguesa, segundo dados levantados até o presente momento.

A. MESMA TRADUÇÃO, DIFERENTES EDITORAS

Em 2001, em uma edição contendo “três clássicos do terror”, é lançado *O médico e o monstro* juntamente com *Frankenstein* (de Mary Shelley) e *Drácula* (de Bram Stoker), com tradução feita por Adriana Lisboa, publicada pela Editora Ediouro. Uma publicação com quase 700 páginas, com capa em papel brilhante e o nome das histórias em letras metalizadas. Com introdução de Stephen King, escritor estadunidense, consagrado como um dos mais notáveis escritores de contos de terror, a Ediouro primou pela qualidade da edição, e também do conteúdo. Entre outros detalhes que enriquecem o livro, há folhas coloridas separando as três histórias, e em cada uma há o nome da próxima história e, logo abaixo, o de seu autor.

Dez anos mais tarde, em 2011, é lançado *O médico e o monstro* em formato de bolso. Ao final da história, há um breve parágrafo com informações sobre R.L. Stevenson (não assinado). Ao analisarmos o conteúdo, nota-se que é

exatamente o mesmo texto usado pela Ediouro, da mesma tradutora, mas que agora se apresenta como obra única, em uma edição conjunta Saraiva/Nova Fronteira, pela coleção Saraiva de Bolso.

B. MESMA TRADUÇÃO, MUITOS TÍTULOS

Em 1971, a editora Tecnoprint lançou duas edições que continham exatamente a mesma tradução, de Marques Rebelo. A primeira, intitulada *Dr. Jekyll e Sr. Hyde - O médico e o monstro* e a segunda em formato *pocket*, com o título de *O estranho caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde*. Além do tamanho da folha impressa, as capas também são diferentes, como é possível observar na Figura 1.



Figura 1. Mesmo texto, duas publicações simultâneas, em diferentes formatos. (FONTE: Acervo pessoal da autora)

C. REIMPRESSÕES SUCESSIVAS

Embora diversas editoras tenham feitos reimpressões e reedições das traduções de *Jekyll and Hyde*, a editora Scipione parece figurar como a que mais publicou no Brasil os livros de *O médico e o monstro* traduzidos/adaptados pela escritora Edla Van Steen. Segundo Perrotti-Garcia (2011), a publicação pela Editora Scipione, com adaptação de Edla Van Steen, já estava na 11ª. edição, 5ª. impressão em 2008. Tivemos acesso a uma publicação da mesma editora, com adaptação pela mesma profissional, de mais de vinte anos antes, 1984, que consta como sendo 7ª. edição. Assim, concluo, até prova em contrário, que a Scipione começou a publicar o texto traduzido por Edla Van Steen em 1984, chegando pelo menos até a 7ª. edição. A seguir, com capas diferentes, mas mesmo texto e formato, lançou mais edições com outros ISBNs (852621077-7; 852621046-7; 852620750-4; 852627755-3; 852624617-8).

É importante lembrar que, desde 2003, a Scipione publica também com certa regularidade *O médico e o monstro* pela série Reencontro Infantil, com adaptação de João Anzanello Carrascoza e ilustrações de Alice Reiko Haga.

D. DIFERENTES PÚBLICOS, DIFERENTES CLASSIFICAÇÕES

Ao observarmos a classificação das diversas publicações de *O médico e o monstro* em português, é possível notar que a obra já foi adotada como material didático por

muitas prefeituras e governos do país. Além dessa faceta didática, a obra pode ser encontrada nas seguintes classificações (em ordem decrescente de frequência, de acordo com pesquisa realizada no site Estante Virtual): “infanto-juvenil”, “literatura estrangeira”, “literatura inglesa”, “gibis”, “outros assuntos”, “coleções”, “literatura infantil”, “literatura escocesa”, “livros raros”, “clássicos da literatura”, “contos”, “literatura brasileira” (SIC), “cinema”, “artes”. A obra é considerada por muitas editoras como um “clássico do terror”. Além disso, há adaptações de *O médico e o monstro* em releituras eróticas (como *Doutor Jekyll e Mister Hyde*, publicado pela Martins Fontes em 1989, com tradução de Luis Lorenzo Rivera, a partir da obra ilustrada por Guido Crepax).

E. MESMA EDITORA, DUAS TRADUÇÕES

Diversas editoras brasileiras publicam, ou já publicaram, mais de uma tradução diferente de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, entre elas podemos citar a Editora Melhoramentos que em 1955 lançou a tradução de Joaquim Machado e em 2007 a de Marcos Marcionilo. Na edição dos anos 1950, pela série Novelas de Mistérios, o conto de Stevenson foi publicado juntamente com dois outros textos do mesmo autor: *Markheim*; *A porta de Sire de Maletroit*. Na edição de 2007, *O médico e o monstro* foi publicado isoladamente.

A Editora Ática lançou em 1989 a tradução de Heloisa Jahn, a qual vem sendo reeditada/ reimpressa com bastante

regularidade até os dias atuais. Em 2005, a editora publicou *O médico e o monstro* pela coleção O Tesouro dos Clássicos, com tradução de Luciano Vieira Machado a partir do texto em francês (*L'Étrange cas du Dr Jekyll et de M. Hyde*), em uma adaptação de Luc Lefort. Do mesmo grupo editorial, a Scipione, que continua comercializando a tradução de Edla Van Steen pela série Reencontro, lançou em 2003 a adaptação de João Anzanello Carrascoza pela série Reencontro Infantil. Deste modo, o conglomerado Ática-Scipione publica quatro versões diferentes de *O médico e o monstro*. Se levarmos em consideração que ambas as editoras agora pertencem ao grupo Abril, que também publica algumas adaptações da história em questão, na forma de gibi, é possível inferir que deve haver um público bastante interessado em adquirir e ler a história de Dr. Jekyll nos dias atuais.

F. MESMA TRADUÇÃO, DIFERENTES FORMATOS

A Editora Hedra publicou, em dois anos sucessivos (2011 e 2012), a mesma tradução, em dois livros bastante diferentes, do ponto de vista gráfico (Fig. 2). O primeiro livro publicado, medindo 19,5 X 12,5 cm, 176 páginas, inicia-se por uma introdução contendo três parágrafos, cada qual falando sobre Robert Louis Stevenson, *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, e Braulio Tavares (o tradutor), respectivamente. Há, ainda, seis apêndices, relacionados a seguir: “*Um capítulo sobre o sonho*” e “*Esse outro Eu, meu companheiro*” (ambos de autoria de R. L. Stevenson); “*Quando ocorreu o pesadelo de*

Mr. Hyde” (assinado por Lloyd Osbourne, enteado de R.L. Stevenson); “*Recordações de Mr. Hyde*” (de autoria de Fanny Van de Grift-Stevenson, esposa do escritor escocês); “*A personalidade multiplex*” (de Frederic Myers) e “*As desintegrações do ego*” (de Henry Maudsley). A capa, em tons sépia, reproduz um pôster para adaptação teatral da obra, datado de 1880. Já o livro publicado no ano seguinte, pela mesma editora, com exatamente a mesma tradução de Braulio Tavares é de tamanho maior (22,5 X 13,5, cm,) e contém 114 páginas. Embora as ilustrações internas do livro sejam reproduzidas de Charles Raymond de 1904, a capa do livro é bastante colorida e de traço mais atual.

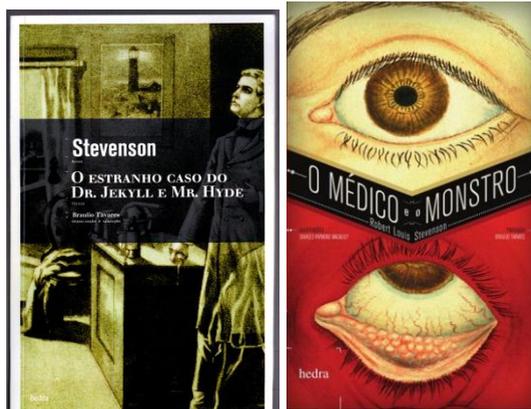


Figura 2 Livros publicados pela editora Hedra, em 2011 e 2012, respectivamente. Exatamente o mesmo texto, embora graficamente bastante diversos. (FONTE: Acervo pessoal da autora)

G. NOVAS CAPAS, MIOLO IGUAL

Principalmente os textos sujeitos a reimpressões ou reedições (revisados ou não), acabam recebendo capas novas, como é o caso da tradução de Ligia Cademartori, para a coleção “Eu Leio” da Editora FTD, cujas capas vêm sendo trocadas ao longo das publicações. E, não poderia deixar de citar, as quatro capas diferentes apresentadas pelas sucessivas reedições e/ou reimpressões da tradução de Edla Van Steen para a Scipione. O fato de as editoras optarem por manter o mesmo texto, sem revisões, nem atualizações, parece ser significativo. Podemos levantar hipóteses que procurem explicar tais ocorrências. Algumas vezes, o texto é tão bem aceito pelo público, que não há interesse nem necessidade de mudanças. Em outros casos, o texto pode ser considerado muito bom, dispensando melhoras. Mas também existe um aspecto que devemos deixar em aberto, como possibilidade de explicação, que se relaciona à importância que a editora daria para a aparência da publicação, esquecendo-se, ou deixando um pouco de lado, o conteúdo linguístico. Afinal, é difícil acreditar que, após 20 ou 30 anos, não houvesse nada que precisasse ser atualizado, aperfeiçoado ou reescrito em um texto traduzido.

H. TRADUÇÕES DE TEXTOS EM OUTRAS LÍNGUAS, MAS A FICHA CATALOGRÁFICA CITANDO O TEXTO ORIGINAL DE STEVENSON COMO TEXTO DE PARTIDA.

A editora Newton Compton publicou em 1996 um texto traduzido provavelmente da edição italiana, já que a Newton Compton Brasil adquiriu os direitos de tradução da Newton Compton Editorial de Roma, Itália, e o livro foi impresso na *Legatoria del Sud* de Roma. Entretanto, consta na ficha catalográfica como sendo traduzido a partir de *The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. O mesmo acontece com a publicação da Melhoramentos em 2007. A tradução é de Marcionilo, que também foi o tradutor da edição Melhoramentos 2010. Embora conste no livro que a tradução foi feita a partir do “original inglês”, a Melhoramentos comprou os direitos de tradução da editora espanhola *Libro del Zorro Rojo e Brosquil Edicions*.

I. ASSOCIAÇÃO DE OBRAS DE STEVENSON OU DESTE COM OUTROS AUTORES

Entre as coletâneas de obras de Stevenson, temos em 1955 a Editora Melhoramentos lançando *O médico e o monstro com Markheim e A porta de Sire de Maletroit*, como já citado anteriormente. Em 1960, publica-se a primeira edição de *O médico e o monstro* pela editora Saraiva. Embora na capa conste apenas *O médico e o monstro*, na primeira capa lê-se “*O médico e o monstro e outras histórias*”. As outras

duas histórias são *O diabrete na garrafa* e *Markheim*, com tradução de Nair Lacerda. O mesmo ocorre com a edição de 1963 da Biblioteca Universal Popular (BUP), em que na capa, lê-se apenas o nome da primeira história, mas já na página 2 pode-se ler o título completo (*O médico e o monstro e outras histórias*). *Markheim* e *O demônio da garrafa* são as duas narrativas que compõem o livro. A quarta capa faz menção às três histórias. Em 1968, a Paulinas lança mão da mesma estratégia, ao publicar *O doutor Jekyll e o monstro*, com tradução de E. Jacy Monteiro. Embora, mais uma vez, não seja citado na capa, na primeira página o leitor é alertado que, além da história que dá nome ao livro, há também “outros contos” de Stevenson, a saber *Will do moinho*; *Markheim*; *Janet do pescoço torcido* e *Olallá*.

A impressão que temos é que, nos anos 1970 a 2000, o texto de Stevenson ganhou força, e foi lançado diversas vezes como título único, em edições de 70 a 96 páginas. Foi somente em 2011 que a Cosac Naif surpreende e, pela primeira vez na história *O médico e o monstro* não é a obra que dá título à coletânea. “*O clube do suicídio e outras histórias*” é lançado com capa dura e edição de luxo, talvez sinalizando que a editora pretenda apostar em outra obra de Stevenson para tornar-se popular nos próximos anos.

Com relação às coletâneas que incluem livros de diferentes autores, em geral o ponto de união é o tema do terror, horror ou sobrenatural. No Brasil, a primeira coletânea

de que temos notícia é de 1938. Nesse exemplar, o texto de Stevenson foi publicado juntamente com *O diabo no colégio* de Sintair e Steeman, com tradução de Orlando Maia.

Em 2001, a Ediouro lança *Frankenstein* (de Mary Shelley); *Drácula* (de Bram Stoker); com *O médico e o monstro*, em uma edição de luxo. Em 2007, a Atual Editora lançou o texto de Stevenson juntamente com *Drácula* (Bram Stoker) e *O morto-vivo da colina verde* (Leo Cunha), dirigido ao público adolescente. Em 2010, *Drácula* (Bram Stoker) *Frankenstein* (Mary Shelley) e *O médico e o monstro* saem em mais uma edição de luxo, publicada pela L&PM Editores. Em 2011, é lançada a coletânea da Martin Claret, com as obras *Frankenstein: ou o Prometeu moderno* (Mary Shelley); *O médico e o monstro* e *Drácula* (Bram Stoker).

J. O MÉDICO E O MONSTRO SURGE NA CAPA, COMO SE FOSSE O ÚNICO TEXTO, MAS NA REALIDADE A PUBLICAÇÃO É UMA COLETÂNEA

Como visto acima, algumas edições antigas utilizaram o expediente de apresentar na capa apenas o título de *O médico e o monstro*, mesmo contendo outras histórias em seu interior (ver Saraiva, 1960; BUP, 1963; Paulinas, 1968). Entretanto, o caso mais relevante é com certeza o da Editora Universitária, que publica em 1942, aproveitando a popularização da versão cinematográfica de *O médico e o monstro*, um livro cuja capa só faz referência a esta obra, como se fosse o único título

publicado no livro. Há desenhos, frases e ilustrações que lembram Jekyll e Hyde. Entretanto, ao folhear o livro percebemos que este está dividido em quatro partes. A primeira, com a história que dá título à edição; segunda parte “*O exhumador*” (respeitemos a grafia da época), na terceira parte “*A garrafa diabólica*” e na quarta e última parte “*Na França ‘medieval’*”.

K. MESMO TRADUTOR, MESMA EDITORA, DIFERENTES TRADUÇÕES, QUASE IGUAIS A DE DIFERENTES EDITORAS...

Alguns “fenômenos” editoriais são ainda mais complexos de se explicar e se entender. Em 1951, por exemplo, o Clube do Livro publicou uma tradução que alegaram ser feita por José Maria Machado. Depois de muitas polêmicas, em 1986, a mesma editora lança outro texto de *O médico e o monstro*, traduzido pelo mesmo tradutor da edição de 1951. Segundo informações da ficha catalográfica, o texto foi revisado por José Gonçalves de Arruda Filho. Até aqui, não haveria nada de excepcional, pois um mesmo tradutor poderia, décadas depois, refazer suas opções e criar um texto totalmente novo. Ocorre que, no mesmo ano, a Editora Estação Liberdade também lança *O médico e o monstro*, traduzido pelo mesmo profissional, só que agora a tradução foi revisada por Vicente Cechelero. O interessante é que, com raríssimas exceções, ambos os textos são idênticos, seguindo até a mesma diagramação. O que nos leva a pensar em qual deve ter sido o trabalho dos revisores de ambas as edições de

1986. É bastante difícil encontrar textos que sejam revisados e nos quais nada seja alterado, principalmente se considerarmos que o papel do revisor seria exatamente realizar alterações, para melhorar o texto revisado.

L. NOVAS APRESENTAÇÕES DE UM VELHO PRODUTO

Apenas para concluir este artigo, são apresentados alguns produtos editoriais que procuram renovar a maneira como o leitor terá acesso ao texto de *O médico e o monstro*. Quero, com esta exposição final, reafirmar o quanto o texto de Stevenson ainda é determinante e o quanto influencia os leitores brasileiros, de modo que muitas editoras utilizam essa obra talvez para estimular as vendas e/ou aumentar a visibilidade de outros títulos.

Como já citado anteriormente, a editora L&PM publicou em 2010 *O médico e o monstro*. Em 2012, foi lançada a “Caixa Especial Horror” (Fig. 3), que reúne “cinco dos maiores clássicos da literatura de horror”: *Drácula*, de Bram Stoker; *Frankenstein*, de Mary Shelley; *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson; *Contos de fantasma*, de Daniel Defoe e *A tumba*, de H. P. Lovecraft.



Figura.3. “Caixa Especial Horror” da Editora L&PM, lançada em novembro de 2011.

(FONTE: <http://www.livrariasaraiva.com.br/produto/3656681/caixa-especial-horror-col-lpm-pocket>)

No mesmo ano, a L&PM Editores lança *O médico e o monstro* em uma adaptação para “neoleitores” que, segundo é explicado no *website* da editora, seriam “estrangeiros que aprendem português como segunda língua” e também “homens e mulheres, jovens ou não, que estão começando a vida de leitor”. A adaptação é de Pedro Gonzaga, inclui um vocabulário com aproximadamente 1.500 palavras e faz parte da coleção **É só o Começo**. Para divulgar a coleção, a L&PM criou uma peça publicitária de divulgação. A série conta com diversos livros, mas, como é possível observar na Figura4, *O médico e o monstro* aparece em destaque no material de divulgação, o que reafirma o quanto o livro ainda é relevante para o leitor brasileiro.



Figura 4. Imagem de divulgação da série “É só o começo”, da editora L&PM. (FONTE: <http://www.lpm-blog.com.br/?tag=colecão-e-so-o-começo>)

M. NOVAS PUBLICAÇÕES, NOVAS TRADUÇÕES

Após um levantamento das novas edições de *O médico e o monstro*, ano a ano, apenas no Brasil, desde a primeira catalogada (**Gráfico 1**), nota-se que existe uma constância nas publicações, e que nos últimos anos estamos presenciando uma aceleração e um aumento no número de novas edições (salientando que não estamos considerando as reimpressões

nem as reedições, que certamente aumentariam ainda mais estes números).



Gráfico 1. Resumo esquemático das novas edições de *O médico e o monstro*, ano a ano, no Brasil, desde 1938 até 2012.

Fica evidente, a partir da observação do gráfico, que 2011 é o ano em que foi lançado o maior número de primeiras edições. Segundo minhas pesquisas, um dos motivos para o aumento do número de primeiras edições seria a previsão de lançamento de uma nova versão cinematográfica da história de Jekyll e Hyde. Outro aspecto, que já vem influenciando há alguns anos, é a popularização dos filmes e séries televisivas com vampiros e monstros sobrenaturais. A coleta de dados para a redação deste artigo encerrou-se em junho de 2012, mas dados coletados a posteriori já revelaram que novas publicações foram registradas tanto no segundo semestre de

2012 quanto já no início de 2013, apontando para a manutenção do ritmo de publicação de novas edições de traduções de *The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* em português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CALLOW, P. *Louis – a life of Robert Louis Stevenson*. Estados Unidos: Ivan R. Dee, 2001.

JONES Jr., W. B. *Robert Louis Stevenson Reconsidered: new critical perspectives*. North Carolina: Mc Farland & Company, Inc. Publishers, 2003. ISBN: 978-0-7864-1399.

PERROTTI-GARCIA, A. J. Os médicos e os monstros: Dr Jekyll and Mr Hyde em versão brasileira. *XII Congresso Internacional da ABRALIC: Centro, Centros – Ética, Estética*. UFPR – Curitiba, Brasil. 18 a 22 de julho de 2011.

SAPOSNIK, I. S. *The Anatomy of Dr. Jekyll and Mr. Hyde. Studies in English Literature, 1500-1900*, v. 11, n. 4, p. 715-731, Nineteenth Century (outono, 1971).

SHELLEY, M.; STEVENSON, R. L.; STOKER, B. *Frankenstein: ou o Prometeu moderno; O médico e o monstro; Drácula*. Títulos originais *Frankenstein; Dr. Jekyll and Mr. Hyde; Dracula*. São Paulo: Martin Claret, 2011.

SHELLEY, M.; STEVENSON, R. L.; STOKER, B. *Frankenstein; O médico e o monstro; Drácula*. Títulos originais *Frankenstein; Dr. Jekyll and Mr. Hyde; Dracula*. . Porto Alegre: L&PM, 2010.

SHELLEY, M.; STOKER, B.; STEVENSON, R. L. *Frankenstein; Drácula; O*

médico e o monstro. Títulos originais *Frankenstein; Dracula; Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

SHELLEY, M.; STOKER, B.; STEVENSON, R. L. *Frankenstein; Drácula; O médico e o monstro*. Títulos originais *Frankenstein; Dracula; Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

STEVENSON, R. L. *Doutor Jekyll e Mister Hyde*. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Ilustrações de Guid Crepax. Tradução de Luis Lorenzo Rivera. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.

STEVENSON, R. L. *Dr. Jekyll e Mr. Hyde*. Título original *The Strange Case of Doctor Jekyll and Mister Hyde*. Tradução de Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, 1996.

STEVENSON, R. L. *Dr. Jekyll e Sr. Hyde. O médico e o monstro*. Coleção Elefante. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Marques Rebelo. São Paulo: Editora Tecnoprint, 1971.

STEVENSON, R. L. *O doutor Jekyll e o monstro (e outros contos)*. Título original *The strange case of Dr. Jekyll and M. Hyde; Will o' the Mill, Markheim, Thrawn Janet e Olalla*. Tradução de E. Jacy Monteiro. São Paulo: Edições Paulinas, 1968.

STEVENSON, R. L. *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Braulio Tavares. São Paulo: Hedra, 2011. ISBN: 978-85-7715-262-9

STEVENSON, R. L. *O estranho caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde*.

Formato *pocket*. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Marques Rebelo. São Paulo: Editora Tecnoprint, 1971.

STEVENSON, R. L. *O médico e o monstro (e outras histórias)*. Biblioteca Universal Popular (BUP), v. 27. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde; Markheim; The bootle imp*. Tradução de Helena Pessôa. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963.

STEVENSON, R. L. *O médico e o monstro e outras histórias*. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Nair Lacerda. São Paulo: Edição Saraiva, 1960.

STEVENSON, R. L. *O médico e o monstro*. Coleção O Tesouro dos Clássicos. Título original *L'Étrange cas du Dr Jekyll et de M. Hyde*. Adaptação de Luc Lefort. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Editora Ática, 2005.

STEVENSON, R. L. *O médico e o monstro*. In *A Novela – Revista Mensal de Literatura* O Diabo no Colégio. Tradução de Orlando Maia. Rio de Janeiro: Livraria do Globo, 1938.

STEVENSON, R. L. *O médico e o monstro*. Série Reencontro infantil. Adaptação de João Anzanello Carrascoza. São Paulo: Editora Scipione, 2003.

STEVENSON, R. L. *O médico e o monstro*. Série Reencontro infantil. Adaptação de João Anzanello Carrascoza. São Paulo: Editora Scipione, 2003.

STEVENSON, R. L. *O médico e o monstro*. Série Reencontro literatura. Adaptação de Edla Van Steen. São Paulo: Editora

Scipione, 1997.

STEVENSON, R. L. *O médico e o monstro*. Título original *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução e adaptação de Lígia Cademartori. São Paulo: FTD, 1989.

STEVENSON, R. L. *O médico e o monstro*. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Coleção Saraiva de Bolso. Tradução de Adriana Lisboa. São Paulo: Edição conjunta Saraiva / Nova Fronteira, 2011.

STEVENSON, R. L. *O médico e o monstro*. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Ática, 1989- data aguardando confirmação.

STEVENSON, R. L. ***O médico e o monstro***. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Braulio Tavares. São Paulo: Hedra, 2012. ISBN: 978-85-7715-262-8

STEVENSON, R. L. *O médico e o monstro*. Tradução de A. Victor Machado. Portugal. Livraria Minerva, 1933.

STEVENSON, R. L. *O médico e o monstro; Markheim; A porta de Sire de Maletroit*. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde; Markheim; The Sire de Maletroit's Door*. N. 4; série Novelas de Mistérios. Tradução de Joaquim Machado. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1955.

STOKER, B.; STEVENSON, R. L.; CUNHA, Leo. Clássicos Juvenis- Três por Três. *Drácula; O médico e o monstro; O morto-vivo da colina verde*. Título original *Dracula; The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde; O Morto-Vivo da Colina Verde*. Tradução de Leo Cunha. São Paulo: Atual Editora, 2007.

**PRODUÇÃO DE UM DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO
MULTILÍNGUE DE AGENCIAMENTO DE VIAGENS E TURISMO:
DISCUSSÃO ACERCA DO TERMO AGÊNCIA**

PRODUCTION OF A MULTILINGUAL TERMINOLOGICAL DICTIONARY OF TOUR
OPERATING: DISCUSSION ABOUT THE TERM AGENCY

Maria Aparecida Barbosa (DL/FFLCH/USP)
Claudia Maria Astorino (UFSCar-DL/FFLCH/USP)

Resumo: Este estudo é parte da pesquisa de doutorado de Astorino, sob a orientação de Barbosa, que tem como tema a terminologia de *Agenciamento de Viagens e Turismo*, uma subárea do Turismo, na sua condição de atividade social e econômica. O escopo teórico dessa investigação é a discussão sobre a terminologia da linguagem de *Agenciamento de Viagens e Turismo*, ao passo que o objetivo prático é a produção de um dicionário terminológico desta subárea, em quatro idiomas: português, inglês, espanhol e italiano. A seleção dos termos foi realizada a partir de uma pesquisa em duas obras acadêmicas selecionadas, escritas em português brasileiro, e voltadas aos cursos de bacharelado em Turismo de Instituições de Ensino Superior. Posteriormente, buscaram-se equivalências desses termos, em obras análogas, escritas em inglês, espanhol e italiano - duas para cada um destes idiomas - as quais, juntamente com as obras em português, compuseram o *corpus* de extração da pesquisa. Ao final da coleta, chegou-se a um total de cerca de 2000 termos em português, dado este que impossibilitaria a produção do dicionário terminológico supracitado, em função do elevado número de análises terminológicas, definições e equivalências nos três idiomas estrangeiros, que deveriam ser elaboradas, o que levou, então, a uma nova seleção – baseada nas características

específicas da linguagem do Turismo – para se chegar ao número razoável de 650 termos. O presente trabalho objetiva discutir alguns dos resultados para os termos derivados do hiperônimo *agência*.

Palavras-chave: Linguagem de Agenciamento de Viagens e Turismo. Agência. Conceitos e Termos. Dicionário Terminológico Multilíngue.

Abstract: This study is part of the doctoral research of Astorino, under the guidance of Barbosa, whose theme is the terminology of Tour Operating, a subarea of Tourism, in its condition of social and economic activity. The theoretical scope of this research is to discuss the terminology of Tour Operating language, while the practical goal is the production of a terminological dictionary of this subarea, in four languages: Portuguese, English, Spanish and Italian. The selection of the terms was performed from a survey in two selected works, written in Brazilian Portuguese, geared to the bachelor degree in Tourism and therefore used in universities. Subsequently, these terms were researched in similar works, written in English, Spanish and Italian - two for each of these languages – which, along with the works in Portuguese, composed the corpus extraction of the research. At the end of the collection, it reached a total of about 2000 terms in Portuguese. As this result would not facilitate the production of the terminological dictionary mentioned above, due to the high number of terminology analyzes, definitions and equivalences in the three foreign languages, a new selection was conducted - based on the specific characteristics of the language of Tourism - to get to a reasonable number of 650 terms. This paper discusses some of the results for the terms derived from the hyperonym agency.

Keywords: Tour Operating Language. Agency. Concept and Terms.



INTRODUÇÃO

Este estudo é parte da pesquisa de doutorado de Astorino, sob a orientação de Barbosa, que tem como tema a terminologia de *Agenciamento de Viagens e Turismo*, uma subárea do Turismo, na sua condição de atividade social e econômica. O escopo teórico dessa investigação é a discussão sobre a terminologia da linguagem de *Agenciamento de Viagens e Turismo*, ao passo que o objetivo prático é a produção de um dicionário terminológico desta subárea, em quatro idiomas: português, inglês, espanhol e italiano. A seleção dos termos foi realizada a partir de uma pesquisa em duas obras acadêmicas selecionadas, escritas em português brasileiro, e voltadas aos cursos de bacharelado em Turismo de Instituições de Ensino Superior. Posteriormente, buscaram-se equivalências desses termos, em obras análogas, escritas em inglês, espanhol e italiano - duas para cada um destes idiomas - as quais, juntamente com as obras em português, compuseram o *corpus* de extração da pesquisa. Ao final da coleta, chegou-se a um total de cerca de 2000 termos em português, dado este que impossibilitaria a produção do dicionário terminológico supracitado, em função do elevado número de análises terminológicas, definições e equivalências nos três idiomas estrangeiros, que deveriam ser elaboradas, o que levou, então, a uma nova seleção – baseada nas características específicas da linguagem do Turismo – para se



chegar ao número razoável de 650 termos. O presente trabalho objetiva discutir alguns dos resultados para os termos derivados do hiperônimo *agência*. Para se proceder à pesquisa, foram consideradas as seguintes hipóteses, que a norteariam: i) há uso de sinônimos para conceitos iguais; ii) registra-se uso de antônimos; iii) há influência da língua inglesa na formação dos termos em português brasileiro; iv) há influência da língua espanhola na formação dos termos em português brasileiro.

METODOLOGIA

No que tange ao aspecto teórico, esta pesquisa norteia-se pela Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), proposta e difundida na década de 1990, pela linguista Maria Teresa Cabré (1993). A escolha desta teoria se deu em virtude de seu caráter descritivo, o qual contrasta com o caráter prescritivo da Teoria Geral da Terminologia, sustentada pelo engenheiro austríaco Eugen Wüster. A metodologia constituiu-se de sete etapas de trabalho, de modo a ordenar os procedimentos de investigação, seleção e análise. Na primeira etapa, foi realizada a seleção do *corpora*, dividido em dois blocos: um *corpus* de extração e um *corpus* de comparação. O primeiro formou-se por oito obras acadêmicas selecionadas, duas escritas em português brasileiro, duas em inglês, duas em espanhol e duas em italiano. Cabe esclarecer que estas oito obras acadêmicas juntas, agrupadas em quatro grupos de duas para cada idioma, compuseram o *corpus* de extração. Segundo a classificação de Sardinha (2004, pp. 20-22), este primeiro *corpus* selecionado pode ser considerado: i) escrito, quanto ao modo; ii) contemporâneo, uma vez

que representa a atualidade; iii) estático, por se tratar de material publicado de forma impressa, portanto, não passível de mudanças imediatas, pois somente uma reedição poderia implicar eventuais mudanças; iv) especializado, quanto ao seu conteúdo, porque é orientado a estudiosos do Turismo, como área do conhecimento; v) de língua nativa, presumindo que os autores são falantes nativos de cada um dos idiomas, nos quais os livros foram publicados; vi) comparável, isto é, constituído por textos originais pertencentes ao mesmo gênero (textos acadêmicos de Turismo), embora haja pequenas diferenças estruturais (na macroestrutura) entre uma obra selecionada e outra; e, por fim, vii) plurilíngue, pois é constituído de textos de línguas distintas. Com vistas à formação do *corpus* de comparação, após uma investigação acerca de dicionários terminológicos de turismo, escolheram-se o Dicionário de Turismo, de Robério Braga (monolíngue, escrito em português brasileiro) e o Diccionari D'Hoteleria i Turisme Termcat (multilíngue, escrito em catalão, com equivalências em espanhol (castelhano), inglês, francês e alemão. Com estas duas obras, estava formado, portanto, o *corpus* de comparação. Posteriormente, na segunda etapa, foi realizada uma criteriosa leitura em busca de candidatos a termos, nas obras escritas em português (TOMELIN, 2001 e BRAGA, 2007a), as quais são voltadas ao curso de bacharelado em Turismo de Instituições de Ensino Superior, no Brasil. Esses termos foram, inicialmente, destacados, dentro de cada um dos textos, para serem, num segundo momento, coletados. A coleta foi realizada manualmente, posto que o número reduzido das obras investigadas (duas) não justificava a adoção da Linguística do Corpus nem da Linguística Computacional. A especialização profissional da doutoranda

na subárea de *Agenciamento de Viagens e Turismo*, inclusive como docente desta disciplina, no curso de bacharelado em Turismo da Universidade Federal de São Carlos, facilitou a seleção dos vocábulos candidatos a termos. Em seguida, na terceira etapa, os termos coletados foram incorporados a uma lista. Para uma melhor organização, preencheu-se uma lista para cada uma das duas obras acadêmicas em português brasileiro. Somando-se as duas listas, chegou-se a um total de mais de 2000 termos, número este que seria exagerado para a proposta da referida tese de doutorado. Percebeu-se, então, a necessidade de reduzir o número de termos, de forma a viabilizar as análises terminológicas e a elaboração das definições e das equivalências nos três idiomas estrangeiros, processo este que seria caracterizado como a quarta etapa. A princípio, para se chegar ao número razoável de 650 termos, estabeleceu-se como critério o número de ocorrências. No entanto, ao longo da análise, percebeu-se que se fossem mantidos somente aqueles com maior ocorrência, perder-se-ia no aspecto da pluralidade de termos para designar um mesmo conceito. Assim sendo, além do quesito ocorrência, foi adotado também o critério das relações hiperônimo/hipônimos e sinonímia/antonímia. Na etapa sucessiva, a quinta, buscaram-se os termos, nas obras escritas em inglês, espanhol e italiano do *corpus* de extração, e compilou-se uma lista para cada uma das línguas estrangeiras. A sexta etapa constituiu-se do preenchimento de uma ficha terminológica para cada um dos termos, isoladamente, usando-se, para este fim, o modelo desenvolvido por Barbosa (s/d, p. 18), adaptado. Nesta ficha terminológica, cada termo foi analisado dentro do seu contexto, sendo que os dois primeiros contextos eram extraídos das obras acadêmicas em português, que faziam parte do

corpus de extração, e os dois últimos equivaliam às definições de cada um dos dicionários especializados selecionados, pertencentes ao *corpus* de comparação. Ainda nesta etapa, destacaram-se os traços conceituais de cada termo, dentro da sua contextualização. Com base na comparação de tais traços conceituais, chegava-se, enfim, à definição para cada termo analisado. Sucessivamente, procedia-se à pesquisa de equivalentes em inglês, espanhol e italiano, para o termo sob análise, a partir da lista de termos nos idiomas estrangeiros. Dessa maneira, com a ficha terminológica concluída, findava-se, também, a sexta etapa. A sétima e última etapa da tese de doutorado é a organização do dicionário terminológico, enquanto a etapa final deste estudo específico, que aqui se apresenta, consistiu numa análise e discussão do termo hiperônimo *agência* e de seus derivados.

RESULTADOS

Foram encontrados mais de 2000 termos nos dois textos em língua portuguesa, que fazem parte do *corpus* de extração. A partir desse número, foi realizada uma nova seleção, de modo a reduzir os termos para um total de 650. Esta segunda seleção levou em consideração, sobretudo, relações de hiperonímia/hiponímia e sinonímia/antonímia. Dentro deste novo universo que se configurou, os termos que mais apresentaram ocorrências foram *agência*, *agência de viagens* e *operadora* (vide tabela 1), o que talvez explique o fato de que esses estejam entre os termos que mais apresentam sinônimos (vide tabela 2).

TERMO	Nº DE OCORRÊNCIAS TOMELIN	Nº DE OCORRÊNCIAS BRAGA
<i>Agência</i>	96	249
<i>Agência de viagens</i>	53	145
<i>Operadora</i>	28	189

Tabela 1: Termos que mais apresentaram ocorrências.

TERMO	Nº DE SINÔNIMOS
<i>Agência</i>	6
<i>Agência de viagens</i>	7
<i>Operadora</i>	9

Tabela 2: Número de sinônimos dos termos com maior ocorrência, nas duas obras pesquisadas.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O principal hiperônimo da subárea de *Agenciamento de Viagens e Turismo* é o termo *agência*, pois pode designar qualquer tipo de empresa que atua no âmbito da organização e comercialização de viagens, independentemente de sua modalidade, tipo de negócios, área de atuação, etc. O hiperônimo *agência* é uma forma simplificada do sintagma composto *agência de turismo* e pode ser usado em substituição a este último. Tal substituição pode ser comprovada no seguinte trecho:

A possibilidade do acesso das <agências de turismo> aos CRS foi a maneira que as companhias aéreas encontraram para ampliar a distribuição e venda de assentos em seus voos, uma vez que esses sistemas traziam praticidade e rapidez aos processos, e as <agências> podiam atender mais clientes, em vez de perder tempo fazendo ligações telefônicas (SANTOS & MURAD JR, 2207, p. 106).

Ainda em reação ao hiperônimo *agência*, em razão de seus numerosos derivados, inicialmente, para proceder à elaboração do dicionário terminológico, pensou-se em rejeitar boa parte dos termos afins e manter somente os que foram encontrados em ocorrências mais numerosas. No entanto, logo se percebeu que esse corte representaria uma grande perda na análise da terminologia de *Agenciamento de Viagens e Turismo*, a qual, pelo que se constatou e relatou, tem a sinonímia como uma de suas características mais marcantes. Ademais, vale ressaltar que *agência* é justamente o termo que dá origem aos demais, de onde se deduz que todos os outros têm, em si, a noção de *agência* embutida, independentemente das outras noções que a essa se agregam. Tomando como exemplo o termo composto *agência de viagens emissiva especializada em eventos*, constata-se que o termo *agência de viagens* tem embutido em si o conceito de *agência*; por sua vez, *agência de viagens emissiva* tem embutido o conceito de *agência de viagens*, e, por fim, *agência de viagens emissiva especializada em eventos* tem embutido em si o conceito de *agência de viagens emissiva*, de

onde se deduz que um termo composto da subárea de *Agenciamento de Viagens e Turismo* acumula todos os conceitos dos termos que contribuíram para a formação do sintagma composto.

Passando-se, agora, à análise do termo *agência de viagens*, nota-se que este apresenta um sinônimo que pode ser considerado perfeito, *agência de viagem*, pois embora o primeiro seja bem mais frequente que o segundo, ambos são intercambiáveis em quaisquer contextos. Todavia, deve-se esclarecer que não há uma padronização rígida em relação ao uso do terceiro elemento do termo, no singular ou no plural, *viagem/viagens*, como se pode notar nos resultados obtidos. Na obra escrita por Tomelin, foram encontradas 53 ocorrências para *agência de viagens* e somente 1 ocorrência de *agência de viagem*, e na obra organizada por Braga, o primeiro termo aparece 145 vezes (sem contar os outros termos que dele derivam) e o segundo, 58. Entretanto, como não há uma normalização na linguagem do Turismo, observou-se que, por mais que um determinado acadêmico de Turismo privilegie um dos termos em detrimento do outro, pode acabar por utilizar os dois, indistintamente, no mesmo texto, e até, na mesma página, como pode ser observado na obra organizada por Braga, em que Santos e Murad Jr. usam, indiscriminadamente, o termo *agência de viagens* e o termo *agência de viagem*:

[...] No turismo não é diferente e novas tecnologias são desenvolvidas para melhorar a produtividade e a eficácia das <agências de viagens> [...] As <agências de viagem> se extinguirão? [...] Internet versus <agências de viagem>: ameaça ou oportunidade? (2007, p. 111).

A partir dessas evidências, poder-se-ia refletir se há uma diferença de sentido entre *agência de viagem* e *agência de viagens*. Faz, de fato, alguma diferença uma empresa dedicar-se a *viagem* (ramo de negócios, assim como *agência de publicidade*) ou *viagens* (prestação de serviço, assim como *agência de empregos*)? Aparentemente, não, e talvez esse seja o motivo pelo qual os acadêmicos facilmente trocam um pelo outro. Cabe destacar que os termos equivalentes em espanhol e italiano, respectivamente, são *agencia de viajes* e *agenzia di viaggi*, ambos possuindo o terceiro elemento do sintagma no plural, assim como o termo preferencial em português, *agência de viagens*.

Ainda a propósito do termo *agência de viagens*, em vários momentos dos textos analisados, este é substituído por termos equivalentes, embora estes últimos não possam ser considerados sinônimos perfeitos, visto que não são intercambiáveis em todas as situações, apresentando algumas sutis diferenças entre si. Assim sendo, na microestrutura do dicionário terminológico que será apresentado na tese de doutorado em questão, para o verbete *agência de viagens*, além do sinônimo perfeito *agência de viagem* - sobre o qual já se discorreu - aparecem também outros seis sinônimos

complementares (*agência detalhista; agência distribuidora; agência intermediadora; agência minorista; agência varejista; agência vendedora*), os quais recebem a denominação de “complementar” por serem menos importantes que o termo preferencial, que neste caso específico, é o termo *agência de viagens*, o que os autores mais usam. É possível dizer que todos esses sinônimos complementares podem ser substituídos pelo termo *agência de viagens*, o que configura a situação de sinonímia. Destaca-se que, nos idiomas estrangeiros investigados, também se encontraram sinônimos: em inglês (2 termos: *travel agency; retailer*); em espanhol (3 termos: *agencia de viajes; agencia de viajes minorista; agencia de viajes vendedora*) e em italiano (4 termos: *agenzia di viaggi; agenzia di viaggi dettagliante; dettagliante; retailer*), de onde se conclui que o fenômeno da sinonímia na linguagem do Turismo também se apresenta nos idiomas estrangeiros selecionados.

Avançando na discussão, no que tange à qualificação das agências, constata-se que, quando se acrescenta um adjetivo ao termo puro (sintagma simples), um caso que merece destaque é o do sintagma composto *agência especializada*. Antes, cabe esclarecer que o termo *agência*, sem nenhum outro elemento que o qualifique, pode ser interpretado de duas maneiras: i) empresa que tem somente a função de intermediar os produtos e serviços produzidos pela operadora turística, ou ainda, de elaborar seus próprios

pacotes, desde que estes tenham pouca complexidade; ii) empresa que, efetivamente, desenvolve os pacotes turísticos, combinando, para este fim, uma série de elementos (transporte, hospedagem, alimentação, passeios, bilhetes para atrações, entretenimento, guias, etc.), em território nacional ou no exterior. O trecho de uma das obras investigadas, que aqui se reproduz, deixa claro essa ambiguidade:

De maneira geral, no setor de turismo, as <agências> e <operadoras> trabalham com uma quase infinidade de fornecedores. Mesmo as <agências especializadas> em determinado setor, que supostamente trabalhariam com fornecedores específicos, ainda assim têm isso muito pulverizado, já que cada hotel, cada receptivo, cada companhia aérea é um fornecedor (TAVARES, 2007, p. 242).

Quando Tavares diz que “as agências e operadoras trabalham com uma quase infinidade de fornecedores”, e, logo em seguida, acrescenta que “mesmo as agências especializadas em determinado setor, que supostamente trabalhariam com fornecedores específicos, ainda assim têm isso muito pulverizado”, evidencia a duplicidade do termo *agência especializada*. Desta maneira, chegou-se à conclusão que, em virtude de seu duplo sentido, a apresentação deste verbete, *agência especializada*, não poderia deixar de evidenciar essa dupla acepção, o que resultou na decisão de associar dois sinônimos complementares: *agência de viagens especializada* e *operadora especializada*, relativos ao primeiro

e ao segundo sentido do hiperônimo *agência*, conforme explicado no parágrafo anterior.

Há de se considerar, entretanto, que nem toda associação de palavras envolvendo o termo *agência* resulta, de fato, em um único sintagma composto. No seguinte agrupamento: *agência* preponderantemente *produtora*, os elementos *agência* e *produtora* estão separados pelo advérbio *preponderantemente*, o que comprova que a inserção de um advérbio entre um elemento e outro do sintagma composto não se incorpora a esse, mas somente indica a intensidade do segundo elemento, ou seja, entende-se que a agência em questão realiza bem mais atividades como produtora do que como intermediadora/vendedora.

CONCLUSÕES

Ao longo da pesquisa, encontrou-se, de fato, um amplo número de sinônimos, que estarão identificados, no dicionário terminológico de *Agenciamento de Viagens e Turismo*, o qual - conforme já se esclareceu neste texto - é o objetivo prático da já mencionada tese de doutorado. Nesse dicionário, os sinônimos estarão identificados como sinônimos e parassinônimos. Estes últimos, por sua vez, aparecerão como sinônimos complementares, uma vez que o termo em evidência é o termo preferencial, que aparecerá com a respectiva definição e equivalências nos idiomas estrangeiros (inglês, espanhol e italiano), e os demais, isto é, os

parassinônimos, aparecerão como sinônimos complementares. A microestrutura, sobre a qual já se discorreu no item *Discussão dos Resultados*, evidencia que, assim como há um relevante uso de sinônimos em português, o mesmo se comprova quando se analisa as ocorrências em espanhol e italiano, pois para o termo *agência de viagens*, visualizam-se 1 sinônimo em inglês, 2 em espanhol e 3 em italiano, conforme se comprova na tabela 3.

	PORTUGUÊS	INGLÊS	ESPAÑHOL	ITALIANO
TERMO	<i>agência de viagens</i>	<i>travel agency</i>	<i>agencia de viajes</i>	<i>agenzia di viaggi</i>
SIN. 1	<i>agência de viagem</i>	<i>retailer</i>	<i>agencia de viajes minorista</i>	<i>agenzia di viaggi dettagliante</i>
SIN. 2	<i>agência detalhista</i>		<i>agencia de viajes vendedora</i>	<i>dettagliante</i>
SIN. 3	<i>agência distribuidora</i>			<i>retailer</i>
SIN. 4	<i>agência intermediadora</i>			
SIN. 5	<i>agência minorista</i>			
SIN. 6	<i>agência varejista</i>			
SIN. 7	<i>agência vendedora</i>			

Tabela 3: Sinônimos do termo *agência de viagens*, em português, inglês, espanhol e italiano.

A propósito da segunda hipótese, nesta parte específica da pesquisa, a qual tem como escopo a análise do termo *agência* e de seus derivados, registraram-se somente 2 ocorrências de antônimos. O primeiro associa-se à atuação da agência no que diz respeito ao seu caráter de enviar turistas a outras regiões ou países, ou, ao contrário, de receber turistas de outras regiões ou países, resultando em dois termos antônimos: *agência emissiva* e *agência receptiva*. A segunda ocorrência de antonímia traduz um fenômeno bastante recente, posto que, com o advento da Internet, as empresas dos mais distintos setores passaram a vislumbrar esse novo ambiente como uma possibilidade de comercializar seus produtos diretamente aos consumidores finais, eliminando, ou ao menos reduzindo, o número de lojas físicas. Com a atividade de agenciamento não foi diferente, e muitas agências, dos mais variados tipos, lançaram suas *agências virtuais*, em contraposição com as já consolidadas (e talvez um pouco obsoletas) *agências físicas*. Tal contraposição evidencia a situação de antonímia, uma vez que no caso desta (física), os clientes precisam se deslocar até a loja da agência para realizar parte ou todas as suas atividades, embora também haja, neste caso, a possibilidade de contato telefônico e através da internet, mas, se quiserem, os clientes podem interagir pessoalmente com os agentes. No caso da *agência virtual*, por outro lado, todas as transações são realizadas exclusivamente no ambiente da Internet, sem quaisquer contatos pessoais.

Com relação à terceira hipótese, verificou-se uma discreta influência do idioma espanhol, no que concerne aos termos derivados de *agência*, em ambas as obras analisadas. Tomelin (2001, pp. 24-25) apresenta uma tipologia das agências de turismo, baseada no sistema espanhol/mexicano, no qual se inspirou. Nesta tipologia, distinguem-se seis tipos distintos: *agências de viagens detalhistas*; *agências de viagens maioristas*; *agências de viagens tour operators (operadoras de turismo)*; *agências de viagens receptivas*; *agências de viagens e turismo consolidadoras* e *agências de viagens e turismo escola*. Entretanto, além dos tipos de agências que derivam dessa tipologia, o autor também apresentou os seguintes termos: *atacadistas*; *agência-laboratório*; *agência tradicional*; *agência via internet* e *agências (empresas) virtuais*. A influência da língua espanhola verifica-se, particularmente, nos termos que denotam um empréstimo linguístico, e consequente adaptação, deste idioma: *agência detalhista*, que é a adaptação do termo espanhol *detallista*, e é o mesmo que varejista, isto é, significa a agência de viagens vendedora, intermediadora, e cujo antônimo é *agência maiorista*, adaptação do termo *mayorista*, que quer dizer atacadista, ou melhor, operadora turística, que, na prática, é a agência produtora, ou seja, a que produz os pacotes turísticos. Também no texto de Braga (2007b), verificaram-se ocorrências de alguns desses termos, que receberam influência da língua espanhola: *agência maiorista*; *agência minorista* e *agência maiorista-minorista*, a qual, segundo

Braga, é aquela que “pode, simultaneamente, funcionar como maiorista e minorista, com pontos de venda próprios” (2007b, p. 21). Faz-se necessário esclarecer, contudo, que no sistema brasileiro, corroborado pelo Ministério do Turismo, através da Lei Nacional do Turismo, há somente três tipos: *agência de turismo*, que engloba qualquer tipo de agência de atuação e comercialização no âmbito do turismo; *agência de viagens e turismo* – também conhecida popularmente como *operadora turística*, que seria a empresa que pesquisa, elabora, compõe, formata e comercializa os pacotes turísticos diretamente ao consumidor final, ou através de agências de viagens intermediadoras, e a *agência de viagens*, que atua como intermediadoras entre os fornecedores (companhias aéreas, meios de hospedagem, estabelecimentos de alimentação, casas de espetáculos, empresas de seguro, operadoras turísticas, etc.) e o consumidor final, e como consultores, assessorando e aconselhando seus clientes. Conclui-se, portanto, que a diferença entre o sistema espanhol/mexicano e o brasileiro e, conseqüentemente, a terminologia resultante, reflete uma visão de mundo distinta no que concerne à atividade de *Agenciamento de Viagens e Turismo*. Conseqüentemente, a hipótese 3 só pode ser confirmada parcialmente, pois influência existe, mas não é muito extensiva.

Não se verificou influência significativa do idioma inglês, como se havia pensado quando se apresentou a

hipótese 4. Ainda que a influência desse idioma seja importante na terminologia da linguagem do Turismo e na sua subárea *Agenciamento de Viagens e Turismo*, especificamente no que tange aos termos derivados do hiperônimo *agência*, tal influência não se comprovou. Todavia, embora no português brasileiro, tenha se notado que a influência da língua inglesa não é significativa no que diz respeito ao termo *agência*, no italiano verificou-se exatamente o contrário, já que há uma abundância de termos emprestados do inglês, conforme comprova a tabela 4, que contrapõe alguns termos em português, com seus equivalentes em inglês, espanhol e italiano, sendo que este último idioma é o que mais abriga termos emprestados do língua inglesa ou formações híbridas com algum dos elementos do sintagma composto em inglês.

TERMO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	TERMOS EM INGLÊS	TERMOS EM ESPANHOL	TERMOS EM ITALIANO
Agência de viagens	travel agency; retailer	agencias de viajes; agencia de viajes minorista; agencia de viajes vendedora	agenzia di viaggi agenzia di viaggi dettagliante; dettagliante; <i>retailer</i>
Agência emissiva	outgoing agency	agencia emissora	agenzia di turismo <i>outgoing</i> (termo híbrido)
Agência receptiva	Incoming agency	agencia receptiva	agenzia di turismo <i>incoming</i> (termo híbrido)

			híbrido)
Agência física	off-line agency	agencia de viagens física	agenzia <i>off line</i> (termo híbrido)
Agência virtual	on-line agency	agencia de viagens on-line	agenzia <i>on line</i> (termo híbrido) ou <i>web agency</i>
Agente Geral	General Sales Agent	Agente General de Ventas	GSA (<i>General Sales Agent</i>)

Tabela 4: Termos em português, com seus equivalentes em inglês, espanhol e italiano, evidenciando a influência do inglês nos equivalentes italianos.

Analisando a tabela 4, constata-se que há dois tipos de termos italianos que denotam a influência do inglês; aqueles que, simplesmente, adotaram um termo da língua inglesa, através de empréstimos, como é o caso dos termos *retailer*, *web agency* e *General Sales Agent*, e os que apresentam formações híbridas, em que parte do sintagma é formada por um vocábulo em italiano e parte formada por um ou mais vocábulos em inglês, como se observa nos sintagmas *agenzia di turismo incoming*; *agenzia di turismo outgoing*, *agenzia on line*; *agenzia off line*. Seria interessante, num futuro estudo, analisar se esses termos italianos, tomados como empréstimo da língua inglesa, ou de formação híbrida, são compreensíveis a todos os clientes potenciais das agências de turismo daquele país e aos clientes estrangeiros em viagem à Itália, os quais, eventualmente, possam usar os serviços *incoming* das agências italianas, pois, conforme observa Sager (2003), o uso

da/das terminologia/s pode ser um obstáculo para a compreensão, sempre que o destinatário não possua um conhecimento adequado da linguagem setorial utilizada.

À guisa de conclusão, confirma-se a hipótese 1, pois, de fato, há um amplo uso de sinônimos nos quatro idiomas analisados, embora tenha sido registrado um número maior de ocorrências em português. Confirma-se a hipótese 2, somente parcialmente, pois há casos de antonímia, mas não em grande número. Da mesma forma, confirma-se apenas parcialmente a hipótese 3, pois embora haja uma discreta influência do idioma espanhol, tal influência mostrou-se pouco significativa. Rejeita-se a hipótese 4, considerando que, no que tange à análise que o presente trabalho se propôs a fazer, tendo como foco o termo *agência* e seus derivados, em português brasileiro, não se comprovou influência da língua inglesa. Ressalta-se, entretanto, que para os mesmos termos e derivados, a influência do inglês mostrou-se bastante significativa nos termos em italiano, porém, como a língua que deve ser o foco deste estudo é o português, a hipótese teve de ser rejeitada. A tabela 5 evidencia melhor a conclusão para cada hipótese que norteou o trabalho.

	CONFIRMADA	CONFIRMADA PARCIALMENTE	NÃO CONFIRMADA
Hipótese número 1	X		
Hipótese número 2		X	
Hipótese número 3		X	
Hipótese número 4			X

Tabela 5: Resultado das hipóteses analisadas.

Por fim, poder-se-iam conduzir estudos semelhantes para cada hiperônimo associado à subárea de *Agenciamento de Viagens e Turismo*, visto que esta é profícua de relações de sinonímia, e de acordo com a Teoria Comunicativa da Terminologia, que, ao que se viu, não se propõe prescritiva, mas sim descritiva, haveria ainda uma série de relações a serem estabelecidas através do estudo mais aprofundado de observação e descrição da sinonímia para essa subárea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, D. C. (Org.) (2007a). *Agências de Viagens e Turismo: Práticas de Mercado*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus.

BRAGA, D. C. (2007b). Discussão Conceitual e Tipologias das Agências de Turismo. In: In: BRAGA, D. C. (Org.). *Agências de Viagens e Turismo: Práticas de Mercado*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus.

BRAGA, R. (2003). *Dicionário de Turismo*. São Paulo: Uniletras.

Diccionari D'Hoteleria i Turismo Termcat. TERMCAT, Centre de Terminologia/Edicions 62: Barcelona, 2001.

SAGER, J. C. (1993). La terminología, puente entre varios mundos (Prólogo). In: CABRÉ, M. T. (Org.). *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*, Antártida/Empúries, Barcelona.

SANTOS, C. M. & MURAD JR. E. W (2007). Sistemas de Reservas e E-Commerce. In: BRAGA, D. C. (Org.). *Agências de Viagens e Turismo: Práticas de Mercado*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus.

SARDINHA, T. B. (2004). *Linguística de Corpus*. Manole: Barueri (SP).

TAVARES, A. (2007). Mercado de Intercâmbio. In: BRAGA, D. C. (Org.). *Agências de Viagens e Turismo: Práticas de Mercado*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus.

TOMELIN (2001), Carlos Alberto. *Mercado de Agências de Viagens e Turismo: como competir diante de novas tecnologias*. São Paulo: Aleph.

OUTRAS FONTES

BARBOSA, M. A. (s/d). *A construção do conceito nos discursos técnico-científicos, nos discursos literários e nos discursos sociais não-literários*. Disponível em: <pt.scribd.com/doc/98467982/Artigo-Maria-Aparecida-Barbosa>. Acesso em 24/11/2010.

PROPOSTA DE ELABORAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO BILÍNGUE DE TERMOS SIMPLES, EXPRESSÕES FIXAS E SEMIFIXAS DA ÁREA DE SENSORIAMENTO REMOTO

A PROPOSAL FOR THE DEVELOPMENT OF A BILINGUAL GLOSSARY OF SIMPLE TERMS, FIXED AND SEMI FIXED EXPRESSIONS IN THE AREA OF REMOTE SENSING

Diva Cardoso de Camargo (UNESP)
Dalila dos Santos Hasmann (UNESP)

Resumo: O Brasil foi um dos países que mais se destacou na lista das nações que mais publicam artigos em revistas científicas. De 2007 a 2008, a produção científica brasileira passou da 15ª para 13ª colocação no ranking mundial de artigos publicados em revistas científicas. No entanto, 60% dos artigos publicados pelos brasileiros estão em português, o que faz com que o trabalho brasileiro receba pouca atenção internacional. O objetivo desta pesquisa é construir e analisar um corpus paralelo composto por um livro de Sensoriamento Remoto em Inglês e sua tradução para o Português, a fim de criar um glossário dos termos mais recorrentes na literatura de Sensoriamento Remoto. A consecução destes objetivos será fundamentada no arcabouço teórico-metodológico dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus (BAKER, 1993, 1995, 1996; CAMARGO, 2005), Linguística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2004) e princípios de Terminologia (BARROS, 2004; KRIEGER & FINATTO, 2004). Será utilizado o programa WordSmith Tools e suas ferramentas. Além do corpus paralelo, também construiremos dois corpora comparáveis compostos por artigos publicados em revistas brasileiras e internacionais da área. Os primeiros resultados mostram que os tradutores fizeram uso de uma maior variação de vocabulário em suas traduções, o que pode ser uma maneira de

tornar o texto mais claro para o leitor. Para a análise das entradas do glossário, os profissionais do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, serão consultados e suas opiniões agregadas a esta pesquisa para dar consistência à produção do glossário bilíngue proposto.

Palavras-chave: estudos da tradução baseados em corpus, linguística de corpus, terminologia.

Abstract: Brazil was one of the countries that stood out in the list of nations that publishes more articles in scientific journals. From 2007 to 2008, the Brazilian scientific production has moved from 15th to 13rd place in the world ranking published articles in professional journals. However, 60% of articles published by the Brazilians are in Portuguese, which makes the Brazilian work have little international attention. The purpose of this research is to build and analyze a parallel corpus composed of a book of Remote Sensing and its translation in the direction English into Portuguese in order to create a glossary of most recurrent terms in the literature of Remote Sensing. The achievement of these goals will take for theoretical and methodological foundation the Corpus-Based Translation Studies (BAKER, 1993, 1995, 1996; CAMARGO, 2005), Corpus Linguistics (BERBER SARDINHA, 2004) and principles of Terminology (BARROS, 2004; KRIEGER & FINATTO, 2004). It will also use Wordsmith Tools program and its tools. Besides the parallel corpus, we will also build two comparable corpora respectively from articles published in Brazilian and international journals in the area. The first results show that the translators made use of greater variation of vocabulary in their translations, which can be a way to make the text more clear to the reader. For the analysis of glossary

entries, professionals from the National Institute for Space Research - INPE, will be consulted and their views aggregated to this research to give consistency to the production of the proposed bilingual glossary.

Key-Words: corpus-based translation studies, corpus linguistic, terminology.

INTRODUÇÃO

O Brasil ocupa o 13º lugar no ranking dos países com maior volume de produção científica do mundo. A taxa de crescimento na elaboração de trabalhos científicos é de 8% ao ano, enquanto a média mundial está em 2%. No Brasil, a produção científica concentra grande parte de sua força nas áreas de pesquisas agrícolas e ciências naturais, para as quais o Sensoriamento Remoto gera dados e informações espaciais úteis.

No entanto, ao analisar a quantidade de vezes que cada artigo brasileiro é citado por outros pesquisadores, o resultado não é tão positivo, fazendo com que as investigações de pesquisadores brasileiros tenham pouca repercussão internacional. Diante desse cenário, a tradução torna-se imprescindível para a divulgação desses trabalhos, disponibilizando-os em outros idiomas, sendo o principal deles o inglês.

Uma maneira de fornecer aos tradutores, e até mesmo aos próprios estudantes e professores, maiores informações

sobre a área é elaborar um estudo para reconhecer termos simples, expressões fixas e semifixas mais frequentes da área de Sensoriamento Remoto. Este trabalho é viabilizado por meio dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus, que une os Estudos da Tradução às ferramentas computacionais da Linguística de Corpus. Neste artigo, propomos também a construção de um glossário bilíngue de Sensoriamento Remoto na direção português/inglês.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente artigo baseia-se no arcabouço teórico lançado por Baker (1993, 1995, 1996), o qual se vale do uso de corpora como metodologia para a disciplina de Estudos da Tradução. A autora entende por corpus “um conjunto de textos naturais” em oposição a exemplos/sentenças criados com o propósito específico de mostrar um fenômeno linguístico, “organizados em formato eletrônico, passíveis de serem analisados, preferencialmente, de forma automática ou semiautomática (em vez de manualmente)” (BAKER, 1995, p. 226).

A autora se alicerçou em duas diferentes correntes de pensamento para gerar sua proposta de Estudos da Tradução Baseados em Corpus. Um desses alicerces foi Gideon Toury (1978/2000), da Universidade de Tel-Aviv. Toury defende a importância de um estudo descritivo-comparativo da natureza das normas que regem os textos traduzidos e daquelas que

regem os textos não traduzidos. Por influência de Toury, Baker considera os textos traduzidos como registros de eventos comunicativos genuínos que devem ser vistos em pé de igualdade com outros eventos comunicativos de qualquer língua. A segunda corrente de pensamento que alicerça esta proposta é a do linguista John Sinclair (1991). Por meio de uma coleção de corpora computadorizados e do desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa relevante, Sinclair defendeu investigações dessa natureza por possibilitarem superar as limitações humanas e minimizar sua dependência da intuição. Hoje em dia, por meio da utilização dos corpora computadorizados, temos à nossa disposição, bancos de dados contendo milhões, ou até bilhões de palavras, que podem ser percorridos em questão de minutos.

A união dessas duas linhas, a dos estudos descritivos da tradução e a da linguística de corpus, permitiu a Baker consolidar sua proposta de estabelecimento do fenômeno da tradução como objeto de pesquisa em si. Desta forma, ela postula a criação de uma disciplina que tenha o fenômeno da tradução como principal objeto de pesquisa, elegendo, para isso, a abordagem da linguística de corpus como quadro metodológico. O acesso a grandes corpora de textos originais e traduzidos possibilitou o desenvolvimento de métodos específicos e ferramentas para investigação desses corpora de forma adequada para os pesquisadores da área (MAGALHÃES, 2001).

No caso deste trabalho, o foco do estudo será a língua de especialidade do Sensoriamento Remoto; por esta razão, também vamos margear o campo de estudos da Terminologia. O tradutor que lida com áreas de especialidade, inevitavelmente, lida com a terminologia do campo escolhido. Ao acessar dicionários e glossários para obter resultados para sua tradução, ele acaba entrecruzando Tradução e Terminologia, favorecendo seu trabalho. Segundo Barros (2004), “diversos bancos de dados especializados de alcance mundial têm no tradutor um grande colaborador” (BARROS, 2004, p. 72).

Por meio da Terminologia, o tradutor tem acesso rápido aos termos apropriados da área de especialidade com que estiver trabalhando. Em decorrência, houve um aumento dos trabalhos em Tradução e Terminologia que fornecem termos adequados para consultas das áreas de especialidade a serem traduzidas. É o tradutor atuando como terminólogo “ao criar neologismos ou mesmo paráfrases do termo para dar conta das equivalências semânticas” (KRIEGER & FINATTO, 2004, p. 72).

Por sua vez, as unidades que serão estudadas para composição do glossário proposto apoiam-se, primeiramente, em Barros (2004), pois, de acordo com a autora, os *termos* caracterizam-se por designarem conceitos específicos de um domínio de especialidade. Quanto às *expressões fixas*, tratam-se daquelas expressões consagradas, referentes a

determinados tipos de texto, e que permitem pouca ou nenhuma variação (BAKER, 1992). No caso das *expressões semifixas*, Camargo (2005) aponta que estas apresentam maior variação e carregam consigo todo um contexto, podendo ser consideradas específicas de uma língua de especialidade.

No tocante ao Sensoriamento Remoto, é a ciência pela qual se obtêm informações sobre objetos ou fenômenos a partir de dados coletados sem o contato físico com tais objetos. Segundo Jensen (2009):

Um instrumento de Sensoriamento Remoto coleta informação sobre um objeto ou fenômeno dentro do campo de visada instantâneo do sistema sensor sem estar em contato físico direto com ele. O instrumento pode estar localizado a apenas poucos metros acima do solo e/ou a bordo de uma aeronave ou satélite (JENSEN, 2009, p.3).

Estas técnicas são úteis para o estudo de alguns dos temas que se tornaram comuns nestes últimos anos, como aquecimento global, desastres ambientais, desmatamento da Amazônia, efeito estufa, geração de energia sustentável, mudanças climáticas, previsão do tempo entre muitos outros, que são áreas que se utilizam e se beneficiam diretamente das técnicas de Sensoriamento Remoto. Quando se trata de estudar áreas imensas e de condições extremas como a Amazônia, por exemplo, o avanço da tecnologia de

Sensoriamento Remoto contribui concretamente para a obtenção de conhecimento dos ecossistemas dessa região.

Considerando que tais estudos e resultados do Sensoriamento Remoto sobre nosso território são de interesse não só do Brasil, mas do mundo, obtém-se do artigo intitulado *Técnicas avançadas de Sensoriamento Remoto aplicadas ao estudo de mudanças climáticas e ao funcionamento dos ecossistemas amazônicos*, publicado na Revista *Acta Amazônica*, a seguinte reflexão:

Por último, mas não menos importante, há uma urgente necessidade de uniformização de linguagem e protocolos no âmbito da comunidade de Sensoriamento Remoto, para que a comunicação, difusão e troca de informações e ideias se tornem mais profícuas (NOVO, 2005, p. 270).

METODOLOGIA DE TRABALHO

Para a consecução dos objetivos, baseados na proposta de Baker (1993) a respeito dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus, usaremos dois tipos de corpora para o desenvolvimento deste trabalho: um paralelo e outro comparável, além de dois corpora de referência.

O corpus paralelo consiste de um subcorpus com o texto original na língua-fonte que, neste caso, é o inglês, e de um subcorpus com a respectiva tradução para a língua-alvo, o português (BAKER, 1995, p. 230). Para a sua compilação, foram digitalizados o livro *Remote Sensing of the Environment*:

An Earth Resource Perspective, de John R. Jensen, 2ª ed., lançado pela Editora Pearson Prentice Hall em 2007, contendo 592 páginas, e sua tradução *Sensoriamento Remoto do Ambiente: Uma Perspectiva em Recursos Terrestres*, lançada pela Editora Parêntese, 2009, que conta com 672 páginas.

Esta escolha justifica-se por ser uma obra bem conceituada entre a comunidade internacional de Sensoriamento Remoto e por ser adotada em inúmeras instituições internacionais de ensino, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Considerada de referência, introduz os fundamentos do Sensoriamento Remoto e discorre sobre um vasto número de sistemas sensores existentes, apresentando suas especificações e aplicações. O autor também descreve e enfatiza o uso dos dados de Sensoriamento Remoto na geração de informações espaciais úteis tanto biofísicas como socioeconômicas, que podem vir a ser usadas na tomada de decisões.

A tradução foi feita pelos pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE): Drs. José Carlos Neves Epiphanyo (Coordenador), Antonio Roberto Formaggio, Athos Ribeiro Santos, Bernardo Friedrich Theodor Rudorff, Cláudia Maria de Almeida e Lênio Soares Galvão, que identificaram neste livro uma forma de colocar à disposição do estudante e do profissional brasileiro e latino-americano um texto de excelência, que servirá de base para sua formação continuada. O fato de a versão em português ter sido realizada por

renomados especialistas do principal instituto de pesquisas no tema da América do Sul, o INPE, confere a esta edição do livro confiabilidade técnico-científica.

Quanto ao corpus comparável, “como sugestão da própria palavra pode ser comparado de acordo com critérios externos e dar ideias sobre dois sistemas linguísticos independentes”⁸ (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 133). No presente trabalho, temos um corpus comparável em inglês e um corpus comparável em português, ambos constituídos por artigos científicos de Sensoriamento Remoto, publicados em revistas nacionais e internacionais renomadas na área. O critério para nossa escolha destes artigos é que tenham sido escritos por falantes nativos do inglês, para o corpus de inglês, e por falantes nativos de português, para o de português, a partir de 2006 até 2012. Esta comparação tem o propósito de examinar o uso dos termos simples, expressões fixas e semifixas mais frequentes encontrados nos textos e identificar seus padrões formais de uso. Desse modo, examinando a coocorrência destes termos e expressões em textos originalmente escritos por falantes nativos, podemos conhecer os padrões da escrita em ambiente natural por

⁸ Texto original: Comparable corpora, as the word suggests, can be compared according to external criteria and give insights into two independent linguistic systems (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 133) [Tradução nossa].

permitir a comparação de termos e expressões encontradas e também, possibilitar a identificação de equivalentes mais frequentes tanto em inglês quanto em português.

No tocante ao corpus de referência, é um corpus da língua geral normalmente composto por milhões de palavras e é utilizado para medir/comparar a frequência das palavras encontradas no corpus de estudo. “A sua função é fornecer uma norma com a qual se fará a comparação das frequências do corpus de estudo” (BERBER SARDINHA, 2004). Ou seja, se uma palavra tem alta frequência no corpus paralelo, porém baixa frequência no corpus de referência, ou seja, alta frequência na área de Sensoriamento Remoto e baixa frequência na língua geral, esta poderá ser considerada *chave* e passa a ser uma candidata a termo do nosso glossário. O corpus de referência de língua inglesa será o *BNC Sampler*, que conta com 100 milhões de palavras do inglês britânico escrito e falado e, para o corpus de referência de língua portuguesa será utilizado o Lácio-Ref, que possui em torno de 8 milhões de palavras do português brasileiro contemporâneo escrito.

A título de facilitar a visualização dos corpora empregados neste trabalho, apresentamos o Quadro 1, abaixo:

		Corpus Paralelo (Principal)			
Corpus de Referência inglês	Corpus Comparável inglês	Subcorpus Inglês	Subcorpus Português	Corpus Comparável português	Corpus de Referência português
BNC (corpus de língua geral Inglês)	Artigos científicos originais Inglês	Livro original em Inglês	Livro traduzido para Português	Artigos científicos originais Português	Lácio-Ref (corpus de língua geral Português)

Quadro 1. Corpora utilizados na pesquisa.

O manuseio dos corpora com rapidez e precisão é possível graças ao software WordSmith Tools. Este software possui três ferramentas principais: *Wordlist*, *Keyword* e *Concord*, que fornecem, respectivamente, a) produção de lista de palavras contendo todas as palavras do arquivo selecionado, b) extração de palavras-chave e c) realização de linhas de concordância. Este programa foi criado em 1996 por Mike Scott, professor da Universidade de Liverpool, Reino Unido, e tem contribuído para a divulgação da Linguística de Corpus no Brasil. Sua versão demo (restrita) é obtida pela internet² e o usuário, se tiver interesse, ao pagar a licença, recebe um código que a transforma em licença completa

(BERBER SARDINHA, 2004). Neste trabalho utilizamos o WordSmith Tools⁹ na versão 6.0.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho encontra-se em fase inicial de execução. Foi realizada a digitalização dos textos por meio de escaneamento, utilizando o Reconhecimento Ótico de Caracteres, com o objetivo de compilar os corpora. Tanto os Estudos da Tradução Baseados em Corpus quanto a Linguística de Corpus estão condicionados à tecnologia, a fim de possibilitarem o armazenamento de corpora e também a sua exploração. Simultaneamente a este processo, está sendo dado prosseguimento à recolha dos artigos científicos que vão compor os corpora comparáveis de português e de inglês que serão utilizados para fins de comparação com o corpus paralelo a ser estudado.

Quanto aos primeiros resultados obtidos da digitalização dos corpora, utilizamos a ferramenta *wordlist* para criar as listas de palavras dos corpora em inglês e português e apresentamos, na Tabela 1, alguns resultados estatísticos.

⁹ O Software WordSmith Tools na versão 6.0 pode ser baixado gratuitamente nos seguintes endereços www.liv.ac.uk/~ms2928/, www.lexically.net/ e www.oup.com/elt/global/isbn/6890/

Subcorpus (original)	Paralelo inglês	Subcorpus (traduzido)	Paralelo português
Itens	226.285	Itens	262.877
Formas	12.797	Formas	15.987
Razão Forma/Item	5.66	Razão Forma/Item	6.08
Razão Forma/Item Padronizada	38.48	Razão Forma/Item Padronizada	39.20

Tabela 1. Estatística simples a partir do corpus paralelo (inglês e português)

Entendemos por *itens* as palavras contabilizadas quantas vezes aparecerem no corpus; e por *formas* a contagem da palavra uma única vez, não importando quantas vezes esta se repita. De acordo com os primeiros resultados obtidos, podemos notar que o número de formas (vocábulos) do texto original é de 12.797, a razão forma/item é 5.66 e a razão forma/item padronizada é de 38.48. Já no texto traduzido o número de formas é 15.987 palavras, a razão forma/item é 6.08 e a razão forma/item padronizada é de 39.20. Esses dados indicam que os tradutores optaram por empregar mais palavras em suas traduções do que as que constam no texto original, ou seja, lançaram mão de uma variação vocabular um pouco maior no texto traduzido. A este respeito, este fenômeno identificado pode ser esclarecido

aqui pela seguinte passagem de HEIM & TYMOWSKI (2006, *apud* SERPA, 2011):

Um termo-chave que ocorre mais de uma vez pode ser traduzido pela mesma palavra sempre, mas o tradutor precisa primeiramente determinar se o significado é de fato o mesmo. Se não for, o tradutor pode escolher outra palavra, mas a decisão deve ser consciente. Para estabelecer consistência à tradução, o editor pode sugerir que os tradutores elaborem um glossário de termos-chave quando trabalham com um texto específico (HEIM & TYMOWSKI, 2006, p. 10).

Nesse sentido, os tradutores podem ter variado a utilização de alguns termos para garantir que o conceito transmitido fosse o mais próximo do texto original. Tradutores, ao introduzirem novos conceitos, geralmente atuam para que as palavras ou expressões empregadas sejam aceitas pela comunidade científica e se universalizem dentro desse público, passando a constituir termos. Por essa razão, as listas de palavras serão monitoradas pelo corpus comparável, a fim de garantir que não estejamos baseando todo o trabalho na decisão tomada pelos tradutores da obra, mas estamos considerando, também, outras possibilidades de equivalências existentes.

Estas listas de palavras, ao serem confrontadas com os corpora de referência (de língua geral inglês e português) geram uma nova listagem de palavras chamadas palavras-chave (*Keywords*) que são aquelas palavras que possuem alta

frequência no corpus de estudo e baixa frequência na língua geral. Na Tabela 2, trazemos uma amostra das doze primeiras palavras-chave encontradas no texto original e no texto traduzido:

TO	Freq.	%	TT	Freq.	%
Sensing	1.282	0,49	Remoto	1.050	0,35
Remote	1.421	0,54	Sensoriamento	820	0,27
Infrared	879	0,33	Infravermelho	622	0,20
Aerial	749	0,29	Fotografia	585	0,19
Data	1.308	0,50	Dados	1.204	0,40
Sensor	559	0,21	Radar	448	0,15
Thermal	504	0,19	Termal	368	0,12
Image	860	0,33	Sensor	412	0,14
Radar	476	0,18	Terreno	538	0,18
Photography	520	0,20	Bandas	372	0,12
Spectral	434	0,17	Aérea	386	0,13
Vegetation	511	0,19	Vegetação	466	0,15

Tabela 2. Listagem de palavras extraídas de ambos os subcorpora

Notamos que, nesta listagem, podemos encontrar um total de dez equivalências, como: *sensing* > sensoriamento; *remote* > remoto; *infrared* > infravermelho; *aerial* > aérea; *data* > dados; *sensor* > sensor; *thermal* > termal; *radar* > radar; *photography* > fotografia; *vegetation* > vegetação. No entanto,

neste estágio são apenas palavras soltas. Um estudo deverá ser feito para determinar as coocorrências de palavras, tais como, *sensoriamento* e *remoto*, por exemplo. Se for constatado que estas palavras coocorrem em um número significativo de vezes, passarão, então, a compor nosso glossário como expressão fixa ou semifixa. Uma prévia análise da lista de palavras-chave já gerada dos subcorpora paralelos inglês e português trouxe alguns acrônimos como NOAA, AVHRR, SAR, IFOV, CBERS, GPS, por exemplo, que antecipa que encontraremos usos mais frequentes de expressões fixas e semifixas na área de Sensoriamento Remoto.

CONCLUSÕES

Ainda que o trabalho se encontre em andamento, é inegável, desde já, a eficiência das ferramentas e utilitários oferecidos pelo software Wordsmith Tools. A análise de uma grande quantidade de dados fica consideravelmente mais rápida e confiável do que manualmente.

A consulta ao corpus comparável também é imprescindível para dar suporte a pesquisas desta natureza. As opções feitas pelos tradutores serão comparadas com o corpus comparável a fim de verificar se existem outras possibilidades de tradução sendo usadas. Também essa comparação entre os corpora permite-nos uma investigação mais completa dos textos. A partir dessa etapa, podem-se investigar padrões que são ou restritos ao texto traduzido ou

que ocorrem em frequência mais alta ou mais baixa no texto traduzido do que em relação ao texto original. Para Baker (1993), os textos traduzidos não são nem superiores e nem inferiores aos outros eventos comunicativos de qualquer língua, apenas diferentes e estas diferenças precisam ser exploradas e registradas. Isto contribui para a elaboração de glossários de termos especializados acompanhados do seu contexto, os quais aparecem com maior frequência na linguagem de especialidade representada no texto traduzido e no texto original, selecionados para análise.

Na continuação deste trabalho as expressões fixas e semifixas serão incluídas porque a busca por tais equivalentes é, em geral, mais difícil para o tradutor do que no caso dos termos simples. Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para os Estudos da Tradução Baseados em Corpus e a Linguística de Corpus, bem como possa fornecer subsídios a professores, pesquisadores, tradutores, alunos de tradução e profissionais da área de Sensoriamento Remoto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, M. *In other words: a coursebook on translation*. Routledge: London and New York, 1992.

_____. *Corpus linguistics and translation studies: implications and applications*. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Eds.). *Text and technology: In honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

_____. *Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research*. Target, Amsterdam, v. 7. n. 2. 1995.

_____. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (Org.). *Terminology, LSP and translation studies in language engineering: in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

BARROS, L. A. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: EDUSP, 2004.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

CAMARGO, D. C. *Padrões de estilo de tradutores: um estudo de semelhanças e diferenças em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas*. 2005. 512 f. Tese (Livre-Docência em Tradução) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

HEIM, M.H.; TYMOWSKI, A. *Guidelines for the Translation of Social Science Texts*. Nova Iorque: American Council of Learned Societies, 2006.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

MAGALHÃES, C. M. Pesquisas textuais/discursivas em tradução: o uso de corpora. In: PAGANO, A. (Org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: FALE-UFMG. Cap. 4, 2001.

NOVO, E. M. L. M. et al. Técnicas avançadas de Sensoriamento Remoto aplicadas ao estudo de mudanças climáticas e ao funcionamento dos ecossistemas amazônicos. *Revista Acta*

Amazônica vol. 35 [2] 259-272, 2005.

SELPER - Sociedad de Especialistas Latinoamericanos en Percepción Remota; Dicionário SELPER – Sensoriamento Remoto. [S. L.], 1989.

SERPA, T. CAMARGO, D. C. Tradução de termos simples, expressões fixas e semifixas em ciência política e economia política: um estudo baseado em corpus. *Entretextos*, Londrina, v. 11, n. 1, p. 105-135, jan./jun. 2011.

TOGNINI-BONELLI, E. Working with corpora across languages. In: TOGNINI-BONELLI, E. *Corpus Linguistics at work*. Amsterdam/Atlanta, John Benjamins, 2001.

CORPUS PRINCIPAL (PARALELO) DE SENSORIAMENTO REMOTO

JENSEN, J. R. *Remote Sensing of the Environment: An Earth Resource Perspective*. 2 ed. Universidade de Minnesota, Pearson Prentice Hall, 2007.

JENSEN, J. R. *Sensoriamento Remoto do ambiente: uma perspectiva em recursos terrestres*. Tradução: José Carlos Neves Epiphanyo *et al.* São José dos Campos, SP: Parêntese, 2009.

CORPUS DE REFERÊNCIA DE LÍNGUA GERAL

British National Corpus (BNC). Disponível em <http://www.natcorp.ox.ac.uk/>. Acesso em: 25 jul. 2012.

Projeto Lácio-Web - Compilação de Corpus do Português do Brasil e Implementação de Ferramentas para Análises Linguísticas. Disponível em: <http://www.nilc.icmc.usp.br/lacioweb/index.htm>. Acesso em 25 jul. 2012.

RELAÇÕES ENTRE DIALÉTICA E RECORTE CULTURAL

RELATIONS BETWEEN DIALECTS AND CULTURAL CROPPING

Maria Margarida de Andrade
(UPMackenzie)

Resumo: Este trabalho apresenta três partes distintas, porém, intimamente relacionadas: na primeira parte, serão apresentadas as várias concepções de dialética, segundo Platão, Sócrates, Aristóteles, Hegel, Marx e outros. Na segunda parte, será analisado o conceito de *visão de mundo*, segundo a perspectiva de “conjunto de paradigmas” que determina o comportamento humano, na linha de pensamento de Wilhelm von Humboldt. Na terceira e última parte, serão discutidas as relações entre dialética e recorte cultural.

Palavras-chave: comunicação; lexicologia; tradução; contexto cultural; visão de mundo.

Abstract: This paper presents three distinct parts, however closely related: the first part will cover the various conceptions of dialects: Plato, Socrates, Aristotle, Hegel, Marx and others. The second part will analyze the concept of worldview, from the perspective of set paradigms that determines human behavior, in line of thought of Wilhelm von Humboldt. In the third and last part, discussed relations between dialects and cultural cropping.

Keywords: communication; lexicology; translation; cultural context; worldview.

1. INTRODUÇÃO

No intuito de estabelecer as relações entre *dialética* e *recorte cultural*, faz-se necessário esclarecer os significados de ambos os termos.

A prática da dialética surgiu na Grécia, embora não se saiba ao certo quem foi seu fundador, porém, segundo Platão, o “pai” da dialética teria sido o filósofo Zênon de Eléia. Na Grécia antiga, *dialética* era a “*arte do diálogo*”, cuja tradução literal pode ser “*caminho entre as ideias*” e talvez por esta razão, passou a significar a arte de, no diálogo, demonstrar uma tese.

Desde a Antiguidade, Platão e Aristóteles já se preocupavam com a natureza dos signos, da significação e da comunicação humana. No decorrer do tempo, o conceito de *dialética* foi empregado por diferentes doutrinas filosóficas, assumindo, de acordo com cada uma delas, um significado diferente.

2. CONCEITOS DE DIALÉTICA

Para **Platão**, dialética seria o método mais eficaz de aproximação entre as ideias particulares e as ideias universais ou puras. Já **Sócrates**, que empregava o método discursivo para a propagação de ideias, foi, por este motivo, considerado o fundador da dialética. Segundo **Aristóteles**, o inventor da Lógica, a dialética consistia num processo racional, que levava

em conta a probabilidade lógica das coisas, algo aceitável por todos, ou, pelo menos, pela maioria. Por algum tempo, a dialética foi relegada a um segundo plano, substituída na Lógica pela Matemática. No século XIX **Hegel** retomou as ideias de Platão, e estabeleceu as noções de tese, antítese e síntese e afirmando que “o real é racional e o racional é o real”. Mais atualmente, **Karl Marx**, filósofo alemão, reformulou a concepção de Hegel, porém, Marx fala da Dialética sempre no contexto da luta de classes, de diferentes interesses, que geram a con- tradição. Note-se que o materialismo dialético é uma das bases do pensamento marxista. Para **Kant**, dialética é, na verdade, uma lógica de aparências, uma ilusão, porque se baseia em princípios muito subjetivos.

Em comum a esses pensadores observa-se a concepção da dialética como a união entre forma e conteúdo, para a compreensão da realidade, evidenciando uma lógica atrelada a uma ontologia.

A dialética pode até ser usada no sentido pejorativo, mas é também um modo de filosofar; seu conceito, debatido ao longo dos anos por vários filósofos, sempre põe em relevo o poder da argumentação, ou seja, o poder da palavra. Quando se fala em **palavra**, não se pode deixar de aludir à **Lexicologia**, que é o estudo da palavra em todas as suas dimensões e também em **tradução**, dado o atual estado de globalização em que vivemos.

3. LEXICOLOGIA E TRADUÇÃO

Segundo Jota, p. 190, **Lexicologia** é o estudo da palavra quanto à forma (Morfologia) som (fonologia) e classificação (taxionomia). A Lexicologia e a Lexicografia têm por objeto comum a origem, a forma e a significação das palavras, porém, a Lexicologia estuda essas matérias do ponto de vista científico, enquanto a Lexicografia, que se define comumente como “arte de elaborar dicionários”, tem objetivo prático, utilitário. Lexicologia é a ciência que tem por objetivo o estudo da palavra, em sua estrutura gramatical, morfológica e semântica, ou seja, o estudo científico do léxico. Lexicografia desenvolve um trabalho técnico, é a técnica do tratamento da palavra de compilação, de classificação, da qual resulta a produção de dicionários, glossários e vocabulários. Em outras palavras, Lexicologia classifica-se como uma ciência, Lexicografia, como técnica. Barbosa (1979, p. 165-183) ensina:

As unidades do Léxico são criadas segundo as necessidades e as convenções de um grupo sociocultural e, paralelamente, condicionam a percepção e o conhecimento que os membros desse grupo têm do mundo,

Dialética tem muito a ver com o poder da palavra, ou seja, com a Comunicação, embora não seja a única maneira pela qual esta se realiza. A linguagem, no sentido lato, é a utilização de um sistema de signos de qualquer natureza,

capaz de servir à Comunicação. Destaca-se de todos os sistemas de signos o mais importante e complexo, a linguagem (fala) humana. Segundo a psicologia social, a formação da identidade cultural de um grupo é influenciada pela competência linguística e pelo uso de uma mesma língua. O conhecimento e uso de um sistema de linguagem estão visceralmente ligados ao desenvolvimento da personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação, da humanidade, da própria vida, constituindo-se a própria fonte do desenvolvimento de todos esses fatores. Tão relevante é o papel da linguagem na vida humana que levou Hjelmslev (1975, p. 1), o grande cientista da linguagem, a se expressar do seguinte modo:

A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana.

Modernamente, o estudo da linguagem não se faz isoladamente ou simplesmente como meio de comunicação, mas relacionada a outros aspectos socioculturais de um indivíduo ou de uma comunidade. A comunicação surgiu, provavelmente, da premência que sentiam os homens de trocar ideias e experiências com outros membros do seu grupo, nos estágios mais primitivos da civilização. Dizem Andrade e Henriques (2007, p.15) que “O mundo da

comunicação é vastíssimo, embora seja predominante a ideia da comunicação verbal, falada ou escrita”. Modernamente, a excelência da palavra foi atestada pelo escritor argentino Jorge Luís Borges (2012, p.57), quando, no seu conto *O Espelho e a máscara* afirma, textualmente: “*As proezas mais ilustres perdem o brilho se não forem cunhadas em palavras*”. Ainda hoje, na era da globalização, é a palavra, escrita ou falada, o meio de comunicação por excelência, em que pese à diversidade de línguas. A globalização enfatiza a necessidade da tradução. A globalização traz implícito o ideal de união e confraternização entre os povos, porém, não pode excluir os aspectos particulares da cultura, das línguas, das tradições e costumes de cada povo.

4 VISÃO DE MUNDO E RECORTE CULTURAL

A cultura é um conhecimento adquirido e não se limita a grupos sociais, raciais, étnicos como se cada uma dessas categorias compartilhassem a mesma cultura. Embora a função básica da cultura seja manter a coesão do grupo, resistindo às mudanças trazidas pelos processos econômicos e políticos, internos e externos, a cultura é dinâmica e se transforma no tempo, no espaço ou em contato com outras culturas. Fazem parte da cultura aspectos visíveis e explícitos, como a língua, o modo de trajar, hábitos alimentares, religião e convenções éticas e estéticas, e também aspectos invisíveis, ou implícitos, como o quanto pode alguém atrasar-se, como expressar a dor física, que assuntos e gestos devem ser

evitados numa conversação e outras atitudes que podem ser consideradas rudes ou inconvenientes. Afirma Andrade (CNLF, 2008) que “cada grupo social se identifica por sua cultura, suas tradições e valores, enfim, por sua visão de mundo.” Isso parece explicar cabalmente porque a tradução não se limita a encontrar o equivalente, em outra língua, da palavra que se deseja traduzir. Observa-se que conceitos morais universais e uma filosofia de vida consensual são adaptados à índole e ao modo de vida de cada povo. Isso significa que, para traduzir, é indispensável conhecer a cultura e respeitar a visão de mundo de cada povo. Entende-se por visão de mundo os fatos, as lendas, as experiências que integram o imaginário coletivo e o saber compartilhado dos membros de uma comunidade sociocultural e linguística. A visão de mundo de uma comunidade linguística sociocultural é fator determinante no processo de conversão de um texto, de um universo de discurso para outro, configurando-se uma transcodificação transcultural. A busca de termos equivalentes em outra língua, portanto, é inútil para obter-se transcodificações corretas e eficazes que consigam preservar o sentido do texto, levando em consideração os sistemas de valores e os saberes compartilhados subjacentes ao texto, na cultura de origem, respeitando-se os sistemas de valores e os saberes compartilhados da outra língua. Isto quer dizer que um bom tradutor pode cometer equívocos graves, se ignorar os sistemas de valores e os saberes compartilhados, vale dizer,

os **recortes culturais**, de cada comunidade linguística. Barbosa (2000, p.98-99) diz:

O sentido se apresenta como uma massa e que deve ser analisada de um modo particular em cada uma das línguas, algo que pode ser compreendido como fato de que o sentido é ordenado, formado de modo diverso segundo as diferentes línguas.

A Autora esclarece que o termo *sentido* apresenta, pelo menos, três conteúdos: informação virtual informação tratada e disponível no Sistema e informação contextualizada. Portanto, deduz-se que traduzir não se limita à busca de uma palavra equivalente em outra língua. Segundo Pais (1995, p. 162-181):

Indubitavelmente, no processo de produção das línguas naturais e seus discursos o *léxico* e as unidades lexicais manifestadas configuram-se como um instrumento muito importante da construção e permanente reconstrução da *visão de mundo*, um espaço semiótico privilegiado em que se produzem e se refletem os **recortes culturais**, onde melhor se podem observar os mecanismos de sua constituição e constante reconstituição.

Em outro artigo, o mesmo Autor (PAIS, 1995, p. 181) reafirma a importância do léxico com relação à visão de mundo de um grupo:

Uma tensão dialética e um processo de alimentação e realimentação são sustentados entre o léxico e os sistemas e práticas sociais e culturais. Noutros termos, o



léxico é um instrumento de produção da cultura e, ao mesmo tempo, seu reflexo.

5. DIALÉTICA E RECORTES CULTURAIS: RELAÇÕES

Cada grupo social se identifica por sua cultura, suas tradições e valores, enfim, por sua *Visão de mundo*. Com relação à produtividade léxica e discursiva, assim se manifesta Pais (1995, p. 162-181):

A visão de mundo constantemente reconstruída é o resultado, a cada momento, do funcionamento concomitante e interdependente dos diversos sistemas semióticos que integram a mesma macrossemiótica e da produtividade de seus discursos.

O homem, no interior do universo natural constrói, mediante um processo extremamente complexo, os diferentes universos culturais ou **recortes culturais**. O universo cultural é o continuum amorfo que contém todos os dados de determinada comunidade linguística sociocultural, os conceitos universais, uma espécie de formas comuns a todas as línguas. A língua, portanto, acha-se estreitamente ligada ao universo cultural. O verdadeiro fundador da ideia de que a linguagem e a visão de mundo são inseparáveis, foi o prussiano Wilhelm von Humboldt (1767-1835). Para von Humboldt os componentes da visão de mundo (*weltanschauung*) atuam como paradigmas do comportamento humano. Na ótica desse autor, a visão de mundo é um conjunto de ideias e crenças por meio do qual um indivíduo, grupo ou cultura interpreta o mundo e interage com ele. Um recorte cultural representa, em última análise, o universo cultural e a visão de mundo de



determinada comunidade sociolinguística e cultural. Segundo Sapir (1971, p. 205): “a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas.”

Isto significa que não basta empregar a forma dialética no discurso; é imprescindível que o discurso seja adaptado ao contexto pois, segundo Bakhtin (1979, p. 91) “o sentido da palavra é totalmente determinado pelo contexto”. No dizer de Pais (2005, p.156):

A língua e seus discursos constituem, em conjunto, um processo semiótico. Um processo semiótico *produz, sustenta e reflete* o sistema de valores de uma comunidade humana, o sistema de crenças, o imaginário coletivo o ‘saber compartilhado’ sobre o mundo. Por isso o ser humano é um animal cultural, social e histórico.

O contexto, os saberes do cotidiano, quando valorizados, contribuem, pela diversificação, para a descoberta de percursos diferentes na aquisição de conceitos, na elaboração de habilidades necessárias, na procura de novas formas de organizar as informações adquiridas. Parece adequado finalizar citando Pais (2005, p.156-165):

A língua e seus discursos, juntamente com as semióticas não verbais, conferem a uma comunidade humana: a sua memória social, a sua consciência histórica, a consciência de sua identidade cultural, a consciência de sua permanência no tempo (...). Assim, cada língua, por exemplo, é um instrumento de pensar o mundo.



6. CONCLUSÕES

De tudo o que foi exposto, chega-se às seguintes conclusões:

- A Dialética, conceituada através dos tempos por vários filósofos, enquanto “arte do diálogo” evidencia um ponto comum entre todos eles: todos enfatizam a importância e o poder da palavra, o que possibilita algumas considerações sobre Léxico e Lexicografia, incluindo a Tradução, convertida em necessidade, face ao atual processo de globalização, principalmente cultural, vigente no mundo moderno.
- O conceito de “visão de mundo” foi abordado segundo o pensamento de von Humboldt, que postula ser a *visão de mundo* um conjunto de paradigmas que atuam sobre o comportamento humano. De acordo com as citações de renomados autores, afirma-se que a *visão de mundo* de um grupo sociolinguístico-cultural consiste na reunião de **recortes culturais** por ele adotados. Daí definir-se *visão de mundo* como o conjunto de **recortes culturais** de uma comunidade sociolinguística-cultural.
- As relações entre Dialética e Recortes culturais tornam-se evidentes na medida em que se admite dialética como “arte da palavra” ou “arte da argumentação”, demonstradas as ligações entre as palavras (ou léxico) e os





princípios (recortes culturais) que regem uma comunidade sociocultural e linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. M. “O léxico e os valores da cultura”. *Revista Brasileira de Linguística*, vol.13, n.1. São Paulo: Terceira Margem. 2005. [p. 25-36]

_____. “Discursos Pedagógicos e Identidade Cultural”. *Anais do XII Congresso de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: UERJ, 25 a 28 de agosto de 2008.

ANDRADE, M.M.; HENRIQUES, A. *Língua Portuguesa: Noções básicas para Cursos Superiores*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BARBOSA, M. A. Estruturas e tipologia dos campos conceituais, campos semânticos e campos léxicos. *Acta Semiotica Et Lingvistica*. São Paulo: Plêiade; SBPL, v. 8. 2000 p. 95-120

_____. *Aspectos da produtividade léxica. Língua e Literatura: revista do Departamento de Letras da USP.* , n. 8. São Paulo. 1979. p. 165-183.

BAKHTIN. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Prefácio de Roman Jakobson. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979.

BORGES, J. L. *O livro de areia*. Tradução de Davi Arriguci . São Paulo: MEDIA Fashion 2012. (Coleção Folha. Literatura Ibero Americana, vol.1).

CAMARA Jr. J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CASARES, J. *Introducción a la Lexicografía Moderna*. 3. ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 1992.



HJELMSLEV, L. *Prolegómenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva 1975.

JOTA, Z. dos S. *Dicionário de Linguística*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1981.

PAIS C. T. *Conditions semântico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systemique lexicale et discursive*. 764 p. 1993. Thèse de doctorat d'Etat (Lettres et Sciences Humaines). Lille, Université de Paris IV: Atelier National de Réproduction des Thèses, 1993. 2 t.

_____. O percurso gerativo da enunciação: produtividade léxica e discursiva. *Confluência* – Revista do Departamento de Linguística da UNESP. Assis, UNESP, v. 3, 1995. p.160-181.

_____. Semântica conceptual, processos semióticos, significação discursiva. *Confluência* – Revista do Departamento de Linguística da UNESP. Assis, UNESP, v. 4, 1995. p.175-186.

_____. Do processo de conceptualização da produção lexical e da produtividade discursiva. Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN. FORTALEZA-CE. UFC. *Boletim da ABRALIN* n. 28, v.1, 2001. p. 156-159.

_____. Semiótica das culturas: valores e saberes compartilhados. *Revista Brasileira de Linguística*, vol. 13, n.1 2005b, p. 155-172,

_____. Considerações sobre a Semiótica das culturas, uma ciência da interpretação: identidade, inserção cultural, transcódificações transculturais. *Cadernos do CNLF*, Série X. N. 11. Rio de Janeiro: UERJ, CIFEFIL, 2006.

SAPIR, E. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Tradução de J. Mattoso Câmara Jr. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1954.



“RETIRADA” – CANTANDO A VIDA NO SERTÃO

“Retirada” — singing life in the backwoods

Darcilia M. P. SIMÕES (UERJ, CNPq)

M^a Suzett BIEMBENGUT SANTADE (FIMI, FMPFM/Mogi-Guaçu)

Resumo: Análise da cantiga “Retirada”, a partir de inferências, da percepção dos signos no contexto em que se atualizam. Descrição da polissemia e das metáforas, que representam o cenário da vida do retirante nordestino. Demonstrar, com a discussão semiótico-funcional, que a linguagem humana representa as necessidades de sobrevivência material, psíquica e espiritual.

Palavras-chaves: signos verbais; texto e contexto; percepção; inferência; semiose; “Retirada”, de Elomar.

Abstract: This text analyses the song *Retirada*, based on inferences and the perception of signs and their relationship with the context. This study tries to describe polysemy and metaphor, whose represent bleak picture of northeastern migrant’s life. Furthermore, it demonstrates that human language is responsible for productions that answer the needs of material, psychic and spiritual survival.

Keywords: verbal signs; text and context; perception; inference; semiosis; “Retirada” by Elomar.

PRELIMINARES



A opção pela canção “Retirada¹⁰” como corpú de estudo é vê-la como uma boa mostra da dinâmca dos interpretantes. A análise de páginas do Cancioneiro do autor de “O Auto da Catingueira” implica um mergulho na riqueza da cultura brasileira, especialmente, no que concerne à seleção lexical.

Como preâmbulo, provoca-se uma breve reflexão sobre a complexidade do mundo contemporâneo e a ressignificação dos valores socioculturais. Segundo Edgar Morin¹¹ — em *Introdução ao pensamento complexo* (1995) — o entendimento do individual, do coletivo e de suas relações necessita de nova leitura, pois há algo mais a compreender para além da simples singularidade ou das diferenças individuais. Em *A Religação dos Saberes* (2002, p. 494), Morin afirma ser preciso debruçar-se sobre certo número de características comuns a sistemas *complexos, diferentes uns dos outros*. Nessa perspectiva, termos como *individual, coletivo, singularidades, diferenças individuais, sistemas complexos, religação*, induzem-nos a pensar processos de

¹⁰ Gravada originalmente no LP intitulado Das barrancas do Rio Gavião. Auto da Catingueira. Gravado na Sala de Visitas da Casa dos Carneiros em Gameleira (Vitória da Conquista - BA), 1973. Faixa 11 da Trilha Sonora Original da novela Gabriela, 1975, e permanece na nova edição, cujo primeiro capítulo foi ao ar no dia 18/06/2012 pela Rede Globo.

¹¹ Morin é autor da Teoria da Complexidade.

discussão e reformulação das formas de leitura do mundo. Logo, neste ensaio, a discussão de uma semiose lexical dinâmica redireciona a interpretação para uma dimensão plural, multidimensional, multicultural.

Assim sendo, o estudo de “Retirada” passa a ser uma experiência (ou exercício) semiótica(o), que possibilita apontarem-se relações sensíveis (captáveis pelos sentidos), ou mesmo subjacentes na dupla camada do texto: melódico e verbal. Como não temos formação musical, restringimos nossa análise à camada verbal, à letra da cantiga. Entretanto, cumpre apresentar os fundamentos teóricos do ensaio.

SOBRE AQUISIÇÃO DO LÉXICO

Inicia-se a fundamentação com palavras de Antunes, que julgamos apropriadas ao que se quer deste ensaio:

Muitos são os fatores que condicionam a escolha das palavras na realização de qualquer atividade discursiva. Talvez nem seja pertinente tentar perceber quais desses fatores são mais importantes, uma vez que todos eles, na dependência do contexto em que atuamos, dos propósitos comunicativos que nos animam, interferem em nossas opções de escolha. Desde os sentidos e intenções a serem expressos até a natureza dos espaços e eventos sociais em que a atividade discursiva se insere, tudo é determinante para a seleção das palavras. (ANTUNES, 2012, p. 53)

Refletindo junto com a autora de *Território das Palavras*, ampliamos a ênfase dado ao estudo do léxico e fomos buscar em Vilela (1994, p. 24 ss.) o foco na semântica cognitiva pelo lugar que dá ao léxico. Trata-se de uma teoria que considera o conhecimento lexical é o conhecimento da língua e da cultura, além de acentuar o caráter psicológico da abordagem linguística.

Segundo Vilela, a aprendizagem do léxico ultrapassa a aquisição de regras de referência ou representação, pois se trata de um processo de aculturação (“3. Psicol. Adaptação de um indivíduo a uma nova cultura com que estabelece contato, seja em seu local de origem, seja em outro local para que se tenha mudado.” [Aurélio, s.u.]). A aprendizagem de uma palavra, além da relação entre tal item léxico e um *designatum* (conteúdo associado à expressão), constitui a aprendizagem da relação deste item e de seu *designatum* na cultura em que está inserido e representado então pelo contexto. Assim sendo, a aquisição e o emprego de um item léxico implicam um domínio mais amplo que articula sintaxe, semântica e pragmática, uma vez que, respectivamente, combinam-se formas a partir da eleição das que melhor representam os conteúdos que se quer expressar e da adequação ao ato comunicativo a ser realizado. Para aprofundar o conhecimento desse processo de aquisição, seleção, combinação e emprego, traz-se à cena a semiótica.

SUBSÍDIOS SEMIÓTICOS

Buscando compreender e aplicar postulados peirciano na análise de signos verbais, vimos elaborando um caminho teórico-metodológico que possibilite interpretações aceitáveis, seguindo critérios de *probabilidade* e *validade*, conforme apontam Santaella, Queiroz, Merrel, reconhecidos leitores da engenharia teórica de Peirce. Nosso roteiro é a Teoria da Iconicidade Verbal.

Para Santaella (2004, p. 120-131), a produção de inferências (segundo Peirce) é um dos caminhos para que a mente possa passar da dúvida à crença, criando assim uma probabilidade de validade, de realidade. Queiroz, lendo Peirce em Hookway¹², afirma ter o autor de *phaneron* solucionado o problema de “Como é possível usar um elemento de nossa experiência como uma representação de outro elemento?” Queiroz entende que dessa indagação emerge a sugestão de equivalência entre signo e pensamento (2004, p. 107), e

¹² Christopher Hookway. (MA Oxford, B.Phil. East Anglia, Ph.D. Cambridge). Christopher joined the department in 1995, having taught at the University of Birmingham since 1977. // One of his central interests has been American Pragmatism: he has written extensively on Charles S Peirce, and wrote Peirce (1985) for Routledge's Arguments of the Philosophers series, after spending a year as a Fulbright Scholar at Harvard working on Peirce's papers. In 1995, he was President of the Charles S Peirce Society, a leading American organization devoted to the study of American philosophy. Cf. <http://www.shef.ac.uk/philosophy/staff/profiles/hookway> Acesso em 20/06/2012

transcreve Peirce: “Temos visto que o conteúdo da consciência, a inteira manifestação fenomenal da mente, é um signo resultado de inferência. (...) Devemos concluir que a mente é um signo se desenvolvendo de acordo com as leis da inferência (CP5, 313)”.

Se o signo construído pela mente decorre de uma inferência, e esta é uma representação cognitiva, cada inferência é um pensamento edificado, é um signo particular resultante de uma reação da mente ante uma percepção, esta produzida pela excitação da atenção. É o próprio Peirce (1990, p. 730) quem afirma que “só pensamos por signos”. Destarte, produzir uma interpretação de algo, é transformar-lhe em signo novo, é avançar na semiose, produzindo assim o signo do signo, sob a provocação do processo interacional a que se submete o signo. Portanto, inferir é raciocinar sobre algo, buscando-lhe referências de probabilidade. Nessa linha de operação se realizam os ensaios de interpretação de objetos em geral, e então pomos em xeque a letra de “Retirada”, para computar-lhe os traços de validação como signo artístico e representativo de um cenário cultural brasileiro.

Seguindo o raciocínio de Peirce (1839-1914), Santaella (1996) e Nöth (1999), produzimos um esquema de análise para um entendimento mais consistente do signo verbal. Santaella (2001, p. 261) afirma que:

O traço mais característico do signo linguístico está na sua arbitrariedade e convencionalidade. (...) Trata-se de



uma questão que é tomada como tácita. Diferentemente disso, o conceito peirciano de *legi-signo* simbólico, argumental, pode nos levar até a medula dessa questão permitindo radiografar suas complexidades.

Portanto, embora os signos linguísticos sejam símbolos, é impossível enquadrá-lo exclusivamente em uma das categorias propostas por Peirce, tendo em conta a relação entre o representâmen e o objeto imediato. As produções de linguagem congregam signos, funções e valores que se amalgamam em cada enunciado, de modo a simular o funcionamento de um signo nessa ou naquela categoria. Todavia, essa classificação se baseia nas características que predominam no momento da enunciação, sem, contudo, anular características subjacentes que integram a semiose em cada cena enunciativa. Portanto, os signos simbólicos das línguas podem ser lidos como icônicos ou indiciais segundo sua participação nos enunciados. No sintagma, os signos se solidarizam e intercambiam características, a partir das quais se tornam possíveis a percepção e interpretação de um item léxico (palavra ou expressão) como sendo um signo icônico ou indicial.

Antonio Fidalgo nos auxilia assim dizendo:

A semiose é tridimensional: ela contempla sempre um veículo *sígnico*, um *designatum* e um intérprete (o interpretante é dar-se-conta de um intérprete, pelo que por vezes se pode omitir). Ora desta relação triádica da semiose podemos extrair diferentes tipos de relações



diádicas, nomeadamente as relações dos signos aos objectos a que se referem e as relações entre os signos e os seus intérpretes. As primeiras relações cabem na dimensão semântica da semiose e as últimas na dimensão pragmática. A estas duas dimensões acrescenta-se necessariamente a dimensão sintáctica da semiose que contempla as relações dos signos entre si.

Cada uma destas dimensões possui termos especiais para designar as respectivas relações. Assim, por exemplo, "implica" é um termo sintáctico, "designa" e "denota" termos semânticos e "expressa" um termo pragmático. (FIDALGO¹³, s/d)

Ora, essa inter-relação entre sintaxe, semântica e pragmática é uma dos traços da riqueza do domínio lexical. No processo de ensino da língua, a atenção ao vocabulário quase sempre fica restrita aos sinónimos e, eventualmente, aos antónimos. No entanto, o trabalho com sinónimos também se restringe, resumindo-se à substituição de formas para o "consumo imediato" das informações do texto. Assim sendo, o estudante não consegue assimilar a riqueza do componente lexical em sua língua nem adquire as competências de base sintaxe, semântica e pragmática implicadas não apenas na leitura, mas também na produção de textos. Por isso, vimos dedicando nossas pesquisas (desde 2002) ao acompanhamento da aquisição lexical pelos estudantes da

¹³ Vale conferir texto completo de FIDALGO, António. In: <http://bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-semiose-divisao-semiotica.html> Consulta em 20/10/2012.

graduação em Letras (Instituto de Letras/UERJ) com a meta de desenvolver bases teórico-metodológicas que auxiliem as práticas didáticas de língua portuguesa desde a escola básica.

Pais, no artigo “Conceptualização, Interdiscursividade, Arquitexto, Arquidiscuro” (s/d), nos ensina que:

Nas línguas naturais e seus discurso, por exemplo, importa distinguir, na etapa da atualização, o nível do sistema e o das normas. No sistema, caracterizam-se as unidades lexicais, enquanto *designations*, por um *semema polissêmico*, denominado *sobressemema*. Sofre esse semema uma *restrição sêmica*, quando de sua inserção numa norma, no plano diatópico e/ou diastrático e, sobretudo, num universo de discurso. Desse modo, a um sobressemema, ao nível do sistema, correspondem vários *sememas* específicos, caracterizadores de *normas discursivas*. (...)

Nessa perspectiva, a produção, acumulação e transformação do saber sobre o 'mundo' somente ocorrem no processo de enunciação do discurso, concomitante e indissociavelmente da produção, armazenagem, e recuperação, durante o percurso gerativo, da significação e da informação semioticamente construída. Esse percurso sustenta-se, pois, dentre outros aspectos, num *contrato de cooperação* entre sujeito enunciatador - sujeito da enunciação de codificação - e sujeito enunciatário - sujeito da enunciação de decodificação -, sem o qual não são viáveis a produção cognitiva e a produção de significação, concomitantes e articuladas.

A partir dessa instrução, constata-se que ensinar/aprender vocabulário vai muito além do armazenamento mental de palavras e expressões. Cumpre

discutir as formas e apreciar seu emprego, analisando as funções/valores que acumulam na travessia pelas culturas por meio dos acontecimentos discursivos. Desse modo, é preciso dar-se maior atenção ao estudo da cama léxica da língua no sentido de propiciar sessões de estudo em que o discente possa descobrir, sob a pele das palavras (parafrazeando Celso Cunha) ou como dissera Drummond, penetrar surdamente no reino das palavras, chegar mais perto e contemplá-las, pois cada uma tem mil faces secretas (possibilidades polissêmicas) sob a face neutra (forma material, o *significante*, no dizer de Saussure).

Segundo Simões (2009), mapear o léxico é uma estratégia que opera com marcas sensíveis (sonoras, no texto oral; gráficas, no texto escrito). Trata-se de um processo de orientação da leitura, mormente no que tange à apuração das isotopias plausíveis para interpretação de um texto. Em meio ao material léxico, podemos levantar *palavras-chave* que se repetem na superfície textual e que se vão enlaçando, transformando-se em nós — as *âncoras textuais* —, que representam as encruzilhadas onde as isotopias (ou recortes temáticos) se encontram e se sobrepõem em um mesmo signo. Halliday ([1985] 2004) e a metafunção textual assegura que o signo se constitui na forma com que se materializa nos textos. Nessa ótica, a dinâmica dos interpretantes favorece a identificação dos valores icônicos, indiciais ou simbólicos dos signos, ao mesmo tempo que possibilita a combinação dessas

funções/valores semiótico(a)s aos significados catalogados semanticamente na língua histórica.

A SEMIOSE EM “RETIRADA”¹⁴

Antes de trabalhar com a letra da cantiga, é preciso apresentar o compositor e seu projeto artístico. Inicia-se com o verbete do *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*:

Elomar Figueira Mello (★ 21/12/1937 Vitória da Conquista, BA) Com seu canto, inspirado no falar sertanejo e com sua construção musical inspirada na tradição trovadoresca da Idade Média, é também apontado, por seus admiradores como menestrel. Foi definido por Vinícius de Moraes como um príncipe da caatinga. Seus discos são considerados referência da música regional. (CRAVO ALBIN¹⁵, *Dicionário da MPB*)

Além de suas composições musicais, Elomar é autor de narrativas em prosa. No romance *Sertanílias*, declara o seu projeto de criação durante um diálogo com Miguel de Almeida:

¹⁴ Mantida a grafia do portal, porque, durante nossa pesquisa (2002-2006) constatamos a opção do compositor em grafar algumas formas de modo a representar a fala do sertão, segundo seus recolhos pessoais. Disponível em: <http://letras.mus.br/elomar/687554/>

¹⁵ In <http://www.dicionariompb.com.br/elomar/dados-artisticos> Consulta em 15/10/2012.

Lá bem atrás, eu escolhi o que cantar. (...) E, por conseguinte, cantar as vicissitudes do coração do homem a partir de minhas circunstâncias em minha pátria – o sertão, pelo que entendi que isso só seria possível se o fizesse na língua de cá, por uma questão de inteireza, fidelidade, na variante linguística étnica, ou seja, no dialeto ou vernáculo *sertanês*. (Elomar, *Sertanílias*, p. 105-106)

Cumprir observar que a grafia em seu texto é signo e deve ser mantida, pois tem por objetivo retratar a fala do homem do sertão, em sua simplicidade.

A proposta de renovação do dizer torna Elomar, segundo Jerusa Pires Ferreira¹⁶, *um inovador de linguagens*. Projeto consciente sobre o qual pudemos conversar quando em visita ao artista em 2002 (ao iniciar o estudo de suas composições) e nos demais contatos que travamos durante suas apresentações pelo país, buscando aprofundar o conhecimento de seu projeto e de sua produção.

A fidelidade de seus propósitos no retratar a vida no sertão, da qual ele é um observador acurado, uma vez que se graduou em Arquitetura em Salvador (BA), provou da vida

¹⁶ A pesquisadora baiana, docente da PUCSP, proferiu a palestra “Elomar: Um inovador de Linguagens: Sertanu e Sertanílias”, no lançamento de *Sertanílias* em 09 de outubro de 2008, no Espaço cultural É Realizações, na vila Mariana em São Paulo.

In <http://www.sertaopaulistano.com.br/2008/10/da-msica-para-literatura-elomar.html> Consulta em 15/10/2012.

urbanóide, não gostou e retornou para o interior, sua arte e seus carneiros¹⁷. O contato cotidiano com o homem *sertanês*¹⁸ alimenta-o para suas composições. Vamos ao texto.

Retirada ¹⁹ (Elomar)					
01	Vai pela istrada enluarada	17	Vai pela istrada enluarada	31	Eu não canto pur soberbo
02	Tanta gente a ritirá	18	Com tanta gente a ritirá	32	Nem tanto pur reclamá
03	Levano só necessidade	19	Sem sabê qui mais adiante	33	Em mĩa vida de labuta
04	Saudade do seu lugá	20	Um ritirante vai ficá	34	Canto o prazê, canto a dô
05	Qui ficô no muito longe	21	Se eu tivesse algum querê	35	E as beleza devoluta
06	Bem pra lá do bem	22	Nesse mundo de	36	Qui Deus no

¹⁷ Denominou a casa grande de sua Fazenda na Gameleira como “Casa dos Carneiros”, que hoje tornou-se uma Fundação Cultural, da qual está emergindo um teatro para 2000 lugares. “Orçado em aproximadamente R\$1milhão, o teatro foi pensado por Elomar há três anos e tem projeto dele próprio, que também é arquiteto.” (ESTADO DE MINAS • DOM I NGO, 21 DE NOVEMBRO D E 2 0 1 0) In <http://www.blogdaresenhageral.com.br/v1/wp-content/uploads/elomar.pdf> Consulta em 15/10/2012.

¹⁸ Elomar criou as formas *sertanês* e *sertanêsa* para diferenciá-las de *sertanejo* e *sertaneja* que, segundo o artista, já estão contaminadas por valores que adulteram a imagem do sertão e de sua gente.

¹⁹ Letra revista pelo autor.

	prá cá		inlusão		sertão botô
07	Vai pela istrada enluarada	23	Não deixava qui a saudade	37	Vai pela istrada enluarada
08	Tanta gente a ritirá	24	Suciada cum pená	38	Tanta gente a ritirá
09	Rumano para a cidade	25	Vivesse pelas istrada	39	Passano cum'ta se veno
10	Sem vontade de chegá	26	Do sofrê a mendigá	40	Bebeno fé e luá
11	Passa dia, passa tempo	27	Vai pela istrada enluarada		
12	Passa o mundo divagá	28	Tanta gente a ritirá		
13	Lembrança passa com o vento	29	Levano nos ombro a cruz		
14	Pedino num ritirá	30	Que Jesus deixô ficá		
15	Tudo passa nesse mundo				
16	Só não passa o sufrimento				

A cantiga fala do retirante nordestino e de sua sina: a falta de condição de sobrevivência na sua terra natal. Na construção do cenário, Elomar tece o contraste que emoldura a vida que ele adjetiva como *sertanesa*. Uma *istrada enluarada* (v. 1) é o caminho trilhado por uma gente que se retira sem destino, sem vontade, entregue à própria sorte,

cuja única certeza é a morte. Em “Retirada”, a dinâmica dos interpretantes se manifesta a partir do enquadramento sígnico. “Istrada enluarada” (esta expressão que se repete nos vv. 7, 17, 27 e 37), por exemplo, tem seu potencial positivo arrefecido por denominar um caminho triste e amargo, diferente dos poemas ou de outras canções cuja temática é o amor. A repetição do sintagma nominal em quatro versos pode ser interpretada como metáfora das quatro estações ou mesmo das fases da vida. Em um e outro caso, o homem do sertão cumpre esses percursos sem qualquer alteração de sua história: nasce, cresce, tenta migrar (retirar-se) e morre. Com base nesse ciclo, deve ser construída a interpretação da cantiga.

“Passa dia, passa tempo / Passa o mundo devagá” (vv. 11 e 12) são versos que representam uma passagem de tempo que se arrasta. É o avesso do que se espera.

Em “Lembrança passa com o vento / Pedino num ritirá / Tudo passa nesse mundo / Só não passa o sofrimento” (vv. 13-16), o eu lírico explora a semântica do verbo passar, evocando acepções de predicação intransitiva quando em referência ao *tempo* — *passar = decorrer, transcorrer*; quando em referência à mudança/evolução, no sentido de *deixar de existir; acabar; desaparecer; ir-se*.

“Na istrada enluarada / Tanta gente a ritirá / Sem sabê qui mais adiante / Um ritirante vai ficá” (vv. 17-20) são versos que concentram a polissemia no emprego do verbo *ficar*.

Entendido em sua primeira acepção — “*Verbo transitivo circunstancial. 1. Estacionar (em algum lugar); não sair dele; permanecer:*”, [Aurélio, s.u.] — sustenta dupla hipótese: (1) o retirante tanto pode achar pouso, achar um lugar para instalar-se, alimentando a inferência com o v. 17 — “Tanta gente a ritirá”; (2) o retirante pode ser recolhido pela morte, hipótese mais provável, uma vez que a morte determina a permanência de alguém em algum lugar. Ainda neste grupo de versos, vê-se o relevo da expressão *sem saber* (v. 19). Esta regula a probabilidade de dupla interpretação, sustenta a hipótese da polissemia de *ficar* e disponibiliza a ambivalência quanto aos valores negativo/positivo desse signo: *ficar = permanecer por vontade & ficar = permanecer por morte*, involuntariamente. Os versos 9 e 10 dão pistas de que o retirante segue para a morte: “Rumano para a cidade / Sem vontade de chegá”. Esse último verso provoca inferir-se o desânimo, uma das forças do perecimento do retirante. Os versos 21 a 24, “Se eu tivesse algum querer / Nesse mundo de ilusão / Não deixava qui a saudade sociada cum pená / Vivesse pelas estrada do sofrê a mendigá”, trazem à cena as ideias de *ilusão, penar, sofrer e mendigar*. Essa série favorece o entendimento de que a ilusão se materializa e promove a *retirada* sendo então representada por um substantivo; os três verbos subsequentes significam ações que representam o definimento do retirante, que tem de abandonar suas terras, deixar tudo para trás. A saudade (outros substantivo) (as)sociada ao penar (processo verbal) (v. 23) ganha vulto,

envolve o retirante que, esgotados os seus víveres, passa a vagar pelo semiárido nordestino a buscar meios de sobrevivência, que não são encontrados e resultam na morte do *sertanês*. Duas isotopias se entrecruzam: a fé & a morte.

O poeta tem claro que canta o prazer e a dor (v. 32) e os versos 37 e 38, “Passano cum’ta se veno²⁰ / Bebeno fé e luá”, encerram a letra da cantiga, afirmam que essa peregrinação penosa é percebida, mas não é resolvido o ciclo penoso do retirante que, em sua “Retirada”, o que o mantém vivo é a fé e o clarão da lua que podem representar a possibilidade de um novo dia.

A captação dessa tomada estilística implica conhecimento de mundo e de língua. As imagens que brotam da história poeticamente narrada pelo compositor baiano carecem dessa contextualização sócio-histórica, para subsidiar uma semiose pautada na probabilidade.

Como nosso foco é o ensino da língua para falantes nativos, entendemos que o trabalho com o léxico é da máxima importância, uma vez que o universo do falante se amplia na proporção em que seu vocabulário aumenta. Atravessar o território das palavras significa tentar conhecê-las uma a uma e em suas associações. Verificar como funcionam nos espaços da variação linguística, em que uma mesma forma ganha

²⁰ Não comentamos essa forma, por falta de registros da oralidade no léxico-regional.

novos conteúdos, passa a abrigar outros conceitos. Em suma, adquirir meios e modos de operar com o léxico, para que se torne um leitor competente e capaz de expressar-se com maestria.

Encerramos o texto com palavras de Drummond que indiscutivelmente exprimem a riqueza, a beleza e a necessidade de preparo para lidar com as palavras:

O LUTADOR		
Carlos Drummond de Andrade		
Lutar com palavras é a luta mais vã. Entanto lutamos mal rompe a manhã. São muitas, eu pouco. Algumas, tão fortes como o javali. Não me julgo louco. Se o fosse, teria poder de encantá-las. Mas lúcido e frio, apareço e tento apanhar algumas para meu sustento num dia de vida. Deixam-se enlaçar, tontas à carícia e súbito fogem e não há ameaça e nem 3 há sevícia	e viram-me o rosto. Lutar com palavras parece sem fruto. Não têm carne e sangue... Entretanto, luto. Palavra, palavra (digo exasperado), se me desafia, aceito o combate. Quisera possuir-te neste descampado, sem roteiro de unha ou marca de dente nessa pele clara. Preferes o amor de uma posse impura	Iludo-me às vezes, pressinto que a entrega se consumará. Já vejo palavras em coro submisso, esta me ofertando seu velho calor, aquela sua glória feita de mistério, outra seu desdém, outra seu ciúme, e um sapiente amor me ensina a fruir de cada palavra a essência captada, o sutil queixume. Mas ai! é o instante de entreabrir os olhos:

<p>que as traga de novo ao centro da praça.</p> <p>Insisto, solerte. Busco persuadi-las. Ser-lhes-ei escravo de rara humildade. Guardarei sigilo de nosso comércio. Na voz, nenhum travo de zanga ou desgosto. Sem me ouvir deslizam, perpassam levíssimas</p>	<p>e que venha o gozo da maior tortura.</p> <p>Luto corpo a corpo, luto todo o tempo, sem maior proveito que o da caça ao vento. Não encontro vestes, não seguro formas, é fluido inimigo que me dobra os músculos e ri-se das normas da boa peleja.</p>	<p>entre beijo e boca, tudo se evapora.</p> <p>O ciclo do dia ora se conclui e o inútil duelo jamais se resolve. O teu rosto belo, ó palavra, esplende na curva da noite que toda me envolve. Tamanha paixão e nenhum pecúlio. Cerradas as portas, a luta prossegue nas ruas do sono.</p>
--	--	---

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. "Procura da Poesia". *A Rosa do Povo*. In *Obra completa*. Poesia e Prosa — organizada pelo autor. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983. [p. 159]

_____. "O Lutador". *José*. In *Obra completa*. Poesia e Prosa — organizada pelo autor. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983. [p. 147]

ANTUNES, Irandé. *Território das palavras*. Estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico*

Aurélio. versão 7.0. Curitiba: Positivo. 2010.

CRAVO ALBIN, Ricardo. *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Edição online. Disponível em <http://www.dicionariompb.com.br>. Acesso em 20/06/2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. versão 7.0. São Paulo: Positivo Informática Ltda.

FIDALGO, António. “A semiose e a divisão da semiótica em sintaxe, semântica e pragmática”. Covilhã (POR): Universidade da Beira Interior. s/d. In <http://bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-semiose-divisao-semiotica.html> Acesso em 20/10/2012.

MELLO, Elomar Figueira. “Retirada”. In *Das Barrancas do Rio Gavião: Raridade*. Faixa 9. Gravadora Casa dos Carneiros. Vitória da Conquista/BA. 1999.

_____. *Sertanílias*. Vitória da Conquista. Edição do autor. 2008.

MERREL, Floyd. *Introducción a la Semiótica de C. S. Peirce*. VEN/Maracaibo: Ediciones Astro Data; AVS; Universidad del Zulia, 1998.

MORIN, Edgar. *A Religação dos Saberes*. O Desafio do Século XXI. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Portugal: Instituto Piaget, 1995.

NÖTH, Winfried. *Peircean semiotics in the study of iconicity in language*. Transactions of the Charles S. Peirce Society, v. XXXV, n. 3, p. 613-619, 1999.

PAIS, Cidmar Teodoro. “Conceptualização, Interdiscursividade,

Arquitexto,

Arquidiscursos”.

In

[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(23\)05.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(23)05.htm)

Consulta

em 20/10/2012.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica (The Collected Papers of Charles Sanders Peirce)*. Trad. J. Teixeira Coelho Neto. 2 ed. São Paulo: Perspectiva. 1990.

QUEIROZ, João. *Semiótica Segundo Peirce*. São Paulo; EDUC; FAPESP, 2004.

SANTAELLA, Lucia. *O Método Anticartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. *Matrizes da Linguagem e Pensamento*. Sonora. Visual. Verbal. São Paulo: Iluminuras / Fapesp. 2001.

_____. *Produção de linguagem e ideologia*. São Paulo: Cortez, 1996.

SIMÕES, Darcilia. *Iconicidade Verbal*. Teoria e prática. Rio de Janeiro: Dialogarts. 2009. Disponível em www.dialogarts.uerj.br
Consulta em 20/10/2012.

VILELA, Mario. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina. 1994.

PERFIL DOS AUTORES

<p>André L. M. Garcia</p>	<p>Mestrando em Letras pela FFLCH-USP, especialista em Tradução e Estudos Interculturais pela Universitat Autònoma de Barcelona. Bolsista Capes. Contato: andreunar@gmail.com</p>
<p>Claudia Maria Astorino</p>	<p>Professora Assistente do curso de bacharelado em Turismo da Universidade Federal de São Carlos, e doutoranda em Linguística Geral, sob a orientação da Professora Maria Aparecida Barbosa, junto ao Departamento de Linguística da FFLCH/USP. Contato: clauast@ig.com.br</p>
<p>Dalila dos Santos Hasmann.</p>	<p>Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/IBILCE, na linha de pesquisa de Estudos da Tradução – dalila_hasmann@yahoo.com.br</p>
<p>Darcília M. P. Simões</p>	<p>Prof^ª Associada de Língua Portuguesa (UERJ – ILE); PQ 2, Procientista; Líder do SELEPROT. Coord^ª dos Projetos Publicações Dialogarts, LABSEM e do GT de EAPLA (Anpoll). Mais detalhes em www.darciliasimoes.pro.br Contato: darciliasimoes@gmail.com</p>
<p>Diva Cardoso de Camargo</p>	<p>Pós-doutora em Estudos da Tradução por The University of Manchester (2003) e Livre-Docência em Estudos da Tradução pela UNESP (2005). Atualmente é Professor Adjunto-MS5, aposentada da UNESP, onde atua como</p>

	Professor Voluntário. Contato: diva@ibilce.unesp.br
Érica S. S. de Freitas	Doutoranda e mestre em Letras pela FFLCH-USP, especialista em Filologia pela PUC, membro do Grupo de Morfologia Histórica do Português (GMHP) e do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP). Bolsista Capes. Contato: ericafreitas@usp.br
Maria Aparecida Barbosa	Professora Titular, aposentada, do Departamento de Linguística da FFLCH/USP. Contato: mapbarbosa@uol.com.br
Maria Aparecida de Carvalho	Doutora em Letras (Universidade de São Paulo - USP). Técnica da Área Instrumental do Governo, Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral (SEPLAN-MT). Contato: decarvalhoma@gmail.com
Maria Suzett Biembengut Santade	Profª Titular e Coordª do Curso de Letras: Graduação e Pós-graduação. FIMI-SP / FMPFM-SP. Pós-Doutora em Letras (UERJ, 2006). Pós-Doutora em Educação: Ensino do Português (UMINHO-PT, 2008). Doutora em Educação (UNIMEP, 2002). Mestre em Educação (PUC-CAMP, 1998). Membro do SELEPROT. Contato: suzett.santade@gmail.com
Nilsa Areán-García	Possui Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa (USP, 2012). É integrante do GMHP, Grupo de Morfologia Histórica do Português, e do NEHiLP, Núcleo de Apoio à Pesquisa em

